

ENSAIOS DE GEOGRAFIA

REVISTA

31

V. 8, ABRIL DE 2022

RUA MONTE LÍBANO,
TERESÓPOLIS, RIO DE JANEIRO, BRASIL
25 DE AGOSTO DE 2021

16

**REVISTA
ENSAIOS DE
GEOGRAFIA**

CAPA

Rua Monte Líbano, Teresópolis, Brasil, agosto de 2022.

Luke Martins

Eu encaro a rua como um organismo vivo. Vias são como artérias, pedestres apressados, carros altos e barulhentos, crianças brincando, o tio que vende picolé... tudo e todos são partes essenciais desse ecossistema urbano e humano que construímos sem planejar e ajudamos a manter cada vez que saímos do universo particular de casa para a realidade do cotidiano. É louco pensar que para alguns rua e casa são a mesma coisa, não é? Calçadas são convertidas em palanques com a mesma facilidade que viram quarto para quem não tem escolha...

Rua é lugar de coexistência entre opostos, o rico e o pobre, o apressado e o ocioso, o orelhão e o smartphone... A foto mostra as ruínas de um elemento que já serviu de ponte entre familiares, colegas, amantes... Já foi portador de más notícias e já matou saudades... hoje serve de abrigo do Sol da chuva. As coisas mudam, o tempo passa, o orelhão vira artigo de bolso... A gente esquece, mas a rua não.

A rua se lembra.

Canon T7i, lente 50mm

Luke Martins

Fotógrafo

Contato: stumblerspeaker@hotmail.com

REVISTA ELETRÔNICA

ENSAIOS DE

GEOGRAFIA

A Revista Ensaios de Geografia é um periódico científico quadrimestral do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (PosGeo/UFF). O acesso ao seu conteúdo é livre e sua publicação se dá exclusivamente no meio digital. A revista tem como principal objetivo divulgar pesquisas dos estudantes de graduação e pós-graduação vinculadas à geografia e áreas afins, bem como ser um espaço de formação acadêmica e profissional, ao contar com a participação de estudantes nos processos editoriais.

Nesse sentido, busca-se divulgar a produção de artigos que contenham resultados empíricos relevantes e revisões teórico-conceituais que contribuam para o processo de ensino-aprendizagem, fundamental ao desenvolvimento do pensamento geográfico. Além disso, propõe-se publicitar produções artísticas como fotografias, poesias, desenhos e similares, desde que estabeleçam um diálogo com a referida área de conhecimento.

São aceitas contribuições nos seguintes idiomas: português, inglês e espanhol.

O conteúdo dos trabalhos é de inteira responsabilidade dos autores.

A revista não cobra nenhum tipo de encargo dos autores ou leitores.

EQUIPE EDITORIAL

CONTATO

Comitê Editorial da Revista Ensaios de Geografia

Endereço: Avenida Milton Tavares de Souza, S/N - Gragoatá,
Niterói-RJ.

Instituto de Geociências - Departamento de Geografia, CampusPraia
Vermelha. Universidade Federal Fluminense - UFF.

Telefone: (021) 2629-5953

E-mail: revistaensaiosdegeografia@gmail.com

Instagram: @ensaios_de_geografia

Facebook: <https://www.facebook.com/revistaensaiosdegeografia/>

EDITORES-CHEFE

Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Carvalho Giordani (UFF)

Prof. Dr. Daniel Pereira Rosa (UFF)

Prof.^a Dr.^a Flávia Elaine da Silva Martins (UFF)

EDITORES EXECUTIVOS

Guido Cruz de Assis (UERJ)

Lai Bronzi Rocha (UFF)

Mariana Covas Costa (UFF)

Yago Evangelista Tavares de Souza (UFMG)

EDITORES ASSISTENTES

Lucas Nascimento de Mattos (UFF)

Mateus de Novaes Maia (UFF)

Pedro Henrique Pereira Leite dos Santos (UFF)

ESTAGIÁRIOS

Caio Oliveira Portella (UFF)

Felipe da Costa Brito (UFF)

Juliana Cardoso Leite (UFF)

Laura Lovatte Macedo (UFF)

CONSELHO CIENTÍFICO

Prof. Dr. Diego Carlos Pereira (UFF)

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves (UNIFAL)

Prof.^a Dr.^a Rosemary Vieira (UFF)

MÍDIAS SOCIAIS

Nágila dos Santos Situba (UFF)

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho (UFES)

Débora Schardosin Ferreira (UERJ)

Diego Cervantes Ruiz (UAM, México)

Élida Pasini Tonetto (UFRGS)

Evânio Branquinho (UNIFAL)

Flávia Mattos (UFRJ)

Iany Elizabeth Da Costa (UFF)

Ilaina Damasceno (UERJ)

Lucas Tavares Honorato (UFF)

Luis Villacis Taco (UEA, Equador)

Maira Magnani Asencio (UFF)

Maria Adailza Martins de Albuquerque (UFPB)

Tatiana dos Santos Malheiros (UNIR)

AVALIADORES

Abraão Levi Mascarenhas
Adelcio Machado dos Santos
Alan da Silva Vinhaes
Alberto Yates Moroni
Alcione Santos de Souza
Alexandre Facuri Chareti
Alexandre Souza de Amico
Alexsandro Costa de Sousa
Aline de Lima Rodrigues
Aline Rozenhal de Souza Cruz
Arlon Cândido Ferreira
Ana Beatriz da Silva
Ana Claudia Carvalho Giordani
Anderson Muller Flores
André de Moraes
André Lima de Alvarenga
André Luiz Soares Pereira
Andrey Luna Saboia
Amanda Thereza Orozco Moraes de Souza
Antonio Nacílio Sousa dos Santos
Bernard Teixeira Coutinho
Brendo Francis Carvalho
Bruna Gautério
Bruna Laís Bertolini
Bruno José Rodrigues Frank
Bruno Lima Alves
Caê Garcia Carvalho
Camila da Silva Vieira
Carina Petsch
Carla Salgado
Carlos Augusto Abreu Tórnio
Cesar Alessandro Sagrillo Figueiredo
Christovam Reis dos Santos Filho
Clara Maria Fortunato
Claudia Rakel Pena Pereira
Clézio dos Santos
Cristiano Cassiano de Araújo
Cristiano Niederauer da Rosa
Cruz Garcia Lirios
Daiana de Almeida Matos
Dayana Aparecida Cruz
Dayana Debossan Coelho
Daniel Afonso da Silva
Daniel Araújo Sombra Soares
Daniel Pereira Rosa
Débora da Paz G. B. Ferraz

Débora Schardosin Ferreira
Dhione Andrade Figueiredo
Diana Paola Gutierrez Diaz
Diego Carlos Pereira
Diego Cervantes Ruiz
Diego Vicente Sperle da Silva
Diego Vieira Ramos
Diêmison Ladislau de Alencar
Dimitri Andrey Scarinci
Diogo Olivetti
Diosmar Filho
Eduardo Ribeiro Lacerda
Eduardo Henrique Barreto
Élida Tonetto
Eliseu Brito
Emerson Ribeiro
Evelyn de Castro Porto Costa
Everton Luís de Souza Júnior
Fábio Luiz Mação Campos
Fabricio Souza
Fernando Campelo
Fernando Henrique Ferreira de Oliveira
Fernando Januário Pimenta
Flamarion Dutra
Flavia Elaine Martins
Flavia Ferreira de Mattos
Flavia Jorge de Lima
Flavio Ribeiro de Lima
Franciele Miranda Dias
Francisco Elton Martins de Souza
Gabriel Romagnose Fortunato de Freitas
Gabriel Siqueira Corrêa
Gabriela Lima Diniz
Gabriela Rabello Martins
Ginno Pérez Salas
Giselle Ferreira Borges
Giovanni Raimundo
Glauciana Alves Teles
Glaycon de S. A. e Silva
Glenda Lislie Maciel Alves
Graziella Praça Orosco de Souza
Guilherme Ziebell de Oliveira
Gustavo Abreu Malaguti
Higor Mozart Geraldo Santos
Humberto Goulart Guimarães
Humberto Marinho de Almeida
Húrbio Rodrigues de Oliveira Costa
Iany Elizabeth Da Costa
Igor Armindo Rockenbach

Igor Carlos Feitosa Alencar
Ilaina Damasceno
Inocencio Borges Neto
Isabela Belmira Santos Giarola
Isabela Habib Canaan da Silva
Isabella Vitória C. P. Pedroso
Isabohr Mizza Veloso
Itaynara Batista
Jean da Silva Santos
Jéssica Marques Ramires Santana
João Victor Sanches Patrício
Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa
Joaquim Rauber
Jhonatan Silva Corrêa
José Eudázio Honório Sampaio
José Lucas Costa Ribeiro
José Roberto Henrique Souza Soares
Josy Dayanny Alves Souza
Juliana Nicoletti Ribeiro
Juliana Torres Pires
Junimar José Américo de Oliveira
Karine Bastos Leal
Kelly Soares Figueiredo
Larissa Lima de Souza
Leandro C. de Almeida
Leildo Dias Silva
Leonardo Arantes Ventura
Leonardo da Silva
Thomazini Leonardo Gama
Letícia de Carvalho Gianella
Leyla Carolina Méndez Caro
Lidiane Antonia Ferreira
Lilian Aparecida de Souza
Mauro Sérgio P. S. de Souza
Nathan Pereira Dourado
Nágila dos Santos Situba
Néliton Gomes Azevedo
Paloma Pereira da Silva
Patrícia Ziani
Rachel Cabral da Silva
Rafael Benevides de Sousa
Rafael Brito Gomes
Rafael de Souza Dias
Rafael Sousa Rodrigues
Rafaela Quintella Veiga
Raqueline da Silva Santos
Rayana Patrícia da Costa Cunha
Regís Lima da Silva
Renato de Sousa Ribeiro

Lorena Souza
Lucas Guedes Vilas Boas
Lucas Martins de Oliveira
Lúcia Cavalieri
Luis Villacis Taco
Luiz Antônio Evangelista
Luiz Augusto Soares Mendes
Lucas Nascimento Matos
Lucas Tavares Honorato
Madson José Nascimento Quaresma
Maiara Tavares Sodré
Maira Magnani Asencio Maria
Marcelo Martins de Moura Fé
Marcia Arteaga Pertuz
Márcio Luis Alves Paiva
Marco Ivan Rodrigues Sampaio
Marcos Henrique de Aguiar
Marcos Bohrer
Maria Carolina Almeida Dias
Maria Clara Oliveira da Cunha
Mariana Martins de Meireles
Mariane Félix da Rocha
Marieli Maria Pauli
Marília Baldo
Marina Aires
Mario Pires Simão
Mariza Fernandes dos Santos
Mateus de Novaes Maia
Mateus Fachin Pedroso
Matheus C. Bartholomeu
Maurício Rizzati
Naia Godoy Padovanni

Richard Oliveira Jardim
Rodrigo Cavalcanti do Nascimento
Rogério Cavalcanti do Nascimento
Rogério Rêgo Miranda
Rosemary Vieira
Sandoval dos Santos Amparo
Silvia Alina Silva Ferreira
Simone da Silva Flores
Suzana Campos
Tainã Peres
Taís de M. da Silva
Talita Rondam Herechuk
Tatiane de Cássia da Costa Malheiro
Tatiana dos Santos Malheiros
Tatiane Marques Calloni
Telma Regina Stroparo
Thaís Fernandes dos Santos
Thiago Adriano Machado
Thiago Alves de Oliveira
Thiago Bueno Saab
Thiago Canettieri
Thiago Maranhães Cabral
Tiago Dionísio da Silva
Tyrone Mello
Valeria Ysunza Pérez Gil
Victor Tinoco de Souza
Vinícius Henrique Mallman
Yago Evangelista de Souza
Yata Anderson Gonzaga

EDITORIAL

v. 8, n. 16, janeiro-abril, 2022

A presente edição inaugura mais um ano de atividades da Revista Ensaios de Geografia. Desde a nossa retomada, trabalhamos em busca da consolidação deste periódico enquanto um espaço de formação e construção do pensamento geográfico crítico e atento às questões que atravessam nossas realidades e cotidianos, enfrentando os desafios impostos a um comitê editorial majoritariamente estudantil.

Em meio a este percurso, já podemos sentir o quanto a Ensaios de Geografia tem crescido e se expandido. Prova disso é a nossa recente indexação à Rede Latinoamericana de Revistas em Ciências Sociais (LatinREV), ao Bielefeld Academic Search Engine (BASE) e à Rede Ibero-Americana de Inovação e Conhecimento Científico (REDIB). Além disso, os trabalhos do número atual trazem um novo template, que foi produzido por nossa equipe visando a projeção internacional e a adaptação a requisitos mínimos para indexação em outros portais.

Dentre as novidades que trazemos, também incluímos os novos vínculos de nossa equipe de Editores Executivos a outras Instituições de Ensino Superior, o que ocorre através da progressão de dois de nossos editores, egressos da graduação em Geografia da UFF, para os programas de pós-graduação da UERJ e da UFMG. Além disso, passamos a contar também com uma grande quantidade de pareceristas oriundos de diversas universidades nacionais e internacionais.

A capa do número atual é ilustrada por um registro do fotógrafo Luke Martins, cuja sensibilidade e capacidade de compreensão da cidade se conjugam em um retrato da rua como espaço das diferenças, de permanências e novidades e, sobretudo, do movimento. O Urbano se desvela nos detalhes: o pedestre segue seu caminho, dividindo espaço com os telefones públicos, mesmo em plena era dos celulares; a formalidade da vestimenta contrasta com as impactantes e subversivas marcas deixadas por pichadores. A fotografia foi captada na cidade de Teresópolis, na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro.

Os artigos, as leituras e as visualidades que compõem este número versam sobre diferentes temáticas. Em nossas apreciações, destacamos a luz que foi lançada sobre saberes não-hegemônicos através das metodologias trazidas em alguns dos artigos, tais como as histórias de vida e a cartografia participativa. Ressaltamos, também, a

leitura crítica acerca do lugar da Geografia na Educação Básica após as recentes reformas curriculares nacionais. Ademais, são estabelecidos diálogos da Geografia com a filosofia fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty. As leituras presentes nesta edição trazem consigo vozes e corpos que se expressam e se fazem ouvir enquanto produzem saberes e espaços. Na seção visualidades, as paisagens recifenses e cariocas desvelam o presente e o passado das cidades, a partir da análise histórica e do cotidiano.

Convidamos nossos leitores a embarcar nas reflexões promovidas por esta edição.

SUMÁRIO

ARTIGOS

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O PENSAR GEOGRÁFICO:
reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio
Bruna Gabriele de Oliveira Araújo e Antônio Kinsley Bezerra Viana..... p. 14 - 31

GEOGRAFIA E ANTIRRACISMO NA EDUCAÇÃO:
possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC
Bruna Machado da Rocha..... p. 32 – 44

CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA COMO DIÁLOGO ENTRE SABERES:
ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do
conhecimento
Daniel Sombra, Gilberto Pereira Rodrigues e Danilo do Rosário
Pinho..... p. 45 – 74

EXPLORANDO MEMÓRIAS DE LUGAR E LUGARES DE MEMÓRIA ATRAVÉS DE
HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS RESIDENTES NA SERRA DE PIABAS, SITUADA
NO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA, CIDADE DO RIO DE JANEIRO-RJ
Jean Lucas da Silva Brum..... p. 75 – 97

MERLEAU-PONTY E O PRIMADO DO CORPO COMO EXPERIÊNCIA NASCENTE
DA PAISAGEM
Lucas Kaliel Tavares de Sousa e Souza e Romeu Bacelar de Souza Neto.....
p. 98 – 123

LEITURAS

POR QUE EU NÃO POSSO SER DOREEN MASSEY?

João Carlos Nunes..... p. 124 – 125

MEU CONTEXTO

Thiago Borges..... p. 126 – 131

VISUALIDADES

A CAPTURA DO CAPTURADO CAPTURANTE NAS MARGENS DA ILHA DE DEUS,
RECIFE/PE

Luiz Carlos da Silva Filho..... p. 132 – 134

AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO

Rafael Alves de Freitas..... p. 135 – p. 147

SEÇÃO ARTIGOS

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O PENSAR GEOGRÁFICO: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio

BRAZILIAN EDUCATION AND GEOGRAPHIC THINKING: reflections on Geography teaching and new high school

LA EDUCACIÓN BRASILEÑA Y EL PENSAMIENTO GEOGRÁFICO: reflexiones sobre la enseñanza de Geografía y la nueva enseñanza media

 [Bruna Gabriele de Oliveira Araújo](#)¹

Universidade Estadual do Ceará (UECE),
Ceará, Brasil
E-mail: bgoa.geo@gmail.com

 [Antônio Kinsley Bezerra Viana](#)²

Universidade Estadual do Ceará (UECE),
Ceará, Brasil
E-mail: antonio.viana1@prof.ce.gov.br

Resumo

A educação brasileira passou por algumas mudanças nas últimas décadas, superando abordagens e práticas pedagógicas meramente conteudistas e descritivas para atuar como um importante instrumento de transformação social e formação cidadã. Em vista disso, o Estado passa a ver a educação como ferramenta imprescindível para a superação dos problemas sociais brasileiros. Nesse contexto, a Geografia atuou de modo a colaborar na instrução dos alunos, auxiliando no desenvolvimento de uma melhor compreensão de mundo e na concepção de novos valores e de um senso crítico, contribuindo ativamente para o desenvolvimento da educação brasileira. Atualmente, sob os novos parâmetros propostos pela BNCC e instituídos através do Novo Ensino Médio, a Geografia é relegada a um outro patamar, sendo vista como apenas um componente das ciências humanas. Este artigo busca refletir sobre os caminhos que seguiram a educação brasileira e a geografia escolar, tratando das adversidades a serem superadas pela Geografia e seus professores.

Palavras-chave

Ensino de Geografia; BNCC; Novo Ensino Médio

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professora da Rede de educação privada. Fortaleza – Ceará.

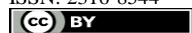
² Doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professor da Rede de Ensino Básico do Ceará. Fortaleza – Ceará

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

Brazilian education has undergone some changes in recent decades, overcoming pedagogical approaches and practices that were merely content and descriptive to act as an important instrument of social transformation and civic education. In view of this, the State began to perceive education as an indispensable tool for overcoming Brazil's social problems. In this context, Geography worked in collaborating with the instruction of students, assisting in the development of a better understanding of the world and in the conception of new values and critical sense, contributing actively to the development of Brazilian education. Currently, under the new parameters proposed by BNCC and instituted through the New High School, Geography is relegated to another level, being seen only as a component of the human sciences. This article seeks to reflect on the paths that followed Brazilian education and school geography, dealing with the adversities to be overcome by Geography and its teachers.

Keywords

Geography Education; BNCC; New High School

Resumen

La educación brasileña ha sufrido algunos cambios en las últimas décadas, superando enfoques y prácticas pedagógicas meramente conteudistas y descriptivas para actuar como un importante instrumento de transformación social y formación ciudadana. En vista de ello, el Estado pasa a ver la educación como herramienta imprescindible para la superación de los problemas sociales brasileños. En ese contexto, la Geografía actuó de modo a colaborar en la instrucción de los alumnos, auxiliando en el desarrollo de una mejor comprensión del mundo y en la concepción de nuevos valores y de un sentido crítico, contribuyendo activamente al desarrollo de la educación brasileña. Actualmente, bajo los nuevos parámetros propuestos por la BNCC e instituidos a través de la Nueva Enseñanza Media, la Geografía es relegada a otro nivel, siendo vista como solo un componente de las ciencias humanas. Este artículo busca reflexionar sobre los caminos que siguieron la educación brasileña y la geografía escolar, tratando de las adversidades a ser superadas por la Geografía y sus profesores.

Palabras-clave

Enseñanza de Geografía; BNCC; Nueva Enseñanza Secundaria

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Introdução

A educação brasileira no decorrer da sua história sempre foi marcada por inúmeros obstáculos e graves disparidades regionais. Tais problemas dificultaram por muito tempo o avanço educacional e a consolidação de uma rede nacional de ensino que permitisse o acesso à educação de forma ampla e irrestrita à nossa população. Um exemplo mais evidenciado nas escolas relaciona-se com a falta de infraestrutura e poucos investimentos na capacitação dos docentes.

Apesar das primeiras práticas educativas terem sido de responsabilidade da igreja católica, sendo encarregada por implantar um modelo confessional católico estruturado a partir do *Ratio Studiorum*³ jesuítico, somente com a reforma pombalina e a tentativa de modernizar a gestão pública do Estado português ocorreu a implantação de um novo modelo de “aulas régias” em Portugal e suas colônias, introduzindo as concepções iluministas de ensino, idealizando uma educação universal, laica e moderna. Infelizmente, tal modelo acabou se mostrando inviável no Brasil por falta de investimentos e profissionais habilitados, dificultando o letramento e a educação formal para a maioria da população. Apesar desses contratempos, tal reforma e seus ideais influenciaram a consolidação do modelo liberal para o ensino que se perpetuou desde então.

A educação tradicional influenciada pelos ideais iluministas tratou de universalizar o ensino ao mesmo tempo que buscava proporcionar uma sólida e extensa base teórica. O professor assume o pilar central do processo de aprendizagem porque é ele quem planeja as atividades e organiza o vasto conteúdo, relegando ao aluno uma ação secundária, sendo visto como um receptáculo do conhecimento, refletindo uma educação enciclopédica e acrítica, características primordiais desse tipo de ensino. Menezes e Kaercher (2015) complementam que as tendências de práticas tradicionais perduram e as mudanças no ensino ocorrem lentamente, como visto no trecho a seguir:

[...]predominam práticas pedagógicas tradicionais, conteudistas e reprodutivistas nas instituições educativas. Este ensino conservador, ainda

³ *Ratio studiorum* - conjunto de normas que regulamentava o ensino nos colégios jesuíticos. Sua finalidade era estruturar os métodos, atividades e funções em todas as esferas do processo educativo (Saviani, 2011).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

hegemônico nas salas de aula, é oriundo da própria história do ensino escolar. Ou seja, o ensino escolar moderno passou por uma evolução lenta, assim como o processo de profissionalização da docência[...]. (MENEZES, KAERCHER, 2015, p. 40)

Apesar de todos esses entraves, no início do século XX se consolidaram novos ideários pedagógicos, provocando intensas reformas no sistema educacional brasileiro, influenciando suas ações durante muitas décadas. O movimento Escola Nova, sistematizado no Brasil a partir do Manifesto dos Pioneiros da Educação e estruturado em meados de 1932, tinha por objetivo garantir uma educação capaz de ajudar no desenvolvimento epistêmico e analítico dos alunos, na medida que os preparava para serem membros de uma sociedade moderna, fomentando os meios intelectuais e morais para que os jovens fossem capazes de cumprir os seus deveres cívicos e profissionais para com a nação. Para Santos et al. (2006), a Escola Nova contribuiu consideravelmente com a educação brasileira, deixando alguns legados importantes, entre eles: dar voz aos estudantes, possibilitando que estes participem ativamente no processo educativo; e trazer para as instituições escolares a perspectiva de um pensamento científico e autônomo.

Com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1971 e as reformas subsequentes, o ensino foi tratado como um agente de desenvolvimento e transformação social. As práticas educativas foram orientadas a permitir a “autorrealização do educando”, a “qualificação para o trabalho” e o “exercício consciente da cidadania” (BRASIL, 1971). Na prática, as escolas foram obrigadas a oferecer um ensino tecnicista de modo a atender as demandas nacionais. Tal proposta pedagógica muitas vezes era implantada nas escolas de forma autoritária e desvinculadas do contexto social (MENEZES, 2001). Nesse contexto, o sistema educacional não conseguiu atingir os resultados esperados e a educação continuava pautada numa concepção conteudista e no uso excessivo dos livros didáticos e dos manuais, limitando o potencial criativo e educacional de professores e alunos.

A Constituição Federal de 1988 e a posterior promulgação da LDB para a Educação, em 1996, veio para modernizar essa compreensão pedagógica, propondo novas tendências pedagógicas para o ensino básico, buscando não apenas a formação do aluno, mas também artifícios para superar os graves problemas estruturais e sociais que

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

permeiam o sistema educacional brasileiro. Apesar do Estado brasileiro compreender a educação como um dos agentes que fomentariam as mudanças necessárias para o desenvolvimento da nossa sociedade (SAVIANI, 1999), ainda se encontram obstáculos na educação, que vão desde o processo de ensino até a formação dos professores. De acordo com Algebaile (2013) os déficits são muitos, e vão desde:

A falta de escolas ou de salas nas escolas existentes, a insuficiência de professores para o atendimento das turmas constituídas, a alocação de turmas em instalações inadequadas e provisórias, a falta de transporte escolar, a irregularidade na realização das jornadas escolares e dos anos letivos, a descontinuidade na oferta dos diferentes anos, etapas e níveis de ensino, são alguns dos aspectos desse déficit [...]. (ALGEBAIL, 2013, p. 204).

A formação curricular do aluno na educação básica seria concebida de modo a colaborar na construção de uma consciência cidadã, permitindo que esses desenvolvessem uma capacidade analítica e crítica da realidade, bem como do conteúdo escolar, fomentando, dessa forma, o surgimento de habilidades e competências capazes de prepará-los para um mundo do trabalho dinâmico e globalizado, no qual os vários setores da sociedade exigem profissionais competentes, proativos e versáteis em diferentes áreas do conhecimento (BRASIL, 1997, p. 34).

A evolução da educação brasileira é percebida no desenvolvimento da geografia escolar e na compreensão da sua importância para os educandos. Apesar da disciplina, no início do século XX, ser vista como meramente descritiva, expondo as características socioespaciais do território brasileiro, já era notório as mudanças que a Geografia deveria realizar no âmbito escolar e a importância do professor e da sua formação acadêmica para explorar o potencial da disciplina na formação do educando, a fim de superar um ensino mecanizado, por exemplo. Tal fato fica demonstrado com a afirmativa de Pierre Monbeig (1957):

A maior parte do público culto tem uma ideia mais ou menos exata do que são a biologia, a geologia, a economia ou a sociologia, o mesmo público não acompanha o progresso das ciências geográficas, quando não ignora a sua existência. Para uns a geografia é confundida com narrativas dos viajantes; um geógrafo é um explorador, a rigor um cartógrafo; traz das suas viagens narrativas agradáveis de ouvir-se, sobretudo se tem a habilidade de ilustrá-las com belas imagens. Para outros, talvez numerosos, a geografia é uma lembrança extremamente penosa de sua infância. [...] Se são corretos esses dois modos de ver, é claro que a geografia é inútil, quando não perigosa; é um

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

absurdo ensiná-la, mais ainda praticá-la, e torna-se urgente fechar também os departamentos de geografia das faculdades de Filosofia e instituições como o Conselho nacional de Geografia! A menos que consigamos mostrar que a geografia contribui para o enriquecimento das mentes jovens e a sua formação. A menos que possamos mostrar a sua utilidade num mundo onde toda e qualquer ciência é também uma técnica, onde toda pesquisa leva a dar um instrumento útil à coletividade. É mister, portanto, estabelecer o valor da geografia no ensino e determinar sua utilidade como moderno instrumento de trabalho (MONBEING, 1957, p. 5).

Com os constantes questionamentos sobre as atribuições da Geografia enquanto ciência e disciplina escolar, ocorreram ao longo do século XX algumas ressignificações das bases conceituais e analíticas, surgindo formas diferentes de compreensão do mundo, levando os professores a repensarem o propósito da disciplina e o modo como os conteúdos deveriam ser abordados para melhor atender à formação dos estudantes. Essas mudanças permitiram a compreensão das espacialidades e suas diversas relações e escalas, tornando-se uma importante ferramenta metodológica para o ensino de geografia, possibilitando que os alunos desenvolvessem um pensamento espacial e um raciocínio geográfico (LIMA, 2010).

Um exemplo está no que chamamos de geografia crítica, na qual a abordagem analítica passou a questionar as contradições existentes no espaço globalizado, evidenciando as transformações espaciais e as desigualdades socioeconômicas. Tal corrente de pensamento, que surgiu no final de 1970, passou a influenciar tanto a geografia acadêmica quanto a forma que a disciplina era trabalhada nas escolas.

A geografia escolar deixa de ter um foco meramente descritivo e quantitativo das paisagens e dos processos ali existentes para propor uma interpretação crítica e analítica das realidades que são cotidianamente evidenciadas aos alunos brasileiros. A disciplina assumia o papel de esclarecer às crianças e jovens os processos existentes nos territórios e como essas lógicas imprimiam determinadas características espaciais e porventura agravavam as contradições econômicas e sociais (VLACH, 2008).

O ensino de geografia passa a apreciar tal abordagem nas aulas, colaborando para a formação de cidadãos questionadores. O espaço geográfico passa a ser visto como uma construção social, refletindo as características das sociedades que o estruturam.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

A valorização do pensamento geográfico na educação brasileira

O ensino de geografia, assim, como a própria ciência geográfica, avançou com o propósito de colaborar no desenvolvimento de uma consciência cidadã plena, capaz de analisar criticamente os diversos problemas sociais e econômicos inerentes ao espaço geográfico, observando suas causas, e principalmente, as consequências decorrentes desses processos. Para Cavalcanti (1999):

Admitindo-se que o objetivo mais geral do ensino de Geografia é o de desenvolver o pensamento autônomo dos alunos do ponto de vista do raciocínio geográfico, tem-se considerado importante organizar os conteúdos de ensino com base em conceitos básicos e relevantes, necessários à apreensão do espaço geográfico. A ideia é a de que se deve encaminhar o trabalho com os conteúdos geográficos e com a construção de conhecimentos para que os cidadãos tenham uma consciência da espacialidade das coisas, nas coisas, nos fenômenos que eles vivenciam mais diretamente ou que eles vivenciam enquanto humanidade (CAVALCANTI, 1999, p. 132).

Em vista disso, o conhecimento geográfico foi considerado com um importante valor para a instrução dos alunos ao longo da sua vida acadêmica. A geografia enquanto disciplina escolar passa a tomar proporções extraclasse, pois o professor de geografia ao compreender a realidade dos seus alunos conseguia inseri-los em um contexto geográfico, aproximando-os das suas realidades socioespaciais. Conforme Santos (2010, p. 25), essa nova perspectiva não se ampara em uma geografia meramente descritiva, para ele “os novos tempos dão lugar a uma realidade vivida pelo educando e a sua situação nesse contexto.”

Tal processo permitiu a estruturação de novas competências, associadas aos preceitos das outras disciplinas, permitindo uma maior autonomia dos alunos e diversificação da sua base intelectual e cultural, princípios essenciais para pautar suas ações e análises diante de um mundo globalizado. Esses elementos estabelecem o importante papel da geografia para a formação dos alunos, e, por conta disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio afirmam que:

O aluno do século XXI terá na ciência geográfica importante fonte para sua formação como cidadão que trabalha com novas ideias e interpretações em escalas onde o local e o global definem-se numa verdadeira rede que comunica

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

peças, funções, palavras, ideias. Assim compreendida, a Geografia pode transformar possibilidades em potencialidades (re)construindo o cidadão brasileiro (BRASIL, 1998, p. 31).

Nesse sentido, a geografia atua como um elemento que fomenta o surgimento e a compreensão de novas ideias e informações sobre o espaço geográfico, além das dinâmicas que nele se instalam, integrando diversas metodologias e saberes de outras áreas da ciência.

Sabendo das potencialidades que a geografia permite, os PCN's propiciaram a integração dos conhecimentos e das disciplinas afins. Consequentemente, os conteúdos da geografia foram estruturados através de eixos temáticos, além de temas transversais que devem perpassar por todas as áreas. Essa ação permite uma maior interdisciplinaridade e contextualização entre as disciplinas e seus conteúdos, permitindo, assim, o surgimento de novas técnicas voltadas para o ensino e a aprendizagem (COSTA E LOPES, 2009).

Os PCN's recomendam que o ensino de geografia seja focado na valorização dos conceitos-chave como instrumentos capazes de auxiliar os estudantes nas análises do espaço geográfico. Para tanto, os PCN's devem ser trabalhados de forma que permitam uma análise mais complexa das ações humanas na superfície terrestre. Sendo assim, ao se trabalhar conceitos como paisagem, território, lugar, entre outras categorias de análise utilizadas na geografia, é possível interagir com outras áreas do conhecimento, construindo uma visão integrada do espaço geográfico e dos diferentes modos de interação sociedade-natureza, colaborando no desenvolvimento de novos valores, normas, atitudes e condutas dos educandos, e na compreensão das informações e suas realidades (ARESI, 2018).

Pensando na complexa e diversificada rede educacional brasileira, na qual é possível perceber características distintas nas escolas e nas suas abordagens, em que cada vivência determina a organização de um conjunto distinto de práticas educacionais para se adequar ao cotidiano escolar das comunidades e, ainda, buscando respeitar as singularidades de cada unidade educacional, foi elaborado um conjunto de diretrizes para estabelecer uma base curricular comum para o sistema educacional do país, orientando as

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

ações e as propostas pedagógicas, de modo a atender a multiplicidade das demandas nacionais.

Os PCN's tiveram o intuito de minimizar as dificuldades em se trabalhar os conteúdos e as práticas educativas, orientando as temáticas e conseqüentemente a bagagem teórica, ao passo que se estruturava um conjunto de saberes para colaborar na formação dos estudantes, respeitando suas realidades e os projetos político-pedagógicos das escolas. Dessa forma, possibilitando uma maior autonomia aos professores e alunos no processo de ensino-aprendizado, bem como as instituições para o desenvolvimento de valores que envolvessem a comunidade, criando objetivos comuns a serem alcançados, gerando conseqüentemente vínculos que extrapolavam o ambiente escolar.

Contando com base ampla de informações e envolvendo conteúdos gerais e específicos, foram estruturados a partir de 1997 as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's). Esse documento foi organizado em componentes e dividido por áreas do conhecimento e temas transversais, buscando integrar e complementar a formação escolar. No caso das ciências humanas, as temáticas relacionadas à geografia e à história foram direcionadas para se trabalhar assuntos que explorassem as características físicas e naturais do espaço, além das características culturais, políticas e econômicas da sociedade contemporânea, dando ênfase à realidade brasileira (ARESI, 2018).

Apesar das diretrizes que permitiram um direcionamento nas condutas pedagógicas e dos conteúdos, houve a necessidade da implantação da Base Nacional Comum Curricular para dar continuidade às políticas educacionais articuladas nos documentos anteriores. Para isso, foi preciso vincular e sistematizar interesses e propostas educacionais, além de estabelecer novas diretrizes para a educação básica. Sua função é estabelecer parâmetros para uma base curricular comum para todo o sistema educacional, respeitando as especificidades regionais, inerentes a cada realidade.

No entanto, a BNCC não é apenas um currículo comum regulamentado a toda a rede educacional brasileira. É a estrutura que norteará os princípios nos quais as redes municipais, estaduais e particulares irão organizar seus currículos de acordo com suas

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

especificidades, permitindo que os alunos desenvolvam o conjunto de habilidades e competências para consolidar sua formação acadêmica e cidadã.

Nesse contexto, a BNCC traça um conjunto de objetivos a serem alcançados no processo de aprendizagem e no consequente desenvolvimento dos estudantes, estabelecendo metas a serem cumpridas a cada ano do ensino básico. Para atingi-las, deve haver a interação direta entre: os planos de aulas, currículos, Projetos Políticos Pedagógicos (PPP's) e a BNCC, garantindo, assim, a estruturação das habilidades e competências que venham a colaborar no desenvolvimento da cidadania e para o mundo do trabalho.

No caso da geografia, a BNCC busca implementar um conjunto de valores que permita aos educandos estruturar um pensamento espacial e um raciocínio geográfico em todas as etapas do ensino, como por exemplo nos anos iniciais do ensino fundamental, nos quais uma das preocupações principais refere-se a valorizar e problematizar as vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, de forma lúdica; por meio de trocas, da escuta e de falas sensíveis dentro dos mais diversos ambientes educativos.

Além de cooperar no processo de construção da identidade, auxiliando na compreensão e no fortalecimento das relações socioespaciais, a geografia, portanto, deve entre outras coisas, atuar como uma ferramenta capaz de vincular o sujeito ao espaço que o circunda, criando conexões que garantam aos jovens o aprofundamento dos conhecimentos sobre si, sua comunidade e o mundo que os cerca.

Na BNCC, a geografia é demonstrada como a ciência que consegue auxiliar os estudantes na compreensão do mundo em que habitam, como um ser atuante e que deverá entender as diferentes realidades vivenciadas no planeta. Hoje, este documento destaca-se, pois aborda a geografia de diferentes formas e olhares. Além disso, a Geografia contribui estimulando o “raciocínio espaço-temporal”, revelando o homem como agente produtor do espaço e como suas ações historicamente afetaram a sociedade e o local onde ele atua (LIMA, 2020).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Embora a BNCC reconheça a importância da geografia para a base curricular, a estruturação dos conteúdos em grandes áreas do conhecimento, buscando garantir a interdisciplinaridade das temáticas, apenas colabora para a perda das identidades das disciplinas escolares, estreitando o currículo e a colaboração das múltiplas abordagens científicas que cada área específica do saber pode mostrar. Com base nisso, Lima (2020) ressalta:

Preocupa a retirada da identidade das disciplinas com o discurso da interdisciplinaridade porque pode permitir que todo professor formado “em qualquer componente curricular que acompanha as Ciências Humanas poderá ministrar aulas, independentemente de sua formação inicial – aqui estaria uma grande tragédia!”. As Ciências Humanas imprimiram uma leitura social à BNCC de Geografia, que já fazia parte da abordagem utilizada no ensino de Geografia. (LIMA, 2020, p. 18).

A unificação das disciplinas em grandes áreas do conhecimento parece uma ação contraditória, ao passo que os diversos documentos do Ministério da Educação (MEC) preconizam a importância do conhecimento geográfico e dos seus conteúdos para a formulação de componentes necessários para o desenvolvimento de uma educação moderna e cidadã, limita-se o potencial colaborativo das ciências geográficas para a formação dos alunos, pois uma parte significativa dos conteúdos que não se enquadram na área humana foram ignorados ou propostos de forma parcial.

O Novo Ensino Médio e os possíveis efeitos sobre a Geografia Escolar

Atualmente, a educação brasileira passa por mais uma reformulação, organizando-se de acordo com as mudanças propostas pela BNCC e articulando-se para ser implantada gradualmente a partir de 2022, cujo processo foi definido como “Novo Ensino Médio”. Essa nova fase da educação brasileira carrega consigo um misto de anseios: auxiliar o aluno a ter uma autonomia em escolher as disciplinas que são de maior interesse, permitindo um maior protagonismo na sua formação acadêmica.

Para melhor espacialização temporal, ressalta-se que a BNCC da educação infantil e do ensino fundamental foi aprovada em dezembro de 2017. Já a BNCC destinada para o ensino médio foi interrompida drasticamente por meio da Medida Provisória nº 746, na qual se propôs o Novo Ensino Médio. Por sua vez, esta Medida

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Provisória foi aprovada impositivamente em 8 de novembro de 2018 no Conselho Nacional de Educação, sem a apreciação dos especialistas acadêmicos e a devida participação da sociedade civil, causando revoltas e mobilizações em vários setores da educação (CORRÊA e GARCIA, 2018).

Nesse âmbito, a atual reforma consentiu que as disciplinas fossem agrupadas em áreas, visando a construção de habilidades e competências específicas a cada bloco. Esses conhecimentos ainda seriam aprimorados pelos Itinerários Formativos correspondentes, apesar da proposta indicar a construção de conteúdos, possibilitando o direcionamento do currículo, adaptando-o às demandas da comunidade escolar, e a possibilidade de introduzir também uma formação técnica que colaborasse para a instrução profissional, através da ampliação da carga horária em tempo integral. Conforme nos mostram Costa e Silva (2019):

As principais alterações promovidas na LDB (Lei nº 9.394/96) pela reforma do ensino médio são: a ampliação da carga horária anual, de 800 para 1.400 horas; a inclusão obrigatória pela BNCC referente ao ensino médio de estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia; e a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa e da matemática nos três anos do ensino médio. Os currículos do ensino médio deverão levar em conta a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais. O currículo do ensino médio será composto da BNCC e de itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, também consideradas áreas do conhecimento, [...] A substituição da histórica organização curricular disciplinar por itinerários formativos específicos, com ênfase em cinco áreas do conhecimento e sem a obrigatoriedade da área de ciências sociais, atende a funções utilitaristas, como a formação para um possível mercado de trabalho, subsumindo sobretudo a função de formação para a cidadania, prevista em legislações anteriores (COSTA; SILVA, 2019, p. 8).

Essa reestruturação provocou alguns problemas ao supervalorizar um caráter funcionalista da educação, buscando atender demandas políticas e socioeconômicas, em detrimento aos ideais de desenvolvimento social. De modo a possibilitar a ocorrência da supressão de conteúdos e valores que permitiriam um maior entendimento da realidade e da construção da cidadania.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Na prática, ao subdividir os conteúdos por áreas gerais do conhecimento, não há distinção de qual disciplina/professor trabalhará determinadas competências e habilidades, tornando esse fato prejudicial para o aluno. Afinal, cada disciplina, mesmo sendo de áreas comuns da ciência, tem formas diferenciadas de compreender as temáticas e a própria realidade socioespacial.

Como um professor que não seja das ciências geográficas, mesmo tendo uma formação na "área das humanidades", trabalhará corretamente os conceitos-chave da geografia? Tal fato ocorre constantemente com os professores com formação em pedagogia que atuam como polivalentes, abrindo precedentes para lacunas que por vezes são mantidas ao longo da formação do estudante.

Atualmente algumas escolas já estão aderindo gradativamente ao Novo Ensino Médio em sua grade curricular. Com isso, surgem alguns questionamentos: a geografia será desvalorizada? A disciplina de Geografia, não obrigatória, continuará exercendo um papel de destaque no processo de construção de cidadãos críticos e conscientes da sua realidade socioespacial? Muitos são os receios com a implantação desse novo modelo. Parte deles provém do fato que durante o ensino médio serão obrigatórias apenas as disciplinas de língua portuguesa, inglês e matemática. Em vista disso, Chagas et al. afirmam:

Esta nova base se constitui em um conjunto de mudanças estruturais no currículo do Ensino Médio, cujo espaço concedido à Geografia demonstra tamanha desvalorização pela disciplina e seu conjunto de saberes, posto que a mesma se dilui em meio a História, Sociologia e Filosofia. Isto é, a disciplina perde seu caráter obrigatório como componente curricular, e corresponde à área das Ciências Humanas e Sociais aplicadas (CHAGAS et al., 2019, p. 132).

Da mesma maneira, o desenvolvimento de habilidades e competências, fundamentado na organização de áreas do conhecimento, na qual a geografia encontra-se dentro das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, provoca uma fragmentação analítica no processo de aprendizagem.

Isso acontece porque a capacidade de explicar o espaço humanizado e natural de forma integrada é cerceado com a separação por área, visto que tanto à base física da geografia deveria dialogar com componentes das áreas de Ciências da Natureza e suas

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Tecnologias quanto a geografia humana poderia se apropriar de vários tópicos das Linguagens e Códigos, o que não ocorre no processo atual de organização curricular. Dificultando, assim, a capacidade do professor de geografia em explicar o espaço geográfico de forma integrada e dos alunos em compreendê-lo na perspectiva das ciências geográficas.

Em 2021, como essa sistemática ainda se encontra em um período de “teste”, em alguns casos a geografia é mantida com o seu caráter obrigatório, contudo, com sua carga horária um pouco maior. Geralmente, a grade curricular da geografia é de duas horas/aula por semana. Com a implementação do Novo Ensino Médio, há a sugestão de se aumentar a carga horária para três horas/aula por semana, ou compor disciplinas temáticas para auxiliar nos itinerários formativos, e, assim, atender a nova demanda.

Em meio a um período pandêmico, as escolas viram uma boa oportunidade para testar como se comportaria a grade curricular com as mudanças. É importante destacar que, além da opção da escolha pelas disciplinas a serem cursadas pelos alunos, haverá uma complementação com os itinerários formativos, nos quais serão abordados assuntos interdisciplinares. Foi identificado que algumas editoras nomeiam esses itinerários formativos; no caso, o atrelado à geografia, por exemplo, chama-se: Observatório Geográfico.

O que teremos que vivenciar e descobrir ao mesmo tempo é que nível de maturidade os alunos possuem para escolher as disciplinas a serem cursadas. Levando em conta esses e outros questionamentos, Chagas et al. (2019) reitera as seguintes afirmativas:

Quem terá condições de escolher exatamente qual itinerante deseja seguir? Pensando na questão financeira administrativa das escolas públicas estaduais, quais e quais I.F. elas conseguiram oferecer? As diferenças entre a rede pública e a rede privada estão sendo levadas em consideração? O campo de escolha profissional do jovem pobre não ficará limitado em virtude da sua geografia? (CHAGAS et al, 2019, p. 13).

Com todas as adversidades vivenciadas, e tendo em vista as disparidades entre as instituições públicas e privadas de ensino, até que ponto esta reforma do ensino médio será eficaz? Será que existirá uma aproximação dos conteúdos com a realidade dos alunos? Para Corrêa e Garcia (2018):

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

[...] essas alterações seriam uma resposta às novas demandas profissionais do mercado de trabalho, pois segundo o próprio governo, o novo modelo de EM permitiria que cada jovem seguisse o seu caminho profissional, através de suas escolhas e de sonhos, independente se fosse para continuar seus estudos no nível superior, ou se fosse para obter uma formação e inserir-se no mundo do trabalho. (CORRÊA; GARCIA, 2018, p. 609).

Ao observar o que é proposto com tais mudanças, é notório que surjam resquícios da antiga educação tecnicista, na qual se procura produzir apenas “técnicos” e pouco se preocupa em formar cidadãos. Como utilizado para divulgação da reforma do ensino médio, o *slogan*: “Quem conhece, aprova”, será mesmo aprovado e efetivo na vida dos discentes, enquanto pessoas críticas e futuros profissionais?

Conclusão

O Ensino de Geografia e suas práticas antecederam à própria Geografia Acadêmica no Brasil, pois na história da educação brasileira está registrado a introdução da Disciplina de Geografia na grade curricular do Colégio Pedro II em meados de 1837, enquanto o primeiro curso surgiu somente em 1934, na USP (CHAGAS et al. 2019). Nesse meio termo, tanto a geografia escolar e suas práticas educativas quanto a geografia acadêmica passaram por relevantes mudanças, deixando de ser um conhecimento meramente descritivo das paisagens e das características regionais brasileiras para se tornar uma ciência/disciplina capaz de analisar o espaço geográfico enquanto construção social, revelando o homem como agente produtor e transformador da paisagem e como suas ações historicamente afetaram a sociedade e o local onde ele atua (SANTOS, 2014).

Por conta dessas competências, o MEC reconhece a importância da geografia e do pensar geográfico para o processo de formação dos alunos, ratificando a sua relevância em vários documentos citados anteriormente. Os desafios da geografia escolar vão além de prover meios pedagógicos que permitam aos alunos a evolução de um pensamento geográfico, capaz de analisar criticamente um mundo globalizado em permanente transformação. A geografia assume, nesse contexto, uma natureza ainda mais significativa, pois auxilia na formação de cidadãos questionadores e conscientes da realidade brasileira, contribuindo para superar um conjunto de problemas estruturais,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

conjunturais e ideológicos que afetam não só o ensino de geografia, mas a educação brasileira em sua totalidade.

E, se considerarmos as desigualdades sociais brasileiras e as condições da grande maioria da população, a educação é, por vezes, a única oportunidade que milhares de jovens têm para agregar conhecimento, culturas e habilidades, e por fim, superar as dificuldades e as condições degradantes da vida.

É possível observar em pleno século XXI a existência de problemas históricos a serem superados pela educação brasileira, e ainda hoje não foram devidamente solucionados. Dentre eles podemos mencionar: a falta de investimentos, sejam estruturais ou salariais, ou na contínua oferta de uma base técnica-pedagógica sólida aos profissionais da educação.

Devemos mencionar ainda a indispensabilidade do acesso a uma formação de qualidade e que possa ser continuamente aperfeiçoada para aprimorar os conhecimentos e as práticas pedagógicas. Conforme Dias, Machado e Nunes (2009), a formação dos professores deve ser tratada como uma garantia para superar antigos modelos e práticas educacionais.

Contudo, com a implementação do Novo Ensino Médio, é colocado em questionamento o quão eficaz será essa reforma, tendo em vista que são evidenciados alguns resquícios de um sistema educacional antigo, arrisca-se dizer, oriundo de uma vertente tecnicista e funcionalista, preocupada apenas em gerar trabalhadores com baixa formação e sem consciência crítica e de classe que possam ser cooptados pelo liberalismo econômico.

A educação, enquanto agente de formação cidadã e desenvolvimento social, está sendo contida em detrimento dos direitos e garantias educacionais duramente conquistados ao longo dos anos. Tudo isso, em nome de uma pseudo-interdisciplinaridade do conhecimento que despreza conteúdos e divisões disciplinares tradicionais para impositivamente tentar construir habilidades e competências que venham moldar os alunos à nova realidade que se apresenta. Contudo, o preço para a educação brasileira e professores pode ser demasiadamente alto.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Com isso, existem muitas dúvidas em relação a como será esta nova realidade em escolas públicas e privadas, tendo em vista que os alunos formados dentro dessas instituições, geralmente, possuem e saem com objetivos de vida diferentes. Engendra-se a necessidade da defesa de uma educação universal, que respeite as diversidades e as pluralidades regionais e locais, e contrarie interesses obtusos desvinculados da realidade e do compromisso social e transformador da educação, tão defendido pela Constituição Federal de 1988 e a LDB nº 9.394/96.

Referências Bibliográficas

ALGEBAILLE, E. A expansão escolar em reconfiguração. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 8, n. 15, 2013.

ANDREIS, A. M. **Ensino de geografia: fronteiras e horizontes**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2012. p.215.

ARESI, C. A geografia e as bases legais: PCNS, DCNS E BNCC. **Anais do XXXV Encontro Estadual de Geografia: “A diversidade da geografia e a geografia da diversidade nas primeiras décadas do século XXI”**. 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Brasília: MEC/CONGRESSO NACIONAL, 1971.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia /Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALCANTI, L. S. Propostas Curriculares de Geografia no Ensino: algumas referências de análise. **Revista Terra-Livre**, n. 14. p.14, 1999.

CHAGAS, G. de S; SILVA, M. S; SIQUEIRA, P. H. D. A Geografia e o “Novo Ensino Médio”: Uma análise curricular. In: CAMPONES, K.C.C. **A interlocução de saberes na formação docente**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 253.

CORRÊA, S. de S; GARCIA, S. R. de O. Novo Ensino Médio: Quem conhece aprova! Aprova?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 2. p. 604-622, 2018.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

COSTA, H. H. C; LOPES, A. C. Políticas de currículo para o ensino de geografia: uma leitura a partir dos PCNs para o ensino médio. **Revista Contemporânea de Educação**; v. 4, n. 7, p. 201-221, 2009.

COSTA, M. de O; SILVA, L. A. Educação e democracia: Base Nacional Comum Curricular e novo ensino médio sob a ótica de entidades acadêmicas da área educacional. **Revista Brasileira de Educação** v. 24. p. 1-23, 2019.

DIAS, A. A; MACHADO, C. J. dos S; NUNES, M. L da S. CURRÍCULO, FORMAÇÃO DOCENTE E DIVERSIDADE SOCIOCULTURAIS. In: **Educação, Direitos Humanos e Inclusão: currículo, formação docente e diversidade socioculturais**. DIAS, A. A; MACHADO, C. J. S; NUNES, M. L. S. João Pessoa: Editora da Universitária da UFPB, 2009. p.284.

GHIRARDELLI JUNIOR, P. **História da educação brasileira**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

MELO, A. de; URBANETZ, S. T. **Fundamentos de didática**. Curitiba: Ibepex, 2008, p. 186.

MENEZES, E. T. Verbete pedagogia tecnicista. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/pedagogia-tecnicista/>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

MENEZES, V, S; KAERCHER, N. A. A formação docente em geografia: por uma mudança de paradigma científico. **Giramundo**, v. 2, n. 4, p. 47 - 59, 2015.

SANTOS, I. S. F. PRESTES, R. I. VALE, A. M. Brasil, 193-1961: Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. **Revista HISTEDBR On-line**, n.22, p.131 -149, 2006.

SANTOS, M. Geografia: além do professor?. **GEOgraphia**, v.13, n.25. p. 7-15. 2011.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 136.

SANTOS, R. M. R. dos; SOUZA, M. L. de. **O ensino de geografia e suas linguagens**. Curitiba: Ibepex, 2010, p.55.

SAVIANI, D. **Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino**. Campinas: Autores Associados, 1999, p. 208.

SAVIANI, D. História das ideias pedagógicas no Brasil. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

OLIVEIRA, Bruna Gabrielle Araújo; VIANA, Antônio Kinsley Bezerra. A educação brasileira e o pensar geográfico: reflexões sobre o ensino de Geografia e o Novo Ensino Médio. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 14-31, janeiro-abril de 2022. Submissão em: 29/08/2021. Aceito em: 01/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

SEÇÃO ARTIGOS

**GEOGRAFIA E ANTIRRACISMO NA EDUCAÇÃO:
Possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC**

**GEOGRAPHY AND ANTI-RACISM IN EDUCATION:
Possibilities in Elementary Education from the BNCC**

**GEOGRAFÍA Y ANTIRRACISMO EN LA EDUCACIÓN:
Posibilidades en la Enseñanza Básica de la BNCC**

 [Bruna Machado da Rocha¹](#)

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: brunamr@id.uff.br

Resumo

Este artigo propõe analisar autores que abordam em suas obras como a Geografia estuda e concebe a racialidade. Nesse sentido, faz-se necessário compartilhar e enaltecer autores que já contribuem para caminhos antirracistas na Geografia. Analisando as Competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sugerem-se também direcionamentos para a instrumentalização de diretrizes que pautem práticas pedagógicas intencionadas ao antirracismo.

Palavras-chave

BNCC; Ensino de Geografia; Antirracismo.

¹ Graduada em Licenciatura em Geografia (UFF - Universidade Federal Fluminense).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

This article aims to analyze authors who approach how Geography studies and conceives raciality in their works. In this sense, it is necessary to share and praise authors who already contribute to anti-racist paths in Geography. From the analysis of the specific competences of Geography for Basic Education of the Base Nacional Comum Curricular (Common National Curriculum Base), we suggest directions for the instrumentalization of guidelines that may guide pedagogical practices aimed at anti-racism.

Keywords

BNCC; Teaching of Geography; Anti-racism.

Resumen

Este artículo se propone analizar autores que abordan en sus obras cómo la Geografía estudia y concibe la racialidad. En este sentido, es necesario compartir y elogiar a los autores que ya aportan a los caminos antirracistas en Geografía. Analizando las competencias específicas de Geografía para la Educación Básica de la Base Nacional Comum Curricular (BNCC), también se sugieren orientaciones para la instrumentación de directrices que orienten prácticas pedagógicas destinadas al antirracismo.

Palabras clave

BNCC; Enseñanza de la Geografía; Antirracismo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Introdução

Com as políticas de ações afirmativas e de cotas nas universidades públicas, um número inédito de jovens e adultos negros, periféricos e/ou em situação de vulnerabilidade econômica passam a se apropriar do espaço público, acadêmico e político, mesmo que de forma precária e incompleta. Esse fato proporcionou aos estudos acadêmicos uma ampliação cultural, intelectual e epistemológica, já que os espaços foram historicamente negados a essas populações. Com isso, estudantes negros, periféricos e/ou de baixa renda passam a escrever a própria história e propor novas visões de mundo e formas de conceber e construir o espaço, as relações e a educação, escolar e acadêmica e a política.

Em sua obra “Por uma Geografia Nova”, Milton Santos (2004) reconhece a utilização da Geografia (Clássica) como instrumento de conquista colonial, não sendo uma orientação isolada, particular a um país, afirmando que em todos os países colonizadores, houve geógrafos empenhados nessa tarefa, readaptada segundo as condições e renovada sob novos artifícios cada vez que a marcha da História conhecia uma inflexão. (SANTOS, p. 31, 2004). Na mesma obra, quando aborda sobre “*A Exclusão do Movimento Social*” (SANTOS, p.104-105, 2004), o autor afirma:

o espaço tem rugosidades e não é indiferente às desigualdades de poder efetivamente existentes entre instituições, firmas e homens. Todavia, o próprio fato de que as teorias espaciais e seus derivados - Economia Regional, Economia Urbana, Geografia Regional, Geografia Urbana, Análise Regional, Planificação Regional, Planificação Urbana etc. - em geral ignoram as estruturas sociais leva a que não se preocupem com os processos sociais. Acabam, simplesmente, por ignorar o homem. Por isso tais proposições não chegam a ser teorias, não passam de ideologias impostas ao homem com o objetivo de abrir caminho à difusão do capital. (SANTOS, p. 105, 2004)

Milton Santos (2004) estava, nessas passagens, fazendo uma crítica aos primórdios do uso da Geografia, fundada num contexto de ascensão da burguesia, de lutas imperialistas e de tensões políticas à vista dos europeus. Como o título de sua obra já propõe, Santos (2004) reconhecia a necessidade de uma nova Geografia. Essa nova Geografia, pode, entre tantas outras transversalidades, ser de fato, antirracista? Certa do potencial de nossa ciência, específico mais: como a Geografia do século XXI atua no combate aos racismos? O autor salienta que,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

"quando a ciência não é capaz de criar senão o que ela já conhece, está renunciando à sua grande missão" (SANTOS, p. 194, 2004), deste modo, proponho-me a entender e compartilhar o que pode ser uma das novas Geografias.

A Geografia está escrita e documentada massivamente como um saber de uso hegemônico, das grandes potências, dos privilegiados. Porém, como nós já sabemos, esse saber geográfico nunca foi um saber de uma mão só, nem de só um tipo de linguagem. Temos diversos pesquisadores que já percebem e deram o devido foco a narrativas ofuscadas pela produção objetiva e universalista da ciência, com Rogério Haesbaert, - em suas obras sobre território e derivações do conceito - Geny Ferreira Guimarães, - nos estudos de uma Geografia escolar, urbana e negra - Valter do Carmo Cruz, - em seus trabalhos na temática dos movimentos sociais - Mário Pires Simão, - dedicado às temáticas juventude, favela, território, cultura e educação e direitos à cidade - Denilson Araujo de Oliveira, - com experiência em espaço urbano e questão étnico-racial, movimentos sociais urbanos e novas metodologias para o ensino de África - Manoel Martins de Santana Filho, - com produções acerca do ensino de geografia, educação geográfica, metodologia de ensino e pesquisa, Geografia e prática docente - sem contar com uma geração ainda mais nova que já enriquece os debates acerca da Geografia e seu uso na sociedade, trazendo a questão racial como um fator indispensável.

Para Santos (1996/1997) a compreensão da questão étnico-racial no Brasil, passa pela compreensão do modelo cívico, modelo cultural e do modelo político brasileiro - “civildade” brasileira. “É impossível imaginar uma cidadania concreta que prescindia do componente territorial” (SANTOS, p. 144, 2012) e, por isso, é nossa função social - especificamente como professores - formar cidadãos críticos e democráticos na medida em que trabalhamos aspectos do contexto socioespacial e cultural de diversas áreas do mundo. O discurso da democracia racial, por muito tempo, impediu uma discussão mais densa sobre as relações étnico-raciais na sociedade brasileira. A ausência deste debate acabou por naturalizar as desigualdades raciais, resultando numa tênue fronteira entre raça e classe, - como apontam Passos e Nogueira (2019) - visto que, “acreditar que o aspecto econômico é o principal fator de desigualdade, ignora os efeitos perversos do racismo existente na sociedade brasileira” (PASSOS e NOGUEIRA, p. 8, 2019). A Geografia não se deve omitir ou desviar desse debate, já que o mito da democracia

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

racial, é um fator determinante em diversas das nossas áreas, como estudos de população, formação socioespacial brasileira, por exemplo, sendo aplicada tanto no meio urbano quanto agrário, e com isso em diferentes paisagens e contextos. Deste modo, enxergo os profissionais da ciência geográfica como um braço, uma potencial extensão na ação e no trabalho de base do Movimento Negro no Brasil.

Como um sujeito-objeto desse estudo - sujeito implicado - as tensões postas fazem parte da minha construção pessoal e acadêmica. Estar nessa posição como pesquisadora, não torna meu trabalho menos legítimo, mas passível de recortes específicos e de uma bagagem de conhecimentos e informações cotidianas e empíricas não científicas, não necessariamente objetivas, mas evidentemente ricas em detalhes e práxis e com isso a “superação das pretensões de neutralidade e objetividade tão promulgadas pelo paradigma positivista nas ciências” (PAULON, p. 18, 2005) é explorada.

Geografias negras - um caminho já aberto

Milton Santos não só é a maior representação da Geografia brasileira, como também é uma representatividade à população negra. Seus saberes e trajetória acadêmica encaminham este trabalho, como também uso de seus saberes mais amplos e complexos sobre a Geografia, suas concepções do espaço, das relações sociais, do urbano e da cidadania. Aliado às obras do mestre Santos, uma fonte riquíssima é Renato Emerson Nascimento dos Santos por sua dedicação aos estudos sobre o espaço urbano protagonizando a favela e a educação antirracista, a partir de sua consistência em obras sobre ensino de Geografia, destrinchando a Lei 10.639 de 2003 (altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira) e a Lei 11.645 de 2008 (regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino).

Como Renato Emerson (2010) aponta, a Lei 10.639/03 nos coloca o desafio de construir uma educação para a igualdade racial, uma formação humana que promova valores não racistas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.
Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

(SANTOS, 2010). Em sua obra “*Ensino de Geografia e Currículo: Questões a partir da Lei 10.639 de 2003*”, o geógrafo indica que:

A Geografia está, portanto, de uma forma muito subliminar, na base da construção da idéia, das relações e dos comportamentos baseados no princípio de classificação racial. Assim, raça deixa de ser um princípio de classificação biológica para ser um princípio baseado em “identidades geoculturais”, identidades baseadas em referenciais espaciais. (...) A “raça” é então um constructo que, ancorado em leituras do espaço, estrutura também relações de poder com o espaço e no espaço. (SANTOS, p. 145, 2010)

O autor acima aponta a necessidade da questão racial na interpretação e produção do espaço. Não devemos nos limitar, portanto, a debater a racialidade na esfera acadêmica apenas, mas também incorporar à prática pedagógica em Geografia essa interseccionalidade.

Outro importante referencial é Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, geógrafo que contribui ao debate educacional a partir de uma perspectiva atravessada pelos saberes cartográficos - importantes para estudos que desdobram em mapeamento e representação espacial racializada - e urbanos, conectado a produção e reprodução das cidades às questões étnico-raciais. Em seu artigo “*As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências*”, Dos Anjos (2015) problematiza em seu título uma dualidade - oficial e invisível, ou com outras palavras, oficial e não oficial - na geografia e por meio das linguagens cartográfica e fotográfica, discute aspectos fundamentais de diferentes geografias praticadas no Brasil, sob perspectiva histórica.

Observando as regiões de produção colonial-imperial e a atual distribuição demográfica no Brasil (Censo IBGE de 2010), a constatação mais evidente é que nossa população ocupa ainda os espaços coloniais, ou seja, os outros territórios continuam sob controle - real ou potencial – dos segmentos dominantes, e a instância decisória (o Estado) não logra alterar essa geografia colonial. (ANJOS, p. 380, 2015)

Dos Anjos (2015) aponta a historicidade e a relevância da problemática à geografia, utilizando a cartografia e a análise de paisagem para compreensão dos processos territoriais no Brasil, da geografia política, das geopolíticas e dos movimentos populacionais, demográficos e sociais.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.
Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

Nilma Lino Gomes, pedagoga, mestra em Educação, doutora em Antropologia Social e pós-doutora em Sociologia, não só carrega um currículo de peso, como tem muito a contribuir para os estudos geográficos. Em *“Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão”*, Gomes (2012) nos concede aportes conceituais e teóricos dos termos: identidade; identidade negra; raça; etnia; racismo; etnocentrismo; preconceito racial; discriminação racial e democracia racial, ou seja, fundamentos intrínsecos a diversas problemáticas geográficas. Importante frisar a urgência dos geógrafos e professores de Geografia se apropriarem destes conceitos e termos e outros mais em sua prática profissional, tanto no espaço escolar como no espaço acadêmico. Raça não precisa ser apenas um recorte para quantificação de dados, ou mesmo o racismo um fenômeno social quase que inato e regular, por exemplo. Vale ressaltar também, no que diz respeito à graduação em Geografia no Brasil, assim como em outras áreas do conhecimento, a produção científica estudada e que embasa teorias e conceitos são de maioria produções europeias e de homens brancos. Além de trazer o foco das tensões étnico-raciais para a Geografia, precisamos também nos embasar cientificamente em autores e autoras negros (as) e indígenas.

Ao longo das últimas décadas, o debate racial vem transversalizando cientificamente diversas obras de autores da Geografia, onde há revisão de conceitos, teorias e novas concepções e análise a partir de novos conceitos e teorias. Por isso, é de suma importância entender essa nova Geografia e utilizá-la em nossas atuações, em sala de aula, na elaboração de mapas, na interpretação e produção do espaço geográfico, nas análises ambientais.

Em um contexto de avanço de um neoliberalismo econômico - segundo a abordagem estrutural marxista, estratégia política que visa reforçar uma hegemonia de classe e expandi-la globalmente, marcando o novo estágio do capitalismo (ANDRADE, p.221, 2019) - e do neoconservadorismo político - ao mesmo tempo em que neoconservadores incorporam princípios dos velhos conservadores (centralidade da sociedade como um lugar de crenças e laços sociais, baseados em uma série de valores morais comuns), passam a defender, também, um foco no indivíduo e na sua capacidade de escolha (LIMA & HYPOLITO, p.7, 2019) - explícitos nos cargos de comando no Brasil, em conjunto à pandemia do vírus Sars-CoV-2, tratar sobre um tema como esse não é apenas necessário, como desafiador. O empresariado

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

brasileiro nunca esteve tão preocupado com a qualidade da educação brasileira, qualidade essa de tornar pessoas em mão de obra barata e não em cidadãos autônomos e críticos. Nas esferas de decisão do Estado sobre a educação no país, aprovam-se reformas educacionais e trabalhistas que regulam a prática docente, a gestão escolar, pisos salariais e direitos do trabalhador-professor, para citar algumas interferências que diminuem a autonomia do professor e das escolas. Com a pandemia que se presencia no país desde 2020, o ato de estudar passou por diferentes metodologias, muitas limitadas às conexões via internet, forçando os trabalhadores escolares - professores (as), coordenadores (as), merendeiras (os), auxiliares de limpeza, secretárias (os) - e estudantes com suas mais diversas particularidades a novos modelos educacionais que excluem muitos destes trabalhadores e alunos (as).

Por mais que parte do debate sobre a questão racial nas universidades tenha chegado à sociedade, as heranças históricas e culturais são cruciais para a manutenção do racismo e, por consequência, atingem nas dificuldades e violências toda uma população afrodescendente, diaspórica de África. A Geografia, muitas vezes, se deixou levar por um discurso que a põe na posição de “ciência (de) síntese” (MORAES, p. 8, 1994) ou de que há duas vertentes na Geografia que corriqueiramente não se cruzam, como a Geografia física e Geografia humana. É preciso que a Geografia encontre uma identidade sem dualidade ou eufemismo para conseguir dialogar com todas as suas áreas, de forma a promover justiça social e pensamento crítico.

Propostas pedagógicas antirracista em Geografia

Sem deixar de reconhecer a pluralidade de caminhos para uma Geografia contra o racismo, apoio-me na educação como um início, meio e fim para a concretude dessa geografia, por ser fruto dela, viver dela e reproduzir com ela.

A seguir, indico algumas observações e propostas de ação a partir das competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental previstas na BNCC (p.366, 2018) - Base Nacional Comum Curricular - (Quadro 1) em que os professores de Geografia podem e devem se instrumentalizar e incorporar em suas práticas pedagógicas para efetivar um ensino crítico, plural e pautado no combate aos racismos. Cabe a nós, educadores, reinterpretar este documento que massifica o ensino e não dialoga com os grupos sociais marginalizados.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Quadro 1: Competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental pela BNCC (Coluna à esquerda) e Propostas/ Observações de cada uma das competências para uma prática pedagógica antirracista.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL - BNCC	PROPOSTAS / OBSERVAÇÕES
<p>1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.</p>	<p>Faz-se importante nesta primeira competência promover a identificação do aluno (a) com o meio em que vive, em diferentes escalas, demonstrando que existem relações sociedade-natureza equilibradas (Exemplos: comunidades tradicionais, ribeirinhas, quilombolas, Unidades de Conservação, etc.) e desequilibradas (Exemplos: desmatamento, poluição atmosférica, hídrica, dos solos, etc.) responsabilizando e identificando agentes atuantes nessa relação.</p>
<p>2. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.</p>	<p>É uma oportunidade do (a) professor (a) relacionar os diferentes usos dos recursos naturais, demonstrando que não há somente usos predatórios desses recursos. É interessante conectar o tema com o bairro/da cidade do aluno (a), fazendo-o(a) identificar a complexidade do local onde vive relacionado o conceito de lugar, dando suporte para as emoções afetivas de sua origem geográfica e identificar potenciais espaços para o uso coletivo.</p>
<p>3. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.</p>	<p>Legítima ao professor (a) a abordagem de diferentes versões e narrativas da/sobre a produção do espaço, dando margem para perceber, comparar e conectar povos de diferentes continentes e paisagens que se assemelham com a população brasileira. (Exemplos: Países africanos também ex-colônias de Portugal; América Latina)</p>

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
 ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.
 Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.
 ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

<p>4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.</p>	<p>Incentiva ao docente apresentar mapas desenvolvidos em diferentes tempos por diferentes povos, representando o espaço a partir de diversos tipos de projeções cartográficas e temáticas. Oportunidade de dar visibilidade ao continente africano, corriqueiramente negligenciado no ensino em Geografia, tanto nas escolas como nas universidades.</p>
<p>5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.</p>	<p>Esta competência indiretamente propõe ao professor usar além da sala de aula como espaço de atuação. É uma abertura a projetos mais ousados e desafiadores, desde simulações da ONU, dos três poderes da República do Brasil e de movimentos sociais até a prática de agricultura na escola, interligando o saber agrícola à ancestralidade, aos conhecimentos de povos originários, à biogeografia e a valores de coletividade, pluralidade, sustentabilidade, consumo consciente, etc.</p>
<p>6. Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.</p>	<p>Uma das mais direcionadas ao combate aos racismos, essa competência reconhece a necessidade de construir argumentos junto aos (as) alunos (as) de rompimento com a discriminação racial, e por conseguinte, com rompimento também da discriminação religiosa, cultural, da xenofobia. Esse rompimento não deve acontecer exclusivamente nas aulas que tangem a temática, mas em toda prática pedagógica do (da) docente de Geografia, conseguindo conectar de forma interdisciplinar com a disciplina História a origem desses preconceitos, as consequências que afetam os oprimidos, e principalmente, a resistência e atualidade dessas pautas no mundo contemporâneo.</p>
<p>7. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade,</p>	<p>Reafirmando as observações e sugestões desta tabela, esta última competência</p>

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.	demonstra princípios e valores intrínsecos à atuação do professor de Geografia, entendendo-se que cada sala de aula tem estudantes diferentes entre si, com questões subjetivas e que estão se apropriando dos seus lugares no mundo a partir de corpos e origens diferentes. O (A) professor (a) então deve auxiliar seus discentes a construir essa caminhada sensível às questões transversais aos estudantes, principalmente àqueles de corpos historicamente marginalizados.
---	---

Brasil, p.366, 2018.

Espera-se com essas observações e interpretações das Competências da BNCC (p.366, 2018) à luz das Leis 10.639 de 2003 e 11.645 de 2008, consigamos adaptar nossa prática pedagógica a um modelo educacional que nos ampare na legalidade e nos permita entre suas aberturas, um espaço escolar que se constrói desconstruindo o racismo.

Considerações finais

Nosso olhar deve alcançar o espaço e o cotidiano escolar, nos atentando às experiências, aos projetos, oficinas e planos de aula que os educadores promovem junto aos seus estudantes, ao corpo escolar e ao espaço físico da escola. Portanto, nós, educadores (as) brasileiros (as), necessitamos urgentemente contemplar no interior das escolas a discussão acerca das relações raciais no Brasil, bem como de nossa diversidade racial (CAVALLEIRO, 2005). Em conjunto a uma análise da Geografia escolar, é imprescindível um olhar crítico ao currículo acadêmico da Geografia nas universidades, desde aos cursos/disciplinas oferecidos ao longo da graduação, à bibliografia apresentada - majoritariamente branca e europeia. A formação em Licenciatura e em Bacharelado em Geografia não pode invisibilizar um/alguns continentes ou hemisférios do globo, nem acreditar que todas as teorias e conceitos da Geografia Clássica (SANTOS, 2004), explicam e respondem à realidade brasileira ou de qualquer uma das suas cidades.

A Geografia e a Educação são alvos certos de um (des)governo atual que insiste em mercantilizar a educação e deslegitimar as ciências sociais. Entretanto, há diversos profissionais que, não só pesquisam sobre, mas encontram no cotidiano escolar maneiras de promover uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

sociedade mais igualitária e principalmente mais crítica e antirracista nas escolas. Por isso, este trabalho tem a pretensão de inspirar outros profissionais da Geografia a repensar e colocar em ação atitudes não racistas e antirracistas, a favor de uma educação plural e libertária.

Por fim, mas não menos latente, o contexto de pandemia desde 2020 no nosso país reconfigura e impõe a todos educadores novos desafios e instrumentalizações. Com nítidas desigualdades aprofundadas, unida aos avanços legais da deslegitimação do ensino de Geografia, a educação sofre por ataques em diferentes escalas. A realidade escolar já não é mais parecida com a de cinco, dez anos atrás. Quem são os alunos da segunda década do século XXI? Quais regimes de trabalho os (as) educadores (as) estão vivendo no país? São mais alguns questionamentos - para serem abordados em uma outra oportunidade - que demonstram a urgência dessa problemática, que não só atinge uma/nossa classe trabalhadora, como o destino da educação no nosso país e da relevância da Geografia como componente curricular e conhecimento científico. Ressalta-se ainda que, sem garantias de direitos conquistados, segurança, investimentos e reconhecimento do trabalho dos educadores (as) brasileiros (as), romper com o racismo torna-se uma missão quase impossível, apesar de nunca abandonada.

Referências bibliográficas

ANDRADE, D. P. **O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais.** Revista Sociedade e Estado – Volume 34, Número 1, p. 211-239, Janeiro/Abril 2019.

ANJOS, R. S. A. **As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências.** Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 19, n. 2, p. 375-391, ago. 2015. ISSN 2179-0892.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo.** In: Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 65-104, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** p. 359-395, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão.** In: Educação anti-racista : caminhos abertos pela

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia.** Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 39-62, 2005.

LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. **A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e190901, 2019.

MORAES, Ant. Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica.** São Paulo: Hucitec, 1994.

PASSOS, J. C. dos; NOGUEIRA, A. M. R. **A educação das relações raciais no currículo: as Licenciaturas em Geografia em Santa Catarina.** Roteiro, [S. l.], v. 44, n. 1, p. 1–24, 2019. DOI: 10.18593/r.v44i1.17246.

Paulon, S. M. “**A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção**”. Psicologia & Sociedade, 17 (3), 18-25, set-dez: 2005.

OLIVEIRA, L. F; CANDAU V. M. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** In: Educ. rev. 26 (1). Abril, 2010.

SANTOS, Milton. **As cidadanias mutiladas.** In: O Preconceito. Editor: Julio Lerner - Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1996/1997.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. **Ensino de geografia e currículo: questões a partir da Lei 10.639.** In: Revista Terra Livre, v. 1, p. 141-160, 2010.

SILVA JUNIOR, Hédio. **Conceito e Demarcações Históricas.** In: Políticas Públicas de promoção de Igualdade Racial. Organização: Hédio Silva Jr., Maria Aparecida da Silva Bento e Mario Rogério Silva. São Paulo, SP: Ceert, 2010.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ROCHA, Bruna Machado da. Geografia e antirracismo na educação: possibilidades no Ensino Fundamental a partir da BNCC. **Revista Ensaio de Geografia.** Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 32-44, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 20/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

SEÇÃO ARTIGOS

**CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA COMO DIÁLOGO ENTRE SABERES:
ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento**

**PARTICIPATORY CARTOGRAPHY AS A DIALOGUE BETWEEN
INTELLIGENCES:
ontology, epistemology, methodology and applications in the social construction of
knowledge**

**LA CARTOGRAFÍA PARTICIPATIVA COMO DIÁLOGO ENTRE SABERES:
ontología, epistemología, metodología y aplicaciones en la construcción social del
conocimiento**

 [Daniel Sombra](#)¹

Universidade Federal do Pará
(UFPA), Pará, Brasil
E-mail: dsombra@ufpa.br

 [Gilberto Pereira Rodrigues](#)²

Secretaria Municipal de Educação
de São João da Ponta, Pará, Brasil
E-mail: gprgiba@gmail.com

 [Danilo do Rosário Pinho](#)³

Secretaria Municipal de Educação
de São João da Ponta, Pará, Brasil
E-mail: pinhodanilo@yahoo.com

Resumo

Este artigo se caracteriza como um ensaio, e objetiva ilustrar a especificidade da cartografia participativa no âmbito da cartografia em geral, marcando-a como uma proposição de objeto intermediário para o uso da ciência com fins contra-hegemônicos. Para isso, é realizada uma diferenciação entre cartografia participativa (definida como uma linguagem espacial construída a partir do diálogo entre saberes, ciência e saberes locais) e cartografia social (auto-cartografia dos povos a partir dos saberes locais), definindo a ontologia, a epistemologia, a metodologia e as principais aplicações da cartografia participativa. A fim de demonstrar a possibilidade da proposta, parte-se de uma digressão do uso da ciência e da técnica na educação e na construção de projetos contra-hegemônicos, projetos de empoderamento social. Para materializar a proposta, foi escolhida a aplicação do campo do ensino, a partir de uma oficina de cartografia participativa em três etapas realizadas no município de São João da Ponta (estado do Pará, Brasil).

Palavras-chave

Cartografia Participativa; diálogo de saberes; ontologia; epistemologia; contra-hegemonia; empoderamento social.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia (PPGEDAM / NUMA / UFPA). Doutor em Geografia pela UFPA. Mestre em Geografia pela UFPA. Bacharel e Licenciado em Geografia pela UFPA.

² Professor da Secretaria Municipal de Educação de São João da Ponta-PA. Especialista em Ensino de Geografia na Amazônia pela UEPA. Bacharel e Licenciado em Geografia pela UFPA.

³ Professor da Secretaria Municipal de Educação de São João da Ponta-PA. Mestrando em Geografia pela UFPA. Bacharel e Licenciado em Geografia pela UFPA.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

This paper may be characterized as an essay, and aims to illustrate the specificity of participatory cartography within cartography in general, marking it as an intermediary object proposition for the use of science with counter-hegemonic purposes. To this end, we differentiate between participatory cartography (defined as a spatial language built from the dialogue between intelligences, science and local intelligences) and social cartography (auto-cartography of peoples from local intelligences), defining ontology, epistemology, methodology and the main applications of participatory cartography. In order to demonstrate the possibility of the proposal, we point out the use of science and technique in education and construction of counter-hegemonic projects, projects of social empowerment. To materialize the proposal, we chose to apply it to the field of education, from a participatory cartography workshop in three stages held in the municipality of São João da Ponta (state of Pará, Brazil).

Keywords

Participatory Cartography; dialogue of knowledges; ontology; epistemology; counter-hegemony; social empowerment.

Resumen

Este artículo se caracteriza como un ensayo, y tiene como objetivo ilustrar la especificidad de la cartografía participativa en el campo de la cartografía en general, marcándola como una proposición de objeto intermediario para el uso de la ciencia con fines contra-hegemónicos. Para ello, diferenciamos entre la cartografía participativa (definida como un lenguaje espacial construido a partir del diálogo entre el conocimiento, la ciencia y el conocimiento local) y la cartografía social (auto-cartografía de pueblos basada en el conocimiento local), definiendo la ontología, la epistemología, la metodología y las principales aplicaciones de la cartografía participativa. Para demostrar la posibilidad de la propuesta, realizamos un recorrido por el uso de la ciencia y la técnica en la educación y en la construcción de proyectos contra-hegemónicos, proyectos de empoderamiento social. Para materializar la propuesta, optamos por la aplicación del campo de la educación, a partir de un taller de cartografía participativa en tres etapas realizado en el municipio de São João da Ponta (estado de Pará, Brasil).

Palabras-clave

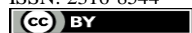
Cartografía participativa; diálogo de saberes; ontología; epistemología; contra-hegemonía; empoderamiento social.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Introdução

A cartografia historicamente está ligada aos modos diversos de representar os ambientes nos quais as sociedades vivem. De acordo com as particularidades dos ambientes, bem como das formas diversas de adaptação, e, principalmente, de construção de artifícios e mecanismos para responder às necessidades sociais em cada lugar específico, em cada momento dado, as sociedades desenvolveram cartografias diversas (SILVA, 2020).

Em muitos aspectos, as representações cartográficas particulares de cada sociedade eram uma forma de expressão artística. Cada sociedade desenvolveu uma cartografia própria às suas necessidades sociais, e, sobretudo nas comunidades primitivas, cabe destacar que as representações cartográficas integram um pensamento (ou conhecimento) comum sobre o mundo e as pessoas do mundo, não sendo exatamente possível distinguir em que ponto essa forma de conhecimento e representação do conhecimento se separa do que nos termos contemporâneos se concebe como a linguagem escrita, a linguagem matemática etc. (SOARES et al., 2018).

Em todo caso, se for feita uma separação estrita, utilizando para isso os critérios atuais das ciências parcelares, cabe notar que muitas sociedades não desenvolveram a escrita propriamente dita, mas quase todas as sociedades já estudadas desenvolveram algum tipo de representação espacial (SILVA, 2013). Com a constituição de uma geografia do espaço mundial unificada e a emergência dos modos de produção totalizantes – ou seja, o modo de produção capitalista e as alternativas que se contrapõem, no intuito de superá-lo, como a proposta socialista – a cartografia, ora tida como caudatária própria à geografia (JOLY, 2008), ora como um campo transdisciplinar de conhecimentos (RAIZ, 1959), foi convertida em uma linguagem unificada com códigos padronizados, passíveis de serem lidos independente dos idiomas escritos e falados (MARTINELLI, 2013).

Em um mundo normatizado a partir dos imperialismos dos grandes Estados nacionais (SOARES; LEITE; LOBATO, 2016) e dos monopólios das grandes corporações econômicas (LACOSTE, 1993), e apresentando técnica, tempo e motor (a mais-valia global que alimenta a economia) unificadas (SANTOS, 2009), a cartografia também se tornou um elemento homogeneizado e imposto a todos os lugares do mundo em processo de globalização (SOARES

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

et al., 2018). Isso não significou uma mudança do seu uso preferencialmente por classes, grupos ou estruturas hegemônicas (GIRARDI, 2011).

Se nos períodos de supremacia dos diversos modos de produção tributários – sejam os imperfeitos, como o feudalismo europeu ou japonês, ou os clássicos, como os impérios tributários na China, Índia, Egito, Pérsia, Palestina, Mali, Congo, Etiópia, México ou Peru (AMIN, 1976) – a cartografia se tornou uma arma secreta, sempre usada para táticas e estratégias de dominação, de ataque e defesa dos impérios, estratégica para os domínios dos reis e deuses (ou seja, de seus ditos representantes no mundo terreno); no período de hegemonia capitalista a cartografia sistematizada (a exemplo do que ocorreu grosso modo com toda a ciência derivada do projeto burguês renascentista/iluminista/positivista) serviu em primazia aos interesses dos Estados maiores e das grandes corporações capitalistas (LACOSTE, 1993).

Este artigo se caracteriza como um ensaio, e objetiva ilustrar a especificidade da cartografia participativa no âmbito da cartografia em geral, marcando-a como uma proposição de objeto intermediário para o uso da ciência com fins contra-hegemônicos. Para isso, é realizada uma diferenciação entre cartografia participativa (definida como uma linguagem espacial construída a partir do diálogo entre saberes, ciência e saberes locais) e cartografia social (auto-cartografia dos povos a partir dos saberes locais), definindo a ontologia, a epistemologia, a metodologia e as principais aplicações da cartografia participativa.

Uma cartografia para o empoderamento social

Em contraposição a esses projetos, na ciência em geral, e também na geografia e na cartografia, se manifestaram propostas de constructos contra-hegemônicos. É de particular relevância o amplo espectro de práticas que ficou conhecido como “cartografia social” (LIMA, 2017). Os defensores desta assim chamada cartografia social não propõem evidentemente imputar à cartografia técnica o adjetivo de “antissocial”, mas sim chamar atenção a qual das instâncias sociais é predominante em cada tipo de representação cartográfica.

Se muitas vezes, como no caso das cartografias das bases geoespaciais sistemáticas na escala de 1:100.000 ou de 1:250.000, a diversidade de sujeitos, comunidades, culturas e identidades é suprimida em favor de critérios político-administrativos, ou, em outros casos, a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

totalidade orgânica e sistêmica dos ambientes é seccionada em recursos naturais (geologia e recursos minerais, biodiversidade, hidrografia etc.) em nome de uma lógica mais mercantil, o que se pretende ao chamar de social a cartografia social é enfatizar que nesse campo valem mais os critérios próprios da instância cultural em detrimento das questões políticas e econômicas.

O Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (*International Fund for Agricultural Development* – IFAD) utiliza a expressão “mapeamento participativo”. Para o IFAD (2009), há critérios para o reconhecimento de mapas participativos e comunitários. Assim, o mapeamento participativo pode ser definido pelo: *a*) processo de produção, no qual os mapas participativos são planejados com um objetivo comum e a participação da comunidade em um processo aberto e inclusivo é uma estratégia facilitadora do processo, pois com a participação de todos os membros da comunidade de estudo o resultado final torna-se mais benéfico por representar a experiência coletiva do grupo; *b*) pelo produto que representa a comunidade, sendo realizada uma seleção que mostra quais elementos serão relevantes para as necessidades e utilização da comunidade a ser representada; e, por fim, *c*) pelo conteúdo dos mapas que retrata locais de conhecimento e informação, sendo, que, nesse caso, os mapas devem conter os nomes, símbolos, escalas e características baseadas no conhecimento local (IFAD, 2009).

Para o IFAD (2009), o mapeamento participativo não pode ser definido pelo nível de cumprimento das convenções cartográficas formais. Os mapas participativos não necessariamente podem ser incorporados a sofisticados sistemas de informações geográficas. Devem ser vistos como uma ferramenta eficaz de comunicação considerando que os mapas regulares buscam uma conformidade e diversidade na apresentação dos conteúdos.

Percebe-se, assim, que na conceituação do IFAD (2009) estão inclusos tanto mapas e produtos que se encaixam em representações cartográficas com o uso de parâmetros técnicos – seja no aspecto do caso brasileiro (IBGE, 2013; CONCAR, 2017), ou em casos internacionais (EPA, 2020; ISO, 2020) –, como também produtos cartográficos os quais, de acordo com abordagens consolidadas de tipologias cartográficas, seja do ponto de vista da cartografia geográfica ou das abordagens transdisciplinares em cartografia (RAISZ, 1959; JOLY, 2008;

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

MARTINELLI, 2013) estariam classificados como croquis. Em termos de alfabetização cartográfica, pode-se dizer que esses, em alguns casos, não atingem em primazia a dimensão do olhar vertical, havendo casos de representações com o olhar oblíquo, uma síntese entre olhar vertical com dimensões do olhar horizontal (CASTRO; SOARES; QUARESMA, 2015).

No caso específico do Brasil, faz-se necessário destacar a grande contribuição ao debate do Projeto *Nova Cartografia Social da Amazônia*, sobre o qual Lima (2017) realiza uma ampla análise acerca da relevância e o impacto nas diversas mídias. Com representações cartográficas que valorizam a dimensão simbólica, e, em alguns casos, artística, por vezes esses produtos prescindem de referenciais espaciais, ou, ao menos, minimizam as questões das projeções e escalas, e, embora sejam sempre cuidadosos com as legendas, também não estão atinentes a uma simbologia de caráter monossêmico (CASTRO, 2019).

Na realidade, o mais comum é que cada carta social apresente uma notória diversidade de iconografias muito próprias das singularidades de cada comunidade. Essa dimensão termina por ser representativa da riqueza inerente aos conhecimentos locais espalhados pelos lugares. Considerando a abrangência que tal abordagem tem tido tanto no caso brasileiro (ACSELRAD; COLI, 2008), como no âmbito mundial (LÉVY, 2008), com particular relevância para o contexto latino-americano (CÁCERES, 2012), parece-nos que cartografia social se torna uma sinonímia, ou, melhor ainda, uma síntese de croquis, cartas e mapas que representam as dimensões mais relevantes dos ambientes para as comunidades, sem necessariamente se ater às dimensões daquilo que se convencionou chamar de espaço absoluto.

Em suma, as dimensões do espaço absoluto são aquelas da lógica mecânica cartesiana/newtoniana, com as três dimensões (comprimento, largura e profundidade) e que, portanto, implicam, na representação, as noções cartográficas básicas de escala e projeção (transposição da realidade tridimensional para uma representação bidimensional). As dimensões do chamado espaço relativo, de forma sintética, são aquelas pertinentes aos fluxos, aos movimentos, aos acessos e bloqueios de qualquer natureza (às três dimensões se dá o acréscimo de uma quarta dimensão: o tempo). E há, por fim, as dimensões do chamado espaço relacional, as quais dizem respeito, sobretudo, às relações sociais mediadas pelo espaço, pelo meio ambiente (HARVEY, 2015).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ou seja, se no espaço absoluto e relativo predominam as representações dos territórios, no espaço relacional predominam as representações das territorialidades⁴. Se nos mapas para fins hegemônicos políticos dos Estados maiores, ou econômicos dos grandes trustes e monopólios internacionais (LACOSTE, 1993), faz-se uso predominante do espaço absoluto (e, em menor medida, do espaço relativo), para os mapas sociais as dimensões do espaço relacional são as que importam, e, por isso, são valorizadas.

Cartografia Social e Cartografia Participativa

Assim, no limite extremo, a cartografia social *não se propõe a ser científica*. Com isso não se quer dizer que não se faça ciência (geografia, antropologia etc.) a partir dela, mas o que está em tela na proposta original de Almeida (1993) é valorizar os conhecimentos locais. Mais do que levar a ciência em sua forma clássica ocidental (parte de um projeto burguês) para as comunidades, o que realmente interessa é fornecer o momento, o tempo, o espaço, enfim, os meios para que as outras matrizes de saberes possam se expressar.

Já é consenso que há uma diversidade de inteligências para além da inteligência lógico-matemática, dimensão historicamente valorizada pela civilização ocidental sob a égide do modo de produção capitalista (GARDNER, 2013). Igualmente, há uma diversidade de saberes muito maior do que o se convencionou classificar em categorias estanques de conhecimento, em quatro etapas ou conjuntos históricos: conhecimento empírico, conhecimento teológico, conhecimento filosófico e conhecimento científico (JAPIASSU, 1991).

O saber e o conhecimento não são invenções europeias (SANTOS, 2018). Pelo contrário, a diversidade de civilizações, sociedades e comunidades históricas ilustra muito bem como há várias formas de saber que fogem ao enquadramento arbitrário de classificar todos os conhecimentos históricos do mundo em quatro compartimentos evolutivos. O assim chamado conhecimento empírico, às vezes referido (de forma, inclusive, pejorativa) de “senso comum” acaba sendo tido como o patamar inferior e vulgar do conhecimento. Nessa pretensa “classificação”, toda a tradição de conhecimentos de civilizações tais como as da China, Índia,

⁴ Sombra et al (2021) expõem de forma mais ampla as relações entre o que se concebe como espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional, e a metodologia da cartografia temática e, em especial, a metodologia da cartografia participativa.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Pérsia, Mesopotâmia, Arábia, Palestina, Turquia, Egito, Líbia, Núbia, Etiópia, Mali, Congo, Indonésia, Polinésia, Peru, México etc. ficam “classificadas” como intermediárias entre religião (ou teologia) e filosofia, quase pré-filosóficas.

À ciência cabe “o lugar mais alto do pódio”. E por ciência, deixe-se claro, sempre se refere ao conjunto normatizado de conhecimentos, técnicas e metodologias criados a partir do projeto burguês de mundo, parido no Renascimento, amadurecido no Iluminismo e castrado no Positivismo (KUHN, 1978; JAPIASSU, 1991; FOUREZ, 1995). Resta aos demais (incontáveis) saberes a alcunha de “senso comum”. Que a ciência seja fruto de um projeto da classe burguesa, de lugar europeu (e, portanto, de cor branca, e gênero masculino), parece fora de dúvida. Se o seu uso se limita sempre à dominação pelo fato de ter sido assim parida, com o objetivo de ser usada em prol da dominação, já é outra questão, a qual será tratada adiante neste ensaio. Não obstante, está fora de dúvida também que se trata de uma arrogância etnocêntrica o enquadramento de todos os saberes não europeus como conhecimentos empíricos, como se não fossem frutos de pensamento ou reflexão (como se o pensamento fosse habilidade exclusivamente europeia).

Tratam-se, isso sim, de outras epistemologias. São saberes construídos social e historicamente a partir de outras matrizes de explicação. Com outros códigos de validação. Esses conhecimentos possuem também outros olhares acerca do mundo, e são, portanto, não apenas outras epistemologias. São, também, outras ontologias, com outras interpretações do ser, do mundo, do tempo e do nada. E aqui reside uma grande contribuição latino-americana, com destaque para o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (LIMA, 2017), ao debate amplo do “mapeamento participativo” nos termos do IFAD (2009). É necessário asseverar que a cartografia social desmonta o mito do “senso comum”. O enquadramento dos conhecimentos não europeus como “senso comum” (ou religiosos, ou pré-religiosos/mitológicos, ou filosóficos, ou pré-filosóficos) obedece à mesma lógica colonial impositiva e desumanizante que classifica todos os povos não europeus como indígenas ou aborígenes. A cartografia social expressa não somente as epistemologias, mas as ontologias dos conhecimentos locais diversos e distintos. E o faz de uma forma espacial e territorial (do espaço absoluto ao espaço relacional).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Dito isto, aqui parece o ponto para expressar uma proposição. Não se trata de enquadramento, mas de olhares acerca dos conjuntos de saberes e dos diálogos entre os saberes. Cabe afirmar que há uma distinção entre o que se consolidou chamar de cartografia social e outras dimensões do mapeamento participativo, as quais constituem o que será nomeado doravante de cartografia participativa. Por cartografia participativa não se deve entender qualquer tipo de tentativa de validação pela ciência dos conhecimentos locais, mas se trata de disponibilizar o instrumental da cartografia técnica e científica (geográfica ou interdisciplinar) para que as comunidades se apropriem desta linguagem, do olhar vertical, das técnicas e tecnologias, e que, a partir dessa apropriação da ciência, possam expressar suas territorialidades, os seus usos, a importância material e simbólica dos ambientes, e também os conflitos, os interditos, os ataques sofridos, e, enfim, os seus desafios sociais e comunitários para o futuro.

Não necessariamente a cartografia social prescinde das geotecnologias. Não é uma questão do uso dos sistemas de posicionamento global, de técnicas de sensoriamento remoto ou de geoprocessamento que vai distinguir a proposição da cartografia participativa da já consolidada cartografia social. Trata-se muito mais do objetivo. A cartografia social possui como principal objetivo dar ensejo à auto-cartografia dos povos e comunidades tradicionais. Trata-se de um instrumento para o fortalecimento dos movimentos sociais e das comunidades locais (LIMA, 2017). As cartas sociais são, ao fim, manifestações de identidades coletivas, referidas a situações sociais peculiares e territorializadas.

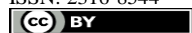
A cartografia participativa, por seu turno, objetiva muito mais disponibilizar as técnicas de cartografia científica para o empoderamento dos movimentos sociais e das comunidades locais. A aprendizagem da linguagem cartográfica técnica, a mesma historicamente utilizada pelos agentes hegemônicos para subjugar as comunidades locais, aparece aqui como um passo fundamental para empoderar as lutas sociais no âmbito da expansão de territorialidades hegemônicas predatórias. A cartografia participativa está preocupada em referenciar no espaço absoluto e no espaço relativo a existência concreta, material e simbólica das territorialidades e seus usos. Para isso, o uso dos sistemas de posicionamento global, dos sistemas de informação geográfica e das imagens de sensores remotos são deveras úteis. Assim, enquanto a cartografia social expressa em sua totalidade o

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

vigor dos saberes locais, a cartografia participativa resulta do diálogo dos saberes locais com a ciência, mediada pelas técnicas e instrumental científicos.

Cartografia participativa: ciência e técnica para fins contra-hegemônicos

Ao conceber por cartografia participativa o uso da cartografia científica pelas comunidades locais para expressar suas territorialidades, impõe-se, logo, uma questão de ordem ou de princípio. Pode a ciência burguesa servir ao propósito contra-hegemônico? Na tradição da crítica materialista histórica e dialética, esse debate foi expresso para a dimensão mais geral da técnica (e da tecnologia). É conhecida a polêmica entre Lênin (1965) e Luxemburgo (1970) acerca do que fazer com a técnica derivada do modo de produção capitalista (no âmbito dos debates de superação desse modo de produção em prol de uma proposta socialista).

Para o primeiro, as técnicas e os objetos em geral são apenas meios e deveriam ser apropriados para os fins de negação do capital, ou seja, na construção de uma outra lógica de reprodução social que não a capitalista. Para a última, porém, as técnicas desenvolvidas a partir da exploração da força de trabalho assalariada já constituem em si o trabalho cristalizado, ou melhor ainda, o mais-valor expropriado dos trabalhadores pelo sistema do capital, sendo, ao fim e ao cabo, impossível o seu uso contra-hegemônico. Para Luxemburgo (1970), a despeito de sua natureza de meio, a técnica e os objetos são meios que condicionam os fins e a reprodução social.

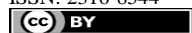
Essa questão aparece diversas vezes na filosofia e nas ciências humanas, em geral, e na geografia, em particular. De acordo com Moreira (2012), a geografia crítica, corrente de pensamento com forte influência marxista, apresentou cinco grandes eixos de interpretação do espaço geográfico: *a*) o espaço como formação e instância social (Milton Santos); *b*) o espaço como condição de reprodução das relações de produção (Lefebvre); *c*) o espaço como mediação das relações de dominação de classes e de poder (Lacoste); *d*) o espaço como estrutura de valorização do capital (Harvey); e, *e*) a sociedade como natureza socializada e história naturalizada (Quaini) (MOREIRA, 2012). As duas primeiras dialogam diretamente (e as demais indiretamente) com a noção de prático-inerte de Sartre (1963).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Aqui, o meio não é apenas um palco para os fenômenos sociais, pois, ao mesmo tempo, o meio, ou seja, o espaço (os objetos espaciais, os ambientes, enfim, o espaço absoluto, relativo e relacional) é produto e condição de reprodução da sociedade, interferindo diretamente na forma e nas relações sociais. Não se trata de forma alguma de dar margem a qualquer tipo de materialismo vulgar determinista, ao torque de Ratzel ou Montesquieu. Também não se trata do olhar funcionalista do positivismo, que reconhece uma “força inerte do meio”, mas como condição dos fatos sociais mecânicos (DURKHEIM, 2004).

Embora se concorde com a ideia de que há uma “força inerte do meio” como disse Durkheim (2004), essa força é dialética, resulta do trabalho cristalizado nas paisagens, trazendo ao espaço geográfico certa “inércia dinâmica” (SANTOS, 2008). Trata-se, afinal, de reconhecer, isso sim, que “os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhe foram transmitidas assim como se encontram” (MARX, 2011, p. 25). Ademais, é preciso reconhecer que a técnica, ou melhor, o sistema técnico se converteu no maior instrumento de controle social da sociedade capitalista (MOTA, 2016).

Cabe notar, porém, que se de todo fosse impossível o uso de técnicas e da própria ciência burguesa, forjados a partir da exploração dos povos e trabalhadores, e objetivando a reprodução da mesma, a própria construção de alternativas ao capitalismo a partir da maximização e socialização radical das forças produtivas seria impossível. Como bem coloca Engels (1971), o socialismo científico faz uso dos princípios científicos, e necessita da ciência para a sua reprodução. Está implícito aí o uso da ciência para fins contra-hegemônicos. Para tal o papel do intelectual está justamente em disponibilizar o conhecimento e os arcabouços teóricos, metodológicos e técnicos da ciência para os oprimidos a utilizarem em suas lutas contra-hegemônicas (GRAMSCI, 1982).

Para isso, faz-necessário que o professor troque conhecimentos com os alunos, que o professor não apenas ensine, mas aprenda com os alunos para construir um diálogo de saberes contra a dominação (MARIÁTEGUI, 2010). Assim, constrói-se uma pedagogia em favor da libertação e contra a opressão. Os intelectuais precisam descobrir seu papel e seu imperativo ético para com o mundo, para com a libertação, solidarizando-se sempre com os oprimidos e

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

auxiliando-os a perceber a opressão para lutar contra ela (FREIRE, 2015). O papel da vanguarda é utilizar o máximo da ciência, da técnica e da tecnologia para a conscientização da exploração e para a transformação de classe em si, alienada, para a classe para si, consciente de seu papel e de seu protagonismo na reprodução do mundo (LÊNIN, 2015).

É claro que o esclarecimento é condição pétreia de qualquer ação social. Reconhecer que esses conhecimentos, que a ciência em geral, e suas técnicas, foram construídos para a reprodução da hegemonia é condição *sine qua non* para o uso contra-hegemônico (GRAMSCI, 1987). Novamente, o papel dos cientistas, dos intelectuais, dos professores é fundamental. Uma vez que percebam o uso hegemônico da ciência e das técnicas em favor da dominação e consigam, a partir dessa percepção e de seu acúmulo teórico-prático, saltar da condição de classe em si para a condição de classe para si – mesmo que muitas vezes, ao fazê-lo, tenham que se reconhecer como parte do bloco opressor – devem, de imediato, colocar todo o seu saber acumulado em favor da libertação e do empoderamento social (LÊNIN, 2015; FREIRE, 2015).

O projeto societário maior da humanidade persiste sendo a libertação (FROMM, 1981), ainda que tal projeto seja vilipendiado toda vez que determinado grupo ou classe social imponha um ordenamento hegemônico baseado na opressão dos demais, na opressão da maioria. O ser humano está condicionado a lutar para ser mais (FREIRE, 2015). O ser humano está condenado a lutar de forma irremediável por sua libertação (SARTRE, 1963). O ser humano é, pois, essencialmente, um ser social coletivo (MARX; ENGELS, 2007). E, assim, todos os materiais, todas as técnicas, todos os produtos, todos os meios foram construídos a partir da relação entre as pessoas, a partir dos elementos dos ambientes, através do processo social do trabalho, mediado pelas técnicas. Todos os conhecimentos são frutos da comunhão entre as pessoas. Então, ironicamente, ao fim e ao cabo, todo conhecimento não deixa de ser um senso *comum*, não no sentido pejorativo de conhecimento vulgar, mas no sentido de conhecimento coletivo.

Não é à toa que a teleologia separe o pior tecelão da melhor abelha e o pior artesão da melhor formiga (MARX, 2013). O ser humano enquanto ser social coletivo modifica o meio e recondiciona o seu papel modelador. A teleologia é um constructo coletivo (MARX, 2008). Que as relações sociais (ou socioespaciais, pois que sempre mediadas pelo meio, pela natureza,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

pelas próteses) fundamentais de primeira ordem (alimentação, habitação, remédios, cultura, enfim, as necessidades humanas fundamentais) terminem nuançadas pelas relações de segunda ordem (aquelas que fundamentam a produção do valor de troca e a extração do mais-valor) é algo próprio ao contexto de hegemonia da burguesia (MÉSZÁROS, 2007).

Essa hegemonia se manifesta em práticas cotidianas que inviabilizam as necessidades humanas fundamentais. Nesse contexto, os oprimidos se expressam, se contextualizam, se situam e se explicam pelos termos da opressão, e se enxergam nos seres dos opressores. Sem consciência de classe, o sonho do oprimido é se tornar o opressor (FREIRE, 2015). Mas a aprendizagem é uma habilidade do ser social. Uma criança em fase de alfabetização abandonada pelas pessoas em um ambiente não social pode, por ventura, conseguir sobreviver (embora o mais provável seja a morte). Há casos diversos registrados de sobrevivência de pessoas nessa situação (BALL, 1994; ROUX; SMITH, 1998; WHETTEN et al., 2009; NELSON, 2014; RYGAARD, 2020). Porém, esses casos mostram como as pessoas conseguem sobreviver enquanto um indivíduo da espécie *Homo sapiens*, mas sem reproduzir (ou produzir nesse caso) cultura, fala, e no limite, sequer pensamento.

Isto porque a cultura é uma construção material. O conhecimento é construído em estágios materiais, nos quais os passos em construção são sempre basilares e supostos dos seguintes (PIAGET; INHELDER, 1989). O conhecimento não é apenas uma construção material, mas também é uma construção social. A depender do meio social, cria-se uma zona de desenvolvimento potencial para a aprendizagem (VIGOTSKY, 1987), isto é, para a construção de conhecimentos, seja esse conhecimento estruturado em conteúdos cognitivos, ou procedimentais, ou atitudinais (ZABALA, 1998). Essa zona de desenvolvimento potencial se torna uma zona de desenvolvimento proximal quando há interação entre as pessoas (VIGOTSKY, 1987). Essa é base da construção do conhecimento: a comunhão. Nas condições ideais, quando se dá a zona de desenvolvimento proximal, os sujeitos em aprendizagem, educandos, se convertem, se transformam nos sujeitos da construção social do conhecimento, reconstruindo o saber ensinado ao lado do professor, do educador, do intelectual da ciência, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 1996). O conhecimento e a cultura são construções

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

sociais, tal como todo aprendizado teórico e todo constructo material, incluindo o próprio espaço geográfico (MOREIRA, 2012).

É por isso que a coetaneidade é a propriedade mais importante do espaço geográfico (MASSEY, 2009). Apesar dos muros, há sempre contornos territoriais (HAESBAERT, 2014). O espaço geográfico, isso é, o meio ambiente, os sistemas naturais, mais as próteses e as atividades humanas – um conjunto indissociável de sistemas de ações e sistemas de objetos (SANTOS, 2009), uma síntese entre *modus operandi* e *modus vivendi* (MOTA, 2006) – uma síntese entre trabalho em ato e trabalho cristalizado (SOARES, 2016) que une a todos, ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres, jovens e maduros. As consequências das ações humanas e os desastres são sempre seletivas por classe, gênero etc., mas sempre em um segundo momento, pois no momento inicial todos são atingidos, como ilustrou de forma cabal a pandemia da COVID-19, durante os anos de 2020 e 2021.

No limite, porém, por mais muros e espaços seletivos que se possa construir, o planeta em que a vida é possível é apenas um (GONÇALVES, 2011). A origem da cultura, do conhecimento é a comunhão com os outros. Não há vida sem diversidade social. E é por isso que uma educação voltada ao máximo do humano é uma educação voltada para a libertação, para a construção do ser mais (FREIRE, 2015). A educação para a libertação necessita de temas geradores, e esses temas geradores até podem ser gerados pela própria ciência, mas é importante que na maior parte das vezes sejam gerados a partir da diversidade de conhecimentos locais, de conhecimentos empíricos (FREIRE, 1996).

Cabe aos conhecimentos cotidianos, os ancestrais, e também os gerados pelos trabalhadores oprimidos, pela população urbana periférica, por todas as dimensões humanas que são exteriores ao sistema do capital (DUSSEL, 2012), e que se unem construindo contraespaços hegemônicos (SOARES, 2021). E, assim, o que mais cabe à ciência é gerar os “temas dobradiças” (FREIRE, 2015), ou seja, os conteúdos – sejam cognitivos, procedimentais ou atitudinais (ZABALA, 1998) – que auxiliam no diálogo entre ciência e saberes locais, na construção de conhecimento voltado à libertação e não à dominação. E para isso é fundamental que o professor aprenda com o aluno (FREIRE, 2015). Que a ciência aprenda com o objeto e entenda que, ao fim e ao cabo, este é sujeito de sua própria existência (LUKÁCS, 2013). Que,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

enfim, a universidade entenda que a extensão não é caridade, mas sobretudo, diálogo de saberes e trocas de experiências, com aprendizagem mútua para todos os lados envolvidos (MARIÁTEGUI, 2010). São essas as condições para o uso da ciência e da técnica para fins contra-hegemônicos.

Cartografia participativa: um objeto intermediário para o diálogo de saberes

A cartografia participativa, como construção de diálogo de saberes, como proposição de levar às comunidades o instrumental da cartografia e das geotecnologias (sensoriamento remoto, geoprocessamento etc.) possibilita a construção de objetos intermediários (ROJAS-BERMÚDEZ, 1967), instrumentos facilitadores de diálogos que possibilitam que os sujeitos reconheçam a si e suas relações (conflituosas, afetivas etc.) com os outros.

O geoprocessamento e a disseminação da cartografia por uma diversidade de aplicativos, inclusos os presentes nos aparelhos celulares, auxilia também uma cartografia voltada à codificação de usos, conflitos, das relações de poder, de trabalho e culturais produzidas a partir e no espaço geográfico. No Brasil, a cartografia participativa tem sido usada desde os anos 1980 em projetos de desenvolvimento dos espaços rurais, dando preferência para o incentivo do conhecimento local, desenvolvendo e facilitando a comunicação entre os habitantes (ARAÚJO; ANJOS; ROCHA FILHO, 2020).

A partir dos anos 1990, com a maior difusão das geotecnologias, passou-se à utilização de sistemas de informações geográficas (SIG), sistemas de posicionamento global (GPS) e uso de imagens de satélites para auxiliar as técnicas de mapeamento. Para Araújo, Anjos e Rocha Filho (2020), o mapeamento participativo constitui abordagem interativa baseada nos conhecimentos das populações locais, permitindo aos participantes desse processo criar seus mapas representando os elementos mais significativos para essa população.

Para Silva e Verbicaro (2016), a cartografia participativa apoiada na tecnologia computacional constitui uma importante ferramenta para analisar as diversas territorialidades do espaço geográfico baseadas no cotidiano dos sujeitos locais. Para os autores, a cartografia participativa é uma metodologia de análise do território. Para Tomaz (2020), também é indicada para a análise ambiental. A cartografia participativa utiliza as dimensões de diversidade,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

proporcionalidade e ordem (CASTRO; SOARES; QUARESMA, 2015), e se assenta na produção do olhar vertical sobre os espaços em detrimento do olhar horizontal sobre as paisagens (SOARES et al., 2018). Esses últimos são utilizados para, em um primeiro momento, fornecer os “temas dobradiças” (FREIRE, 2015), que constituem a identificação do espaço absoluto e relativo, para que, uma vez alfabetizados com esta codificação, e de forma cada vez mais participativa e autônoma, os sujeitos locais se apropriem dessas ferramentas e as utilizem como forma de representação de suas territorialidades, de seu espaço relacional.

O empoderamento social é útil à governança (não se trata de encaixar a sociedade civil na burocracia estatal, mas de fazer a burocracia estatal se dobrar ao diálogo com os saberes locais), à participação da sociedade civil e dos movimentos sociais também na gestão dos territórios, como é o caso particular das unidades de conservação (CANTO et al., 2018). A Cartografia Participativa, por ser uma metodologia de compreensão social, espacial e territorial que necessariamente envolve a participação das comunidades, possibilita subsídios à gestão das unidades de conservação de forma participativa, envolvendo comunidades, Conselho Gestor e técnicos dos órgãos institucionais de cada unidade de conservação.

A cartografia participativa, portanto, pode ser uma ferramenta voltada tanto para o ensino – sobretudo, o ensino fora da educação sistemática, conforme indica Freire (2015) –, como para a pesquisa, mas seu uso é eminentemente voltado para a materialização da extensão. A materialização de produtos e serviços voltados à significação social, com o uso efetivo da ciência. O produto, o mapa participativo, permite a identificação de usos, territorialidades, conflitos e problemas socioambientais a serem dirimidos. Assim, tem-se uma contribuição concreta à percepção dos comunitários acerca do seu território. Em cada um dos casos, o mapa participativo foi feito a partir das iconografias construídas sobre um mapa de localização de base pelos comunitários e usuários da unidade de conservação.

Esse mapa de localização de base é um mapa que possui apenas os referenciais de espaço absoluto essenciais para a localização (sobretudo hidrografia e malha viária), complementado pelo uso de uma imagem de satélite. No decorrer da elaboração de oficinas para a construção desse produto, uma vez que os comunitários se reconhecem, com o domínio do olhar vertical em diálogo com o olhar horizontal (CASTRO; SOARES; QUARESMA,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

2015), eles podem registrar informações sobre os aspectos estruturais, culturais e sociais de cada população advindas de suas histórias narradas oralmente em grupo, saindo da dimensão espacial e adentrando de fato na dimensão territorial.

Uma vez registradas as territorialidades e os usos feitos sobre e a partir do território, a segunda etapa se constitui na transformação dessa informação cartografada em informação vetorial, disponibilizada em um banco de dados digitais, para a elaboração do *layout* final. Silva (2017) ilustrou o uso da cartografia participativa em comunidades quilombolas no Arquipélago do Marajó no estado do Pará como um projeto de pesquisa-ação. A cartografia participativa e sua efetivação na direção do empoderamento social é abordada em uma série de outros trabalhos.

Ranieri (2018) relata o uso da cartografia participativa na localidade de Ajuruteua, no município de Bragança, no limite da RESEX Marinha Caeté-Taperaçu. O objetivo do uso desse produto foi o de identificar os usos e significados de cada territorialidade dentro desse espaço geográfico, para, a partir de então, construir com os moradores uma agenda de ações para enfrentar o problema da erosão costeira que assola a vila. Em seu trabalho, Ranieri (2018) ilustra como a Cartografia Participativa é um instrumento que auxilia na participação como fundamento da ação social como foco de resolução de um problema específico.

O trabalho de Ramos (2020) objetiva subsidiar a construção do plano de manejo da RESEX Ipaú-Anilzinho, situada no município de Baião, na Região de Integração do Baixo Tocantins. Para isso, Ramos (2020) elaborou oficinas de Cartografia Participativa em todas as comunidades existentes, e ao final, com o apoio da equipe do LARC, sistematizou o mapa participativo da RESEX Ipaú-Anilzinho. O objetivo de Ramos (2020) ao identificar junto aos usuários da RESEX os usos dos territórios e os principais conflitos socioambientais e desafios coletivos foi auxiliar na construção do Plano de Manejo, que no caso da Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho ainda não foi elaborado. Outrossim, esta metodologia e seu produto auxiliam também como uma ferramenta mediadora e conciliadora para outros entraves existentes na RESEX, como a falta de delimitação dos espaços naturais de uso comum, a resolução sobre a presença de fazendeiros ocupando boa parte da RESEX, as vendas ilegais de terras, etc.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O mapa participativo é, portanto, um objeto intermediário para a gestão comunitária sobre o território. Para Ramos (2020), o diferencial da proposição do Produto de Pesquisa com a construção da Cartografia Participativa se constituiu também em identificar os pequenos povoados da Ipaú-Anilzinho, incluindo os não reconhecidos nos estudos técnicos para a criação da RESEX em 2005.

A elaboração do produto não se propôs a alterar as normas ou lei que criou a unidade de conservação, mas sim indicar ao poder público e demais sujeitos da RESEX os espaços e populações existentes na área como documento formal oriundo de pesquisa científica. Além de registrar o modo de ocupação das comunidades, a distribuição das terras em tempos passados, a criação da RESEX e o sentimento de pertencimento às áreas em que produzem suas sobrevivências.

O trabalho de Lobato (2020) também fez uso da Cartografia Participativa como metodologia de aquisição de dados, de análise, e de construção de instrumentos de gestão para os comunitários de territórios quilombolas. Lobato (2020) fez seu trabalho no Território Quilombola Estadual Ramal do Piratuba, no município de Abaetetuba, na Região de Integração do Baixo Tocantins. Primeiramente, as informações fornecidas pelos comunitários nas oficinas de Cartografia Participativa realizadas por Lobato (2020) foram úteis para construir um zoneamento participativo dos usos da terra no referido território quilombola.

Sendo a aprendizagem cartográfica um processo de aprendizagem social e aprendizagem territorial, também cabe seu uso no próprio campo do ensino. Esta proposição se mostrou acertada em trabalho elaborado por Rodrigues (2019), abordado na próxima sessão.

Cartografia participativa e construção do conhecimento dialógico no campo do ensino: uma oficina no município de São João da Ponta-PA

Para a aplicação de uma oficina de cartografia participativa no campo particular do ensino, foi escolhida a comunidade de Deolândia, localizada no município de São João da Ponta, no nordeste do estado do Pará. Mais precisamente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Raul Rodrigues Lagoia. Em três sessões, foram escolhidos como “temas dobradiças” os conceitos de espaço, território, paisagem e lugar para, a partir de então, discutir

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

os aspectos mais relevantes quanto ao uso dos territórios e das territorialidades, da construção social do espaço geográfico e do uso comum dos recursos naturais.

A oficina foi realizada com o apoio do Laboratório de Análise Ambiental e Representação Cartográfica (LARC), do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA), da Universidade Federal do Pará. Após a construção dos temas geradores, referentes aos principais usos do território na comunidade por parte dos alunos, estes foram apoiados pelos “temas dobradiças” propostos, ao que se passou à etapa de construção do olhar vertical a partir de uma planta base contendo apenas alguns referenciais do espaço absoluto (estradas e rios). Também se fez uso de uma carta-imagem da localidade. Os alunos, cerca de 20, foram divididos em quatro grupos de cinco (Figura 1). Na figura, os rostos dos alunos estão cobertos por se tratarem de menores de idade.

Figura 1: Grupos durante a oficina de cartografia participativa na E. M. E. F. Raul Rodrigues Lagoia (Deolândia, São João da Ponta-PA).



Fonte: RODRIGUES, 2019.

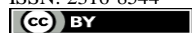
Após uma metodologia para apoiar a percepção do olhar vertical, e já em domínio da imagem dos seus territórios, os discentes começam a pontuar os temas geradores destacados na

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

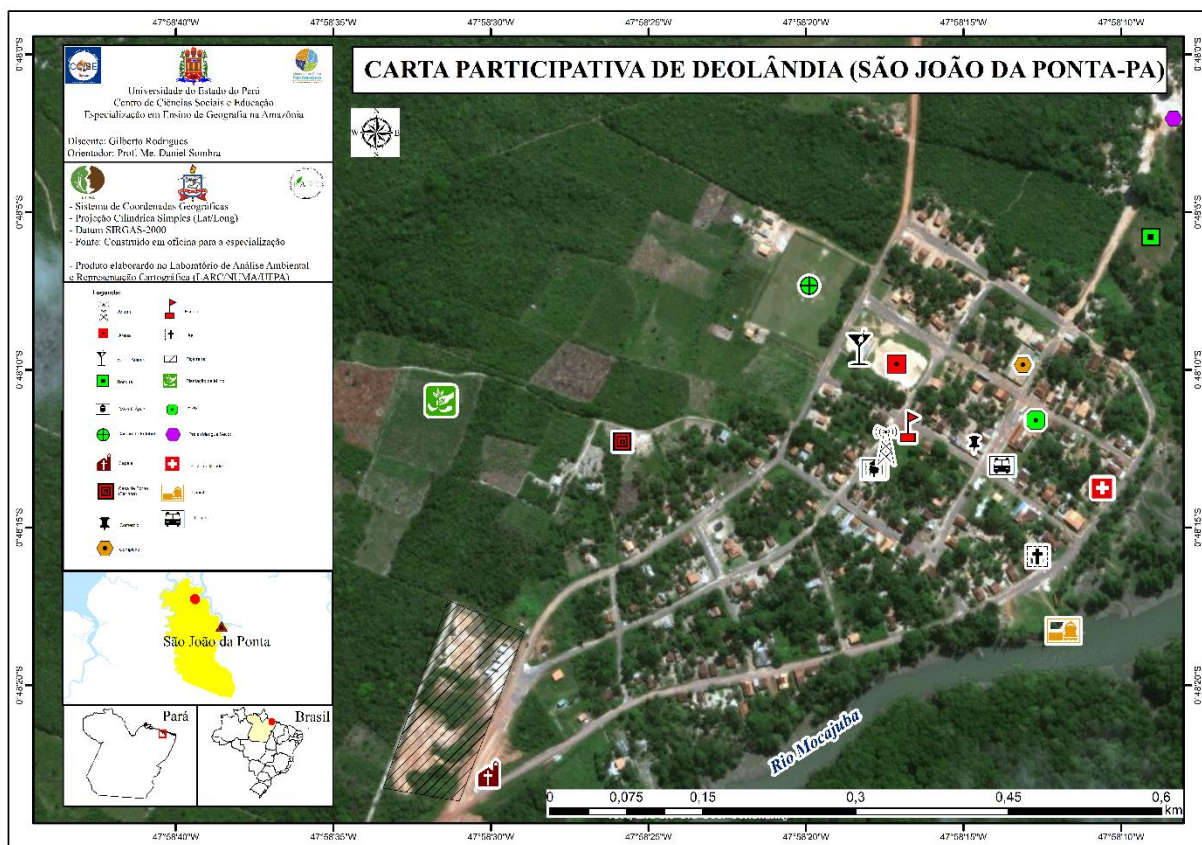
Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

etapa anterior no mapa, identificando seus pontos de referência. A cada ponto escolhido, cada lugar, cada significação, criava-se uma sinergia coletiva que ao mesmo tempo permitia diálogos em cada grupo. As noções de escala e projeção foram abordadas, além de outros temas, como características dos rios e igarapés, da vegetação etc.

Os temas gerados foram de utilidade não somente para o ensino da disciplina geografia, mas também para a disciplina de estudos amazônicos. Ao final, as cartas separadas foram estilizadas no LARC e sintetizadas em uma única carta. Em uma última etapa da oficina, posterior, foi realizada a apresentação da carta participativa final para correção, mudanças, acréscimos, sugestões de *layout*, legenda, etc. Após essa última etapa, confeccionou-se, também no LARC, a carta participativa final (Figura 2).

Figura 2: Carta participativa de Deolândia (São João da Ponta-PA)



Fonte: RODRIGUES (2019).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Rodrigues (2019) registrou que a atividade foi positiva para as disciplinas Geografia e Estudos Amazônicos, e apresentou relatos dos docentes e discentes acerca do que cada um achou da atividade. Para tal, fez uso de entrevistas com os quatro grupos de alunos em dois momentos: imediatamente após a finalização da carta participativa e dois meses após a realização da mesma. As entrevistas, semiestruturadas, apresentavam perguntas acerca das dificuldades em conteúdos com a cartografia e acerca da compreensão dos conceitos de espaço e territórios (os “temas dobradiças” escolhidos em parceria com os docentes das disciplinas).

O trabalho de Rodrigues (2019) acompanha o desempenho dos alunos e os relatos dos docentes das disciplinas Geografia e Estudos Amazônicos sobre o aumento do interesse dos discentes, além da repetição de oficinas similares, já sem a participação da equipe de pesquisadores que levou a oficina pela primeira vez à unidade escolar. Destaca-se o depoimento de um dos alunos, que aponta o seguinte:

Eu não gostava de geografia, e nem de estudos amazônicos, pois achava que eram matérias chatas. [...] Mas depois dessa coisa da oficina, ficou mais fácil ver como o nosso lugar está conectado a outros espaços, e como a gente usa o espaço [...]. (Aluno, em entrevista oral *apud* Rodrigues, 2019).

É necessário ressaltar que as dificuldades em reconhecer os espaços vividos a partir do olhar vertical foram rapidamente dirimidas no decorrer da metodologia. Notou-se em todos os quatro grupos que uma vez reconhecidos os lugares referenciais da coetaneidade cotidiana, os alunos rapidamente dominaram o olhar vertical e se sentiram à vontade no reconhecimento de seus espaços.

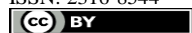
Rodrigues (2019) também pontua em seu trabalho que o uso dos mapas auxiliares de situação, posicionando a comunidade de Deolândia no contexto espacial da Reserva Extrativista de São João da Ponta, auxiliou os alunos na compreensão de um olhar de totalidade acerca dessa unidade de conversação. Trata-se de uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável com um histórico de militância e ativismo em torno da causa ambiental e dos conhecimentos tradicionais, sendo um caso de êxito no diálogo entre o saber institucional jurídico e científico e o respeito aos saberes locais que normatizam os usos dos recursos naturais (TELES; PIMENTEL, 2018).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

A RESEX de São João da Ponta apresenta relevantes indicadores de sustentabilidade (PINEDO; PIMENTEL, 2021), e possui entre seus maiores desafios, no que tange às questões ambientais, o avanço dos vetores da agricultura e da urbanização, resultado na diminuição da área dos principais ecossistemas locais, os manguezais (FERNANDES; PIMENTEL, 2019).

Assim, o diálogo com os docentes das disciplinas Geografia e Estudos Amazônicos possibilitou a conclusão de que a oficina colaborou para o empoderamento dos alunos, mais conscientes da totalidade da unidade RESEX, da situação de seus lugares vividos diante dessa unidade espacial e do mundo. Como mostrou Rodrigues (2019), também houve melhora no desempenho dos alunos nas duas disciplinas.

Destacamos este caso particular, pois já há (como citado anteriormente) uma plêiade de trabalhos utilizando a cartografia participativa nos campos da pesquisa e da extensão. Com o uso da cartografia participativa no ensino, ainda que no nível da educação formal – e, portanto, considerados todos os limites de enquadramentos de currículo, avaliação e forma que essa possui (FREIRE, 2015) –, pretende-se fazer no próprio espaço escolar, sede do conhecimento formal, um local de troca de saberes entre conhecimento científico e conhecimentos locais.

Considerações Finais

Este artigo se caracteriza, como expresso na introdução, como um ensaio que pretende discutir como a cartografia participativa pode ser utilizada como um objeto intermediário, a fim de realizar o diálogo entre os saberes locais e a ciência formal. O objetivo não é outro que não o empoderamento social; o uso da cartografia e de suas técnicas, historicamente utilizadas pelos agentes hegemônicos para a opressão, dessa vez para a libertação. Para que as pessoas conheçam as técnicas, e utilizem essa linguagem para expressar seus conhecimentos e suas territorialidades.

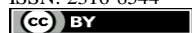
Para tal, realizamos uma proposição inicial da especificidade da cartografia participativa no âmbito da cartografia em geral, marcando-a como uma proposta de diálogo entre saberes, e assim, delimitando-a ao lado da já consolidada cartografia social, essa uma proposição que está interessada também no empoderamento social, mas a partir, primariamente, da auto-cartografia dos povos, e, portanto, da essência epistemológica e ontológica dos

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

conhecimentos locais, e de suas próprias formas de validação, as quais, em nada precisam da ciência.

A especificidade da cartografia participativa está em objetivar o uso da ciência, técnica, geografia e cartografia hegemônicas pelas comunidades locais. É sabido que, diante do processo de totalização do capital (KOSIK, 1963) – um processo totalitário, e, por isso mesmo, globalitário (SANTOS, 2003) – haverá necessariamente momentos de enfrentamento. Se a geografia e cartografia sempre serviram para fazer a guerra, já mostramos que para a guerra é possível sim utilizar a ciência para fins contra-hegemônicos.

Agradecimentos

Os autores do artigo agradecem em especial aos professores das disciplinas Geografia e Estudos Amazônicos e à direção da E. M. E. F. Raul Rodrigues Lagoia pela autorização e colaboração para a realização da atividade de Cartografia Participativa de Rodrigues (2019), utilizada como exemplo nesse artigo. Nesse ínterim, também os autores agradecem ao apoio disponibilizado pela Coordenação e corpo técnico do Curso de Especialização em Ensino de Geografia da Amazônia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), casa que originou o trabalho de Rodrigues (2019).

Também cabe-nos agradecer ao Laboratório de Análise Ambiental e Representação Cartográfica (LARC), do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), pelo apoio técnico no material cartográfico utilizado. Agradecemos, por fim, ao corpo de revisores da Revista Ensaio e à edição geral, pelo profícuo diálogo estabelecido por meio da revisão de pares, e às sugestões efetuadas para mudanças, as quais contribuíram para melhorar a redação final do texto.

Referências Bibliográficas

ACSELRAD, H.; COLI, L. R. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008, p. 13-44.

ALMEIDA, A. W. B. **Carajás: guerra dos mapas**. Belém: Falangola, 1993.

AMIN, S. **O desenvolvimento desigual**: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Tradução de: F. R. C. Fernandes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

ARAÚJO, F. E.; ANJOS, R. S. ROCHA FILHO, G. B. Mapeamento participativo: conceito, métodos e aplicações. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 35, n. 2, p. 128-140, 2017. DOI: 10.4025/bolgeogr.v35i2.31673 128.

BALL, A. M. **And now my soul is hardened**: abandoned children in Soviet Russia: 1918-1930. Los Angeles: University of California Press, 1994.

CÁCERES, L. S. R. Direitos territoriais e mapeamento participativo na América Latina. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografia social e dinâmicas territoriais**: marcos para o debate. 2ª Ed. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2012. p. 123-161.

CANTO, O.; VASCONCELLOS SOBRINHO, M.; VASCONCELLOS, A.; NOVAES, T.; ABREU, A.; SOARES, D. A. S. Conflitos socioambientais e gestão do território em Unidades de Conservação na Zona Costeira do Estado do Pará-Amazônia-Brasil. In: SILVA, C. N.; OLIVEIRA NETO, A.; SOBREIRO FILHO, J. (Org.). **Perspectivas e análises do espaço geográfico**: dinâmicas ambientais e uso dos recursos naturais. Belém: GAPTA/UFPA, 2018, p. 87-114.

CASTRO, C. J. N. Projeto cartográfico e a pesquisa: a implementação da escrita gráfica nos princípios geográficos e o tripé Geografia – Cartografia – Geoinformação. **InterEspaço**, v. 5, n. 17, p. 1-17, 2019. DOI: 10.18764/2446-6549.2019.12337.

CASTRO, C. J. N.; SOARES, D. A. S.; QUARESMA, M. J. N. Cartografia e ensino de geografia: o uso de mapas temáticos e o processo de ensino-aprendizagem na educação básica. **Boletim Amazônico de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 41-57, 2015. DOI: 10.17552/2358-7040/bag.v2n3p41-57.

CONCAR. COMISSÃO NACIONAL DE CARTOGRAFIA. **Especificações técnicas para estruturação de dados geospaciais vetoriais (ET-EDGV 3.0)**. Brasília: CONCAR, 2017.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução de: E. L. Nogueira. 9ª Ed. Lisboa: Presença, 2004.

DUSSEL, E. **A produção teórica de Marx**: um comentário aos Grundrisse. Tradução de: J. P. Netto. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Tradução de: J. Abel. Lisboa: Editorial Estampa, 1971.

EPA. UNITED STATES ENVIRONMENTAL PROTECTION AGENCY. **National Geospatial Deliverable Standard**. 15/9/2020. Disponível em: <<https://cutt.ly/4E7O1d4>>. Acesso em: 11/10/2021.

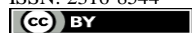
FERNANDES, W. A. A.; PIMENTEL, M. A. S. Dinâmica da paisagem no entorno da RESEX Marinha de São João da Ponta/PA: utilização de métricas e geoprocessamento. **Revista**

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Caminhos de Geografia, Uberlândia (MG), v. 20, n. 72, p. 326-344, 2019. DOI: 10.14393/RCG207247140.

FOUREZ, G. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. Tradução de: L. P. Roaunet. São Paulo: EDUNESP, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 59ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FROMM, E. **A sobrevivência da humanidade**. Tradução de: W. Dutra. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

GARDNER, H. **A nova ciência da mente**: uma história da revolução cognitiva. Tradução de: C. M. Caon. 3ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GGIM. THE UNITED NATIONS COMMITTEE OF EXPERTS ON GLOBAL GEOSPATIAL INFORMATION MANAGEMENT. **A Guide to the Role of Standards in Geospatial Information Management**. New York: GGIM, 2018.

GIRARDI, E. P. A construção de uma cartografia geográfica crítica. **Revista Geográfica de América Central**, v. esp., p. 1-17, 2011.

GONÇALVES, C. W. P. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de: C. N. Coutinho. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Tradução de: C. N. Coutinho. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **Em Pauta**, v. 13, n. 15, p. 126-152, 2015.

IFAD. INTERNATIONAL FUND FOR AGRICULTURAL DEVELOPMENT. **Good practices in participatory mapping**. Roma: IFAD, 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual técnico de uso da terra**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

JAPIASSU, H. P. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

JOLY, F. **A cartografia**. 11ª Ed. Campinas: Papirus, 2008.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução de: C. Neves; A. Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1963.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 2ª Ed. Tradução de: B. V. Boeira; N. Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de: M. C. França. 3ª Ed. Campinas: Papirus, 1993.

LÊNIN, V. I. O Infantilismo Esquerdista e a Mentalidade Pequeno Burguesa (9 de maio de 1918). In: LÊNIN, V. I. **Obras completas**. Moscou: Edições Progresso, 1965, v. 27, p. 335-350.

LÊNIN, V. I. **Que fazer**: problemas candentes de nosso movimento. Tradução de: M. Bráz. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

LÉVY, J. Uma virada cartográfica? In: ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008, p. 153-167.

LIMA, R. P. **Preservação digital e “divulgação” científica na Amazônia**. 168f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

LOBATO, R. N. S. **Gestão de recursos naturais em territórios quilombolas**: o caso do território quilombola estadual Ramal do Piratuba. 157f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução de: N. Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUXEMBURGO, R. **A acumulação do capital**: estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo. Tradução de: M. Bandeira. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MARIÁTEGUI, J. C. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. Tradução de: F. J. Lindoso. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARTINELLI, M. **Mapas de geografia e cartografia temática**. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de: F. Fernandes. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

MARX, K. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução de: N. Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital. Tradução de: R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de: R. Enderle; N. Schneider; L. C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução de: H. P. Maciel; R. Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. Tradução de: A. Cotrim; V. Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOREIRA, R. **Geografia e práxis**: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas. São Paulo: Contexto, 2012.

MOTA, G. S. **Contribuições para uma teoria geográfica do lugar**. 152f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

MOTA, G. S. **O Prometeu traído**: espaço, técnica e controle no capitalismo monopolista e tecnológico. 248f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

MOTA, G. S. Subsunção e assimilação local: da apropriação do trabalho à subordinação dos espaços locais. **Revista Universidade e Meio Ambiente**, Belém, v. 1, n. 2, p. 47-57, 2017.

NELSON, C. A. **Romania's abandoned children**: deprivation, brain development, and the struggle for recovery. Harvard: Harvard University Press, 2014. DOI: 10.4159/harvard.9780674726079.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

PINEDO, C. D.; PIMENTEL, M. A. S. Análisis de indicadores de desarrollo sostenible en el municipio de São João da Ponta/PA. **Nature and Conservation**, v. 14, n. 1, p. 158-168, 2021. DOI: 10.6008/CBPC2318-2881.2021.001.0018.

RAISZ, E. **Cartografia general**. 2ª Ed. Barcelona: Ediciones Omega, 1959.

RAMOS, S. F. C. D. **Impasses na RESEX Ipaú-Anilzinho**: o mapeamento participativo como ferramenta de apoio à reconstrução do plano de manejo. 112f. Dissertação (Mestrado em Gestão

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

RANIERI, A. S. **Erosão costeira e conflitos socioambientais**: o caso de Ajuruteua, Bragança-PA. 94f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local da Amazônia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

RODRIGUES, G. P. **Uso da cartografia participativa como estratégia para o ensino de geografia em comunidades rurais**: cartografia participativa aplicada na E. M. E. F. Prof. Raul Rodrigues Lagoia, na Vila Deolândia (São João da Ponta-PA, Brasil). 27f. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia na Amazônia), Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

ROJAS-BERMÚDEZ, J. G. El “objeto intermediario”. **Cuadernos de Psicoterapia**, Buenos Aires, v. 2, n. 2, 1967.

ROUX, J.; SMITH, C. S. Psychological characteristics of South African street children. **Adolescence**, v. 33, n. 132, P. 891+, 1998.

RYGAARD, N. P. Improving the mental health of abandoned children: Experiences from a global online intervention. **American Psychologist**, v. 75, n. 9, p. 1376–1388, 2020. DOI: 10.1037/amp0000726.

SANTOS, B. S. **Construindo as epistemologias do Sul**: antologia essencial. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

SARTRE, J. P. **Crítica de la razón dialéctica**: Tomo 1: Teoría de los conjuntos prácticos: Libro 1: De la “praxis” individual a lo práctico inerte. Tradução de: M. Lamana. Buenos Aires: Losada, 1963.

SILVA, H. N. **Mapeamento dos conflitos socioambientais por meio da Cartografia Participativa**: comunidade quilombola Deus me Ajude, Salvaterra-PA. 25f. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental), Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

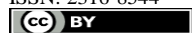
SILVA, C. N. **A representação espacial e a linguagem cartográfica**. Belém: GAPTA/UFPA, 2013.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

SILVA, C. N. A prática de mapear e o discurso cartográfico na era da Geoinformação. **Ciência Geográfica**, v. 14, n. 1, p. 263-271, 2020.

SILVA, C. N.; VERBICARO, C. C. O mapeamento participativo como metodologia de análise do território. **Scientia Plena**, Aracaju, v. 12, n. 6, 2016.

SOARES, D. A. S. **Subsunção do trabalho ao capital na atividade pesqueira paraense: elites locais e contraespaços**. 327 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. DOI: 10.13140/RG.2.2.23175.91044.

SOARES, D. A. S. **Produção do espaço, dinâmicas territoriais e vetores técnicos na zona costeira do estado do Pará: uma geografia da subsunção e das exterioridades: uma geografia das águas**. 405f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. DOI: 10.13140/RG.2.2.10853.12006.

SOARES, D. A. S.; LEITE, A. S.; LOBATO, M. M. Estado e capital: subsídios para a compreensão analítica do protagonismo do Estado brasileiro no rearranjo espacial da América do Sul. **GeoAmazônia**, Belém, v. 4, n. 7, p. 47-77, 2016. DOI: 10.17551/2358-1778/geoamazonia.v4n7p47-77.

SOARES, D. A. S.; VILLACIS TACO, L. H.; CASTRO, C. J. N.; OLIVEIRA, R. R. S.; MORAES, S. C. Desenvolvimento da cartografia como linguagem geográfica: um processo de aprendizagem territorial. **Atlante**, Málaga, v. 7, p. 1-19, 2018.

SOMBRA, D.; CANTO, O.; CASTRO, C. J. N.; QUARESMA, M. J. N. Cartografia temática e cartografia participativa: contribuições para uma abordagem materialista do tripé ensino-pesquisa-extensão. In: LEMOS, F. C. et al. (Org). **Formação em Psicologia Social e sociologias insurgentes: tramas históricas em educação libertária**. Curitiba: CRV, 2021, p. 289-315.

TELES, G. C.; PIMENTEL, M. A. S. Análise de conflitos socioambientais nas Reservas Extrativistas de São João da Ponta e Curuçá-PA. **Geoambiente**, Jataí-GO, v. 31, p. 193-211, 2018. DOI: 10.5216/revgeoamb.v0i31.48852.

TOMAZ, Y. P. Cartografia participativa aplicada ao desenho ambiental. **Labverde**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. e159536, 2020. DOI: 10.11606/issn.2179-2275.labverde.2020.159536.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WHETTEN, K.; OSTERMANN, J.; WHETTEN, R. A.; PENCE, B. W.; O'DONNELL, K.; MESSER, L. C.; THIELMAN, N. M. A Comparison of the wellbeing of orphans and abandoned children ages 6–12 in institutional and community-based care settings in 5 less wealthy nations. **Plos One**, v. 4, n. 12, p. e8169, 2009. DOI: 10.1371/journal.pone.0008169.

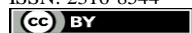
ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOMBRA, Daniel; RODRIGUES, Gilberto Pereira; PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 45-74, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 28/12/2021. Aceito em: 10/04/2022

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

SEÇÃO ARTIGOS

EXPLORANDO MEMÓRIAS DE LUGAR E LUGARES DE MEMÓRIA ATRAVÉS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS RESIDENTES NA SERRA DE PIABAS, SITUADA NO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA, CIDADE DO RIO DE JANEIRO-RJ

EXPLORING MEMORIES OF PLACE AND PLACES OF MEMORY THROUGH LIFE STORIES OF ELDERS RESIDENTS AT SERRA DE PIABAS, PEDRA BRANCA STATE PARK, IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO-RJ

EXPLORANDO MEMORIAS DE LUGAR Y LUGARES DE MEMORIA A TRAVÉS DE HISTORIAS DE VIDA DE ANCIANOS RESIDENTES EN LA SERRA DE PIABAS, UBICADA EN EL PARQUE ESTATAL DE PEDRA BRANCA, CIUDAD DE RIO DE JANEIRO-RJ

 [Jean Lucas da Silva Brum](#)¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: jeanbrum@id.uff.br

Resumo

Este breve ensaio tem como objetivo discutir os diferentes modos a partir dos quais memória e lugar podem se articular em meio à experiência de mundo através da análise e interpretação de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Este estudo examina como estes sujeitos narram as suas experiências/vivências, através da representação de seu passado pela memória, bem como a articulação destas memórias na construção de sentidos de lugar e o papel do lugar na evocação destas memórias. O fio condutor deste trabalho aponta na direção da construção de um profundo sentimento de pertencimento e apego ao lugar, ancorado na experiência narrativa das memórias como estratégia de permanência destes sujeitos no contexto de mediação e negociação de sua presença em uma Unidade de Conservação de Proteção Integral.

Palavras-chave

Parque Estadual da Pedra Branca; Memória; Histórias de Vida; Lugar.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus Maracanã.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

This brief essay aims to discuss the different ways in which memory and place can be articulated through the experiencing of the world through the analysis and interpretation of life stories of the elders living in Serra de Piabas, at the State Park of Pedra Branca, Rio de Janeiro - RJ. This study examines how these subjects narrate their living experiences through the representation of their past by memory, as well as the articulation of these memories in the construction of senses of place and the role of place in the evocation of these memories. The guiding thread of this work points to the construction of a deep sense of belonging and attachment to place, anchored in the narrative of memories as a strategy of permanence for these subjects in the context of mediation and negotiation of their presence in a full protection conservation unit.

Keywords

Pedra Branca State Park; Memory; Life Stories; Place.

Resumen

Este breve ensayo tiene como objetivo discutir las diferentes formas en que la memoria y el lugar pueden ser articulados en medio de la experiencia del mundo a través del análisis e interpretación de historias de vida de personas mayores que viven en la Serra de Piabas, ubicada en el Parque Estatal de Pedra Branca, en la ciudad de Río de Janeiro – RJ. Este estudio examina cómo estos sujetos narran sus experiencias, a través de la representación de su pasado a través de la memoria, así como la articulación de estos recuerdos en la construcción de sentidos de lugar y el papel del lugar en la evocación de estos recuerdos. El hilo conductor de este trabajo apunta hacia la construcción de un profundo sentimiento de pertenencia y apego al lugar, anclado en la experiencia narrativa de las memorias como estrategia de permanencia de estos sujetos en el contexto de mediación y negociación de su presencia en una Unidad de Conservación de Protección Integral.

Palabras clave

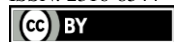
Parque Estatal de Pedra Branca; Memoria; Historias de Vida; Lugar.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Introdução

“O passado está em todo lugar” (LOWENTHAL, 1985b, p. XV). É com esta célebre frase que o geógrafo David Lowenthal inicia sua obra “*The Past is a Foreign Country*”, um clássico nos estudos acerca das múltiplas expressões e manifestações do passado no âmbito da Geografia. O passado nos circunda e confere sentido ao mundo ao nosso redor, de modo que a sua constatação se torna essencial para nosso bem-estar, bem como na compreensão de nossa existência. “O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos” (LOWENTHAL, 1998, p. 64).

Seja querido ou rejeitado, celebrado ou apagado, rememorado ou esquecido, o passado está sempre conosco, atuando como base de nossas experiências e compreensões presentes. “Toda consciência atual se funda em percepções do passado; reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, porque já os vimos ou já experimentamos” (LOWENTHAL, 1998, p.64). O passado é parte indissociável de nossa existência e da compreensão de nossas identidades subjetivas e/ou coletivas. O passado está em todo o lugar, como Lowenthal (1985b) sugere, pois se manifesta e expressa em e por meio de lugares particulares, compondo a nossa geofricidade, em outros termos, o constante existir em um envolvimento profundo e inextricável com a Terra como nosso lar e morada (DARDEL, 2011).

Ainda que se manifeste nos lugares e relações tecidas em nosso constante presente, o passado se expressa como residual e fugidio; dele captamos acontecimentos fragmentados, muitas vezes seletivos, efêmeros e/ou marcados por um caráter nostálgico, de modo que dificilmente o compreenderemos tão bem quanto o nosso presente (CORRÊA, 2018).

Embora não consigamos apreender o passado em sua totalidade, como aquilo que de fato foi, existem pontes ou elos que nos remetem a ele; resíduos criados em tempos pretéritos (LOWENTHAL, 1985b). Se o passado é um país estrangeiro, como supõe o título da obra de Lowenthal (1985b), existem maneiras de se conseguir um visto para nele adentrarmos, ou, ao menos, tentarmos adentrar.

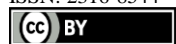
Dentre as muitas formas de acesso ao passado, a memória se inscreve como uma evocação presente de lembranças e esquecimentos de vivências pretéritas, servindo como base

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

nas investigações sobre esta dimensão de nossa existência. A memória, em linhas gerais, trata-se do passado vivido, reelaborado e representado na instância de um sujeito ou grupo (LE GOFF, 2003). Embora possa ser tratada como um fenômeno social bastante abstrato e subjetivo, a memória pode se encontrar ancorada em lugares (SEEMANN, 2003). Assim, “lugares concretos, onde se realizam eventos, acontecimentos históricos ou práticas cotidianas [...] podem servir como possíveis referenciais espaciais para a memória” (SEEMANN, 2003, p. 44).

Tal qual a memória pode ser entendida como o passado vivido, o lugar também pode ser compreendido como o espaço apreendido em e por meio de nossas experiências intersubjetivas (MARANDOLA JR., 2012; TUAN, 2013). Lugar, na perspectiva da Geografia Cultural-Humanista, não se refere apenas a uma mera localização, mas a uma parcela do espaço dotada de valor para as pessoas que desenvolvem com e por este um elo de pertencimento (RELPH, 1976; TUAN, 2011; 2013). Lugar e memória guardam uma estreita relação entre si, e é exatamente esta relação que o presente artigo procura discutir.

O objetivo deste trabalho é investigar as relações entre lugar e memória a partir de um viés cultural-humanista em Geografia, estabelecendo como campo de estudos o registro e interpretação de histórias de vida de idosos residentes em uma Unidade de Conservação de Proteção Integral situada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB). Procuramos examinar neste trabalho como, através da narrativa das histórias de vida dos idosos, construídas por meio da evocação de suas memórias, é possível descortinar múltiplas experiências e sentidos de lugar que emergem como facetas do passado re-vivido e re-elaborado. Pretendemos, de tal forma, apontar em direção ao caráter espacial das memórias como inscrito a partir da construção e manifestação de sentidos de lugar dos idosos residentes no PEPB.

Para tanto, no primeiro e segundo tópicos deste artigo buscamos discutir a compreensão dos conceitos de memória e lugar no âmbito da Geografia Cultural-Humanista, enquadrando-os como elementos indissociáveis de nossa experiência de mundo e geograficidade. Reservamos um terceiro tópico para a exploração da reconstrução das histórias de vida de idosos residentes no PEPB, e o papel destas em um estudo de caráter geográfico. No

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

quarto tópico deste artigo, propomos um debate a respeito do modo como as relações entre lugar e memória são tecidas no contexto das experiências dos idosos residentes do PEPB, apontando para a mobilização de memórias de/do lugar como estratégia de permanência destes sujeitos no contexto das mediações afetivas-políticas acerca de seus elos de pertencimento a uma Unidade de Conservação de Proteção Integral.

Lugar e memória na perspectiva da experiência

Vivemos em um mundo marcado pela presença de lugares significativos (RELPH, 1976). A forma como edificamos nossas identidades, como nos relacionamos com as pessoas ao nosso redor, bem como compreendemos a nossa própria existência permanece implicada com o entendimento dos lugares que habitamos, percorremos, imaginamos, sonhamos ou desejamos conhecer (TUAN, 2013). A palavra lugar, embora tratada a partir do senso comum enquanto sinônimo de local ou localização, trata-se de um dos conceitos centrais da abordagem geográfica, tendo sido objeto de debate por meio de diferentes perspectivas no âmbito deste campo do saber (CRESSWELL, 2004).

Dentre as numerosas definições propostas para o termo, lugar pode ser compreendido como um centro de significados construído em e por meio da experiência intersubjetiva de mundo (RELPH, 1976; TUAN, 2011, 2013, 2018). Tal definição, atribuída pela perspectiva cultural-humanista em Geografia, alça o lugar como mais que simplesmente sinônimo de local, um ponto abstrato identificável em um mapa. Enquanto um centro de significados, o lugar é “conhecido não apenas através dos olhos da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem a objetificação” (TUAN, 2018, p. 5-6). Nesta visão, o lugar manifesta-se como uma parcela do espaço geográfico que tenha significado para uma pessoa ou grupo. De acordo com Tuan (2011, 2013), é a partir da experiência que vertemos o espaço indiferenciado em lugar significado. A experiência é a base da construção de sentidos de lugar (OLIVEIRA, 2012; TUAN, 2013). De acordo com Tuan,

A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 2013, p. 18).

De acordo com o geógrafo Edward Relph (1976), por encarnarem os sentimentos, as vivências, as aspirações e experiências humanas mais profundas, os lugares aos quais nos sentimos pertencer se apresentam enquanto elementos indispensáveis em nossa apreensão de mundo e na construção de nossa identidade. Nas palavras do autor, “ser humano é viver em um mundo cercado de lugares significativos: ser humano é ter e conhecer seu lugar” (RELPH, 1976, p. 1).

Nesta perspectiva, o lugar é entendido a partir de um envolvimento profundo com a existência humana, posto que existir significa ter um lugar, uma base a partir da qual se funda um sentido de “si-mesmo” e o próprio lugar passa a ser definido em relação aos sujeitos que se sentem pertencer a ele (CASEY, 2001). Segundo Relph:

Os lugares são expressões fundamentais do envolvimento humano no mundo, e, portanto, confere significado ao espaço [...] Lugares são, de fato, o alicerce da existência humana, providenciando não apenas o contexto de todas as atividades humanas, mas também segurança e identidade para o indivíduo ou grupo (RELPH, 1973, p. 62 apud ENTRIKIN, 1976, p. 626).

De acordo com Relph (1979), conhecemos e habitamos o mundo, mesmo de um modo pré-consciente, “através dos lugares nos quais vivemos ou temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações” (RELPH, 1979, p. 16). Neste contexto, os “lugares são existenciais e uma fonte de auto-conhecimento e de responsabilidade social” (RELPH, 1979, p. 16).

Adotar tal perspectiva nos permite argumentar que o lugar se manifesta e se expressa como dimensão existencial de nosso ser-estar no mundo, envolvendo, de tal forma, aquilo que o geógrafo Eric Dardel (2011) propôs enquanto “geograficidade”, qual seja, uma relação concreta que liga o homem à Terra como modo próprio de sua existência. Neste sentido, é no lugar que o homem encontraria o ponto central de referência existencial a partir do qual descortinaria o mundo ao redor. É no lugar e por meio deste que a “geograficidade” é vivida em sua plenitude, incorporando um elo visceral entre o homem e a Terra. O lugar seria, na compreensão de Dardel (2011), um suporte para o nosso ser, refúgio ou base onde se assenta

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

nossa existência, de forma que a realidade geográfica seria para o ser humano os lugares que participam de sua vida. Nas palavras de Dardel:

É desse “lugar”, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo [...] Existir é para nós partir de lá, do que é mais profundo em nossa consciência, do que é “fundamental”, para destacar no mundo circundante “objetos” aos quais se reportarão nossos cuidados e nossos projetos. Elemento não abstrato ou conceitual, mas concreto. Antes de toda escolha, existe esse “lugar” que não pudemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde iremos (DARDEL, 2011, p. 40-41).

Como dimensão de nossa geograficidade, lugar implica tanto nossa existência situada em sua espacialidade, quanto em sua temporalidade. Como defende Dardel (2011, p. 33), “toda espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento”. Em nossas experiências de lugar situamos nossa existência em projetos futuros, mas também invocamos recordações e lembranças, ligando-nos ao nosso passado como fonte de autoconhecimento e identificação. Lugar, portanto, incorpora o espaço como vivido, e tempo como apreendido pela memória, de modo que a relação entre estas dimensões se torna fundamental para compreensão de nossa existência em sua imbricação com o mundo.

De acordo com Lowenthal (1985b), a noção de memória remete à faculdade de conservar e lembrar acontecimentos e experiências adquiridas em tempos pretéritos. Por meio da memória, recordamos experiências passadas, nos ligando a uma noção “si-mesmo” anterior, de modo que recordar o passado se torna crucial para construção de um sentido de continuidade (LOWENTHAL, 1985b). Todavia, embora possa ser considerada como uma faculdade mental associada à capacidade de reter informações passadas, a memória também se trata de um fenômeno por meio do qual o ser humano vivencia e re-apresenta experiências sobre aquilo que compreende como sendo o seu passado (LE GOFF, 2003).

Em linhas gerais, portanto, podemos considerar que a memória implica uma presença do passado (ROUSSO, 2006), de modo que se torne possível afirmar que “toda consciência do

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

passado está fundada na memória” (LOWENTHAL, 1998, p. 75). As lembranças que compõem a memória são fontes importantes para se conhecer e investigar o passado, atuando, também, na forma como estruturamos um sentido presente de mundo.

De maneira contrária ao que o senso comum por vezes faz crer, a memória não é uma imagem exata do passado. Por meio da memória não emulamos o passado como aquilo que ele foi, mas sim, sua reconstrução a luz de experiências, vivências e interpretações presentes, bem como, neste movimento, recordamos a nós mesmos nos atualizando através da vivência do passado (BOSI, 1979; SOKOLOWSKI, 2012).

Tais argumentos não implicam, todavia, em defender que a memória se resume única e exclusivamente a um fenômeno temporal ou como simples faculdade abstrata situada na mente do sujeito recordante. Assim, como um sentido de existência é indissociável de nossa compreensão do passado e, de forma mais ampla, da temporalidade de nosso ser, este também se encontra intrinsecamente conectado à compreensão de nossa espacialidade (LOWENTHAL, 1985b).

Segundo Malpas (2018), as memórias, em especial aquelas que possuem um forte componente pessoal e autobiográfico, se encontram atreladas a lugares específicos. Nas palavras do autor, “o fato de muitas vezes nos lembrarmos de pessoas em relação a lugares e seus arredores específicos, em poses ou estados de espírito característicos que implicam uma determinada situação, exemplifica este fenômeno mais geral” (MALPAS, 2018, p. 180). Isto posto, as memórias, sejam elas individuais ou coletivas, são frequentemente associadas a lugares (MALPAS, 2018), de maneira que a sua manutenção e evocação dependem, muitas vezes, de referenciais espaciais onde se realizaram acontecimentos históricos ou mesmo eventos cotidianos, nas palavras de Pierre Nora (1993), lugares de memória que clamam nossa atenção.

Como destaca Lowenthal (1975), a existência de lugares de densidade mnemônica é um elemento importante para a manutenção de um sentimento de segurança e continuidade. Dependemos das memórias para a construção de um sentido de existência, assim como dependemos da presença de lugares envoltos de memória, em outros termos, dependemos de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

lugares de memória, como pontos de referência para edificação e comunicação de memórias coletivas e/ou individuais, tanto quanto os lugares também são edificados por meio de memórias que os envolvem em significados.

O caráter geográfico das histórias de vida

Dentre as variadas maneiras pelas quais é possível investigar aspectos a respeito das memórias de uma pessoa ou grupo social, a história de vida se destaca como um método e/ou abordagem privilegiada nos estudos que elencam esta expressão do passado como objeto de interesse.

De acordo com Blunt (2003, p. 71), “o termo ‘história de vida’ é deliberadamente amplo e abrange o estudo das pessoas em suas próprias palavras”, utilizando-se, para isto, de recursos textuais como diários, cartas, relatos de viagem, ou mesmo através do contato pessoal, por meio de entrevistas individuais ou em grupo, pesquisas etnográficas, conversas informais, entre outros. Neste contexto, a história de vida pode ser considerada como um método de pesquisa centrado no registro da biografia de um indivíduo/grupo a partir da forma como este a procura narrar (JACKSON; RUSSELL, 2010).

Contudo, mais que uma ferramenta para o registro de acontecimentos, a história de vida tem sido utilizada como estratégia para compreender e interpretar experiências e memórias como narradas pelas pessoas, sejam estas figuras públicas ou sujeitos cujas vidas poderiam permanecer marginalizadas ou até mesmo invisíveis (BLUNT, 2003). Portanto, tal método permite um levantamento de registros íntimos, que não constam em uma história ou narrativa oficial, o que possibilita um mergulho naquilo que Blunt (2003) denominou “histórias escondidas” (*hidden histories*), qual seja, registros apagados ou suprimidos, de forma intencional ou não, servindo como ferramenta para conferir voz e vez a grupos subalternizados narrarem suas próprias histórias. Tratam-se de narrativas de fatos cotidianos, como das relações com a família e a vizinhança, das atividades laborais e de lazer, dos objetos e pessoas que constituem um acervo de lembranças individuais em grande parte, embora articuladas com eventos e contextos sociais e históricos mais amplos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

No entanto, mais do que permitir um mergulho em uma “história escondida”, como argumenta Blunt (2003), atendendo aos projetos típicos do campo de estudos da história oral, a utilização das entrevistas em história de vida possibilita o acesso e aprofundamento a vivências e experiências passadas, reconstruídas e reelaboradas através das narrativas de lembranças de fatos que competiam ao cotidiano dos sujeitos recordantes. Tratam-se, mais do que narrativas situadas em um tempo histórico, no resgate da memória introjetada nos lugares vividos, revelando a geograficidade destes sujeitos e a construção de suas identidades edificadas e comunicadas nesta relação indissociável com os lugares.

Desta forma, por focar as experiências e memórias das pessoas da forma como estas procuram comunicar através da reconstrução de suas trajetórias de vida, a história de vida apresenta um enorme potencial de exploração a partir de pesquisas em Geografia Cultural-Humanista, uma vez que esta se preocupa com os aspectos subjetivos, os significados, os afetos que emergem da espacialidade humana (MELLO, 1990; HOLZER, 2012). Como defende Lowenthal (1985a), as abordagens culturais e humanistas redirecionam o olhar da geografia para os saberes dos próprios sujeitos observados, entendendo-os como geógrafos informais e, portanto, os mais adequados para enunciarem seus sentimentos, valores, significados e entendimento a respeito do(s) lugar(es).

Embora este método possibilite a exploração de uma miríade de temas, a partir de diversas abordagens, neste trabalho, empenhamo-nos em utilizar a história de vida para compreender as articulações entre lugar e memória na experiência de residentes na comunidade da Serra de Piabas, uma localidade situada dentro dos limites do Parque Estadual da Pedra Branca, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, em especial os sujeitos idosos.

Como moradores mais antigos da localidade, os idosos são verdadeiros registros vivos da história e ocupação do lugar, tendo presenciado e vivido suas transformações ao longo do tempo. Tal qual narradores, estes, por meio da transmissão de suas lembranças acerca do lugar, contribuem para a manifestação e reprodução de uma memória viva, em movimento.

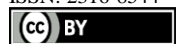
Do ponto de vista societário, os idosos cumprem um papel fundamental, o de recordar. Para a socióloga Ecléa Bosi (1979), ao lembrar o passado, o idoso “não está descansando, por

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1979, p. 60). A exploração da narrativa da trajetória de vida destes idosos nos permite, portanto, não apenas tentar retratar uma história local como apreendida por estes sujeitos, mas entender as próprias articulações entre memória e lugar como modo próprio de sua geograficidade.

Memórias de lugar e lugares de memória do PEPB

Situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, o Parque Estadual da Pedra Branca compreende todas as áreas acima da cota altimétrica de 100 metros de altitude do Maciço da Pedra Branca e seus contrafortes, estendendo-se sobre 17 bairros cariocas - Jacarepaguá, Taquara, Camorim, Vargem Pequena, Vargem Grande, Recreio dos Bandeirantes, Grumari, Jardim Sulacap, Realengo, Padre Miguel, Bangu, Senador Camará, Santíssimo, Campo Grande, Senador Vasconcelos, Guaratiba e Barra de Guaratiba.

A localidade na qual este estudo se desenvolve compreende uma pequena comunidade, denominada por seus moradores como “Serra de Piabas” ou “Morro de Piabas”, encravada na vertente sul do PEPB, entre os bairros do Recreio dos Bandeirantes e do Grumari. De acordo com a população local, o topônimo é atribuído em referência ao rio Piabas, que drena as vertentes do maciço da Pedra Branca na localidade, sendo principal responsável pelo abastecimento de água dos residentes, caracterizado, em tempos pretéritos, pela abundância do peixe Piaba (*leporinus obtusidens*).

A Serra de Piabas abriga 18 famílias, a maioria já estabelecida na localidade antes de sua inclusão dentro dos limites do PEPB, nos anos 1970, ou compostas por descendentes de residentes anteriores ao parque. A localidade pode ser acessada através da Estrada do Grumari, logradouro que liga os bairros do Recreio dos Bandeirantes, iniciando-se na altura da Estrada do Pontal, ao bairro de Guaratiba.

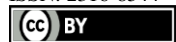
A partir de uma perspectiva centrada em sua composição paisagística, a Serra de Piabas compreende um fragmento remanescente do bioma Mata Atlântica, apresentando áreas

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

em bom estado de conservação entremeadas por áreas recobertas por cultivos agrícolas, em especial, a banana, principal marca da ruralidade que caracteriza o habitar da população local. A localidade conta ainda com alguns córregos e mirantes naturais, tornando-a destino de práticas de lazer, como caminhadas e desfrute da paisagem por parte da população dos bairros adjacentes, bem como lócus de disputas a respeito de sua apropriação e das representações construídas e veiculadas por diversos atores sociais.

A comunidade apresenta fortes traços rurais, tanto da presença de atividades de caráter agrícola para a subsistência e reprodução socioeconômica dos moradores, em especial a lavoura de banana, quanto das relações sociais que se estabelecem na escala local. Seu processo de ocupação remonta ao período em que a localidade integrava a zona rural da municipalidade do Rio de Janeiro, marcada, conseqüentemente, pela presença de uma população de perfil rural “com forte relação de dependência dos recursos naturais locais na garantia de seu sustento e reprodução social” (FERNANDEZ, 2016, p. 132).

Uma parcela significativa das memórias reconstruídas através das narrativas em histórias de vida dos idosos residentes no que hoje compreende o PEPB são direcionadas justamente ao reconhecimento das práticas rurais como elemento de um caráter distintivo do lugar frente aos bairros adjacentes, o que reflete, fortemente, esta condição rural na edificação dos sentidos de lugar por estes sujeitos. Mais do que simplesmente fonte de subsistência, estas práticas, como o cultivo da banana e o trabalho no roçado de milho, aipim e café, a criação de animais, como galinhas, cabras e porcos, bem como o leque de atividades por estas envolvidas, quais sejam, a produção de farinha artesanal e os processos de separação, secagem, torrefação e pilagem do café, compõem o acervo de recordações dos idosos residentes na Serra das Piabas, tornando-se, desde modo, elemento na construção da experiência de lugar. Tal compreensão se exemplifica na fala de M. (mulher de 70 anos de idade), que, ao narrar as recordações de sua infância vivida na Serra de Piabas, assevera o trabalho na lavoura como parte de seu cotidiano.

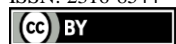
A gente trabalhava muito né. Meu pai tinha ceva de porco. Usava também muita carne de porco. Criava muita galinha. Meu pai fazia farinha e distribuía para as pessoas. Fazia farinha. Ele era lavrador. Meu pai fazia muita farinha. Aí, juntava os vizinhos todos pra poder fazer a “meia” [divisão] né. Cada um, depois que acabasse, levava um pouco pra casa. E era só trabalho. Eu sei que nós trabalhamos muito. Todo mundo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

Era fogão de lenha. Tinha que pegar lenha. Era burro pra cuidar. Pegar capim. Era muita coisa que a gente fazia. E eu acho que antigamente era muito mais proveitoso do que hoje em dia. [...] Aqui era roça pura. Meu pai tinha de tudo. Era café. Era cana. Tudo quanto é tipo de fruta que você puder imaginar. Mas não vendia nada. Só a banana. Só vendia a banana. Muita banana. Banana prata, banana d'água, banana maçã. Só vendia banana. Que o restante tudo era pra gente e pra dividir com os vizinhos que ajudavam (M.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 03/10/2021).

A partir do fragmento exposto, convém destacar que, por se referir à existência humana, o lugar não se constitui apenas do conjunto de objetos materiais localizados no espaço, mas, também, das práticas sociais ativas que mantém com o lugar uma relação de co-produção e dos significados que a ele são atribuídos (ENTRIKIN, 1976; RELPH, 1976; CRESSWELL, 2009). Nas palavras de Relph (1976, p. 141), os lugares englobam uma ordem natural e humana, são “centros significativos de nossas experiências imediatas de mundo”. Desta forma, os lugares não são meramente abstrações ou conceitos, mas “fenômenos experimentados diretamente do mundo vivido e, portanto, estão repletos de significados, de objetos reais e de atividades em andamento” (RELPH, 1976, p. 141).

Mais do que uma descrição pura e objetiva do lugar e de seu passado, as histórias de vida dos idosos nos permitem desvelar a dimensão sensível na apreensão do parque enquanto lar e morada, despertando sensações e sentimentos que estão na base da experiência de lugar como manifestada pela memória. Como argumenta Dardel, “a cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam às lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes” (DARDEL, 2011, p. 34). As lembranças narradas nos revelam texturas, sons, odores e sabores como elementos introjetados nas experiências de lugar dos sujeitos recordantes, de modo que as memórias do lugar são para estes “o canto dos passarinhos, barulho de grilo a noite, bicho no mato, tudo isso a gente ouve aqui no lugar”, como nas palavras de S. (homem de 93 anos de idade), “aquele cheirinho de lenha queimando, no fogão de lenha.”, como narra J. (homem de 60 anos de idade), ou “o leite de cabra, café e a farinha. Esse era meu café da manhã. Farinha feita aqui. Como era gostosa aquela farinha”, como descrito por M.

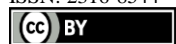
De acordo com o filósofo Paul Ricouer (2007, p. 53), “não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vimos,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

experimentamos, aprendemos”. Estas situações, discorre o autor, “implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob o qual alguma coisa aconteceu” (RICOUER, 2007, p. 53). Isto é, a memória envolve o lugar não apenas em um sentido estreito de localização, de maneira que as memórias ocorram ou remetam a um local específico, mas em uma dimensão mais profunda e sensível, do lugar como base na qual se assenta nossa existência. Nas palavras do autor:

Lembro-me de ter gozado e sofrido em minha carne, neste ou naquele período de minha vida passada; lembro-me de ter, por muito tempo, morado naquela casa daquela cidade, de ter viajado para aquela parte do mundo, e é aqui que eu evoco todos esses láis onde eu estava. Lembro-me da extensão daquela paisagem marinha que me dava o sentimento de imensidão do mundo. E, quando da visita àquele sítio arqueológico, eu evocava o mundo cultural desaparecido ao qual aquelas ruínas remetiam tristemente. (RICOUER, 2007, p. 57).

Nesta seara, a casa de infância destaca-se como palco privilegiado das histórias de vida narradas pelos idosos, tornando-se, em vista disto, um lugar de memória (NORA, 1993), veículo responsável pelo adensamento das memórias que transformam o lugar mais do que o ponto de morada, mas sim, lócus onde se desenrola a experiência e vivência de mundo, lar onde se funda a compreensão de ser. De acordo com Mello (2012), a casa da infância se destaca como o cenário dos dramas da vida, “revestida de sua originalidade, solidez e encantamento por um desfile de festas de aniversário, casamentos, celebrações natalinas, bem como toques, cheiros, pinturas, ora vibrantes, ora esmaecidos e mapas íntimos” (MELLO, 2012, p. 59), se inscreve em nós como reservatório de recordações. Neste sentido, a casa de infância é o lugar onde se desenrola uma parcela significativa das relações e acontecimentos que figuram na narrativa dos sujeitos recordantes, como expressam os relatos de S. e B. (mulher de 81 anos de idade):

Eu vivia na casa do meu avô. Tião, meu filho, estava roçando o bananal e eu acho que ele já passou da cava [alicerce] da casa. Deve estar limpo lá. Tem uma jaqueira e logo acima tem a entrada da casa. Não sei como está aquilo hoje, já tem tempo que eu não vou lá. Mas era tudo calçadinho de pedra, até em cima no lugar onde ficava a casa. Havia um baldrame, assim, um muro dessa altura mais próximo do caminho. E a casa era pra cima daquele muro. Uma casa grande. Tinha três quartos e uma sala de dançar, onde faziam os bailes. Uma sala grande de dançar. A cozinha era separada da casa. Era cozinha de lenha, onde fazia as comidas. E do outro lado ficava o trem de farinha. A casa tinha uma roda de ralar a mandioca e, onde tem um monte de pedra, era o forno de mexer farinha. A casa era de estuque. Acabei desmanchando a casa e plantei banana por cima. Mas era uma casa muito bonita. Lembro direitinho dela (S.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 30/04/2018).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

Eu me lembro quando morava lá pra cima, na casa lá de cima. Perto de A. e de E. Era tão bom. Era tão divertido. A gente brincava até a noite. As vezes anoitecia e a gente estava brincando. Pulava corda, brincava de balanço, brincava de roda. Mas era muito bom. Era divertido. Eu gostava à beça. Às vezes, eu fico assim pensando que tudo se acaba. Tudo se acaba. Depois que a gente cresce, se casa, um vai para um lado, o outro vai pra outro. Aí, vai se acabando. Acabando. Entristece à beça. [...] Muita gente saiu. Sabe, eu fico tão triste. Lá onde minha mãe morou eu já não vou mais. Agora eu só vejo mato onde era a casa. Não vejo mais nada. Aquele fogãozinho de lenha. Chegava lá e ela fazia o cafezinho pra gente. Era tão bom. Eu chegava lá e ela fazia o cafezinho. Botava no fogo. Cafezinho de lenha. Cafezinho tão gostoso. A gente se lembra de tudo. Era tudo limpo. O meu pai cavava aquele caminho lá de baixo. De cá de baixo até lá em cima no alto. Ele cavava e tirava a terra todinha. Não ficava um só mato. Só trabalhava no sítio dele. Então aquilo era limpinho até lá em cima. Dava gosto de andar (B.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 22/04/2018).

Em ambos os relatos é possível entrever o peso da casa de infância na reconstrução das memórias como um núcleo de significado e valor, animado pelas recordações das pessoas que ali viveram ou visitaram, das celebrações e bailes que por lá ocorreram, das brincadeiras que se desenrolavam, dos cheiros e sabores dos cafés preparados e compartilhados, de sua estrutura que, embora transformada no decorrer do tempo, resiste na memória. De acordo com Tuan (2013), tais acontecimentos, embora denotem a simplicidade da vida cotidiana, com o tempo podem se transformar em um profundo sentimento de afeição e pertencimento pelo lugar. Recorrendo a Tuan (2013), podemos compreender, no caso dos relatos destacados, a casa de infância como um lugar íntimo, qual seja, o lugar no qual se desenrolam experiências privadas e trocas que se manifestam na intimidade entre as pessoas. Para o autor, tais lugares “podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação” (TUAN, 2013, p. 173).

Neste sentido, a apreensão do desaparecimento concreto da casa de infância frente ao avanço da cobertura vegetal, nas palavras de B., a invasão da casa pelo “mato”, reveste o lugar por um sentimento de tristeza decorrente de sua perda, expressa no relato destacado por frases como “tudo se acaba”, “Aí, vai se acabando” e “Entristece à beça”. Esta compreensão, longe de ser um dado isolado, carrega consigo uma perspectiva nostálgica como elemento comum nas recordações narradas pelos idosos da Serra de Piabas.

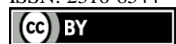
De acordo com Lowenthal (1975), a nostalgia, mais do que um sentimento de apego a um passado seletivo, edificado por meio de recordações positivas frente às transformações

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

impostas pelo tempo presente, se refere a uma das facetas pelas quais o ser humano se relaciona com o seu passado, tornando-se elemento importante na edificação das experiências de lugar. Desta forma, o caráter nostálgico a partir do qual se estruturam as memórias de lugar dos idosos da Serra das Piabas não remete de forma simples a uma comparação ingênua entre um passado iluminado por recordações que denotam um sentimento topofílico, para se utilizar do termo cunhado por Tuan (2012), e um presente obscurecido pelas transformações concretas e simbólicas do lugar, mas também como uma resposta as reconfigurações impostas quanto da transformação de seu lar e morada em uma área de proteção ambiental, representada pela figura institucional do parque. Neste sentido, a memória se torna uma ferramenta nos processos de contestação política à figura institucional do parque, bem como elemento de resistência cotidiana dos residentes.

Desta forma, a transição de parte da antiga zona rural para Unidade de Conservação de Proteção Integral implicou na criação e imposição de uma série de normas e regras como base nos processos de apropriação do lugar, tornando, inclusive, a presença de residentes como uma condição de divergência com o que determina o ordenamento no qual a categoria parque se insere.

Neste sentido, a constituição do PEPB impôs formas de uso divergentes daquelas localmente realizadas, se sobrepondo a dinâmicas sociais pré-existentes. Ainda que a criação do PEPB tenha se destacado como uma importante estratégia ambiental diante do avanço da urbanização via especulação imobiliária, atuando como um instrumento na proteção dos recursos naturais ali presentes (FERNANDEZ, 2009), sua implementação representou para a população residente a incidência de um conjunto de regras e normas de caráter restritivo às suas formas históricas de reprodução socioeconômica e cultural, modificando significativamente sua relação com o/no lugar, além de se apresentar enquanto um elemento de ameaça à sua permanência dentro dos limites oficiais do parque.

No ato de sua criação, através da promulgação da Lei Estadual nº 2.377, de 28 de junho de 1974, já se previa a desapropriação de toda a área abrangida pelo PEPB, reforçando sua consideração enquanto um espaço de posse e uso públicos, de forma que as ocupações

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

anteriores ao seu estabelecimento deveriam ser cadastradas a fim de promover a regularização de sua situação fundiária mediante sua remoção ou realocação fora dos limites do parque.

Afora a tensão sobre o direito de permanência, a instituição de um conjunto de normas no processo de edificação do PEPB, quando não inviabilizaram as formas de reprodução econômica e social da população residente, fizeram com que esta tivesse que se adaptar aos novos usos. Uma vez incluído no grupo de Unidades de Conservação de Proteção Integral, como definido pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), é permitido apenas o uso indireto de atributos naturais, sendo vetado o consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos ambientais (BRASIL, 2000) inseridos dentro dos limites do PEPB, o que, a título de exemplo, impossibilitaria a captação de água para consumo e uso doméstico, ou mesmo o uso de recursos minerais ou florestais para a realização de reparos nas trilhas ou residências já existentes.

Dentre as normas gerais de uso do PEPB, presentes em seu plano de manejo, destacam-se a proibição da realização de quaisquer atividades ou ações que venham a impactar o meio ambiente no interior desta Unidade de Conservação; da retirada total ou parcial de qualquer planta, exemplar de fauna ou amostra mineral sem a autorização expressa dos órgãos gestores; da introdução ou da reintrodução de espécies de flora e/ou fauna silvestre quando não autorizadas pelo setor responsável do Instituto Estadual do Ambiente (INEA)²; da construção de quaisquer obras de engenharia que não sejam de interesse direto dos órgãos gestores; da entrada, uso e criação de animais domésticos ou de plantios agrícolas nas unidades, salvo nas propriedades rurais não desapropriadas, quando permitido pelo setor responsável do INEA; da introdução de espécies de fauna ou flora exóticas no interior da Unidade de Conservação.

Em meio à narrativa de suas memórias, J. destaca que a criação do PEPB se apresenta como um dos motivos pelos quais uma parcela significativa dos antigos moradores da Serra das Piabas resolveu abandonar a localidade. Tendo atuado na lavoura durante sua juventude e início da vida adulta, J. assevera que, embora a criação do parque tenha acarretado benefícios

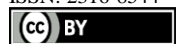
² Órgão responsável pela administração e gestão do Parque Estadual da Pedra Branca.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

ambientais, esta, também provocou uma série de transformações das práticas locais, levando a uma reconfiguração da própria compreensão e experiência deste frente ao lugar.

Hoje você não tem mais a oportunidade de trabalhar como se trabalhava. Antigamente, falecido papai abriu, dentro dessa mata aí, uma roça. Dentro dessa mata. [...] A evolução traz benefícios, mas tira também muita coisa do pessoal que é da roça. Pra quem é da roça, a evolução tira muita coisa. Você vê? Naquele tempo você podia chegar e fazer uma derrubada e fazer uma lavoura, pra plantar um aipim, um milho, um feijão. Até mesmo pra você sobreviver ou vender mesmo, que o pessoal aqui vendia. Hoje você não pode fazer. Não pode. Como vai fazer? Tem que deixar virar mata. Floresta. Tá virando floresta. E vem cada vez tomando conta de tudo. As coisas vão brotando e você não pode derrubar. Mas, também é benefício, não é? Porque a gente tem um ar puro, um oxigênio bom. Aqui em cima geralmente não tem poluição. (J.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 05/01/2019).

Isto posto, afora o caráter afetivo, as memórias de lugar como evocadas pelos idosos residentes no PEPB são envoltas por um sentido político, expresso tanto na incerteza em relação à permanência destes sujeitos no contexto de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral quanto aos limites impostos sobre as suas práticas e atividades de reprodução socioeconômica e cultural. De acordo com Blunt (2003), por meio das histórias de vida as pessoas expressam seus sentimentos e transmitem as condições de sua vida material, mas também as relações e mecanismos de poder que permeiam os processos de construção e apreensão de seu lugar. As memórias que emergem de tais narrativas, entendidas por Pollak (1989) como “memórias subterrâneas”, qual seja, memórias de contestação diante do apagamento da história de grupos subalternizados, atuam como elemento na construção de um sentido político de lugar por meio da história de vida dos idosos do PEPB.

Nesta seara, tais memórias tornam-se ferramenta de contestação por parte dos residentes, sendo mobilizadas em meio ao que o Scott (2013) denominou enquanto “discursos ocultos de resistência”. De acordo com Scott (2013), o processo de resistência de grupos subordinados ocorre não apenas através do enfrentamento direto ou da contestação na arena pública, mas, por vezes, se manifesta em “microepisódios” da vida cotidiana, numa esfera privada, constituindo discursos ocultos. Para o autor, tais discursos se revelam através de tradições e expressões culturais que desafiam simbolicamente as estruturas de poder dominante sem fazê-lo de forma pública e aberta. Deste modo, cada grupo subordinado elabora, a partir de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

sua experiência, um discurso oculto que se apresenta enquanto uma crítica ao discurso dos grupos dominantes.

No contexto dos residentes do Parque Estadual da Pedra Branca, em especial os idosos, a defesa de sua permanência nos limites de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral é permeada por discursos ocultos de resistência, recorrendo à memória como ferramenta de legitimação de sua presença e como forma de contestação simbólica aos limites impostos pela criação do parque, como revela a fala de C. (homem de 62 anos).

Meu pai já me falava de quando o pai dele morava aqui, e o avô dele também. Eu me lembro de todas as histórias. De como veio morar aqui, do que plantava, de quem morava aqui no lugar. A gente já estava aqui antes do parque. Hoje em dia já não pode fazer muita coisa. Ninguém mais quer continuar plantando, porque, com o parque fica mais difícil. Daí a gente que continua aqui, que depende disso, tem que fazer quase que escondido (C.; ENTREVISTA CONCEDIDA EM 10/05/2019).

Desta forma, ao lado do discurso oficial que eleva a localidade à categoria de Unidade de Conservação de Proteção Integral, emergem discursos ocultos de resistência, enfatizando a memória como elemento de identificação e coesão com o lugar, entendido, de tal forma, tanto em uma dimensão afetiva, como centro de significados dotado de valor, quanto de uma dimensão política, como condição de reprodução social do grupo em questão.

As histórias de vidas de idosos, portanto, dão conta não apenas de uma descrição objetiva do que entendem como seu passado, mas revelam traços de sua própria geofricidade (DARDEL, 2011), expressa, sobretudo, pelo desenvolvimento de um profundo elo de pertencimento ao lugar, desenvolvendo-se no contexto de mediações que são ao mesmo tempo afetivas, denotando laços topofílicos, mas também políticas, uma vez que coloca constantemente o direito de permanecer em meio a uma Unidade de Conservação de Proteção Integral.

Considerações finais

Procuramos demonstrar ao longo deste breve ensaio diferentes modos a partir dos quais memória e lugar podem se articular em meio a experiência de mundo, tomando como referência de análise e interpretação histórias de vida de idosos residentes no contexto de uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

Unidade de Conservação do Proteção Integral, o Parque Estadual da Pedra Branca. Mais do que simplesmente um espaço territorial e os recursos ambientais nele contidos, como o termo Unidade de Conservação é definido pelo SNUC (BRASIL, 2000), o PEPB se revela como local de vida e morada de diversas famílias nele estabelecidas e, no contexto dos idosos situados na Serra de Piabas, como um lugar, um centro de significados edificado pela experiência, como defendem os autores da Geografia Cultural-Humanista (RELPH, 1976; TUAN, 2011; 2013).

Segundo Ricouer (2007, p. 59), “os lugares habitados são, por excelência memoráveis. Por estar a lembrança ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los”. Isto posto, a memória se torna um elemento central de referência na edificação de sentidos de lugar por parte dos idosos residentes no PEPB, de modo que sua evocação coloca em jogo o complexo processo de apropriação simbólico-afetiva e política que é tecido na escala do lugar.

Nossas experiências do passado, reconstruídas através da memória, podem, portanto, fornecer a base para o desenvolvimento de uma profunda relação com o lugar (TUAN, 2013). Como argumenta Marandola Jr. (2012, p. 228), “é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo”. A construção de um íntimo elo afetivo com o lugar é adensada por lembranças de pessoas ou eventos, servindo como base para a construção da própria geograficidade. Portanto, a memória é a experiência vivida que confere significado ao lugar (MARANDOLA JR, 2012).

Neste sentido, a memória torna-se, ao mesmo tempo, veículo na fruição e comunicação do envolvimento dos sujeitos recordantes com o seu lugar, estando na base da edificação das experiências de lugar e dos significados a este atribuídos, como também o lugar se revela como palco privilegiado na evocação destas memórias, servindo como suporte para sua reprodução.

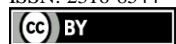
Assim, é por meio do lugar que os idosos residentes no PEPB lembram de eventos significativos de sua existência, construindo a base da experiência de mundo (MARANDOLA JR, 2012) e sua própria geograficidade. Deste modo, as experiências passadas, reconstruídas por meio da evocação da memória, tornam o PEPB um rico centro de significados para estes sujeitos, denotando sentimentos de pertencimento, afeição e apego, mas, também, sendo motivo gerador de incertezas quanto à sua permanência.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Referências Bibliográficas

BLUNT, A. Home and Identity: life stories in text and person. In: BLUNT, A.; GRUFFUDD, P.; MAY, J.; OGBORN, M.; PINDER, D. (eds) **Cultural Geography in Practice**. London: HodderEducation, 2003, p. 71-90.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.

CASEY, E. Between Geography and Philosophy: the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**. v. 91, n. 4, p. 83-93, 2001.

CORRÊA, R. L. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

CRESSWELL, T. **Place**: a Short Introduction. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

_____. Place. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. (eds) **International Encyclopedia of Human Geography**. Oxford: Elsevier, 2009, p. 169-177.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ENTRIKIN, N. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 66, n. 4, p. 615-632, 1976.

FERNANDEZ, A. C. F. **Do Sertão Carioca ao Parque Estadual da Pedra Branca**: a construção social de uma unidade de conservação à luz das políticas ambientais fluminenses e da evolução urbana do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

_____. O sertão que virou parque: natureza, cultura e processos de patrimonialização. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, v. 29, n. 57, p. 129-148, 2016.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural**: uma antologia (I). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p.165-178.

JACKSON, P.; RUSSELL, P. Life History Interviewing. In: DELYSER, D.; HERBERT, S.; AITKEN, S.; CRANG, M.; MCDOWELL, L. (eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Geography**. London: SAGE, 2010, pp. 172-192.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LOWENTHAL, D. Past Time, Present Place: Landscape and Memory. **Geographical Review**, v.65 n. 1, p. 1-36, 1975.

_____. Geografia, Experiência e Imaginação: Em Direção a uma Epistemologia Geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985a, p. 103-141.

_____. **The Past is a Foreign Country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985b.

_____. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, p.63-201, 1998.

MALPAS, J. **Place and Experience: a philosophical topography**. 2ªed. London; New York: Routledge, 2018.

MARANDOLA JR, E. Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2012. p. 227-248.

MELLO, J. B.F.M. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

_____. O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2012, pp. 33-68.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p.7-28, 1993.

OLIVEIRA, L. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo, Perspectiva, 2012, pp. 3-16.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

_____. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia **Essays of Geography | POSGEO-UFF**

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (orgs) **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 93-101.

SCOTT, J. **A dominação e a arte da resistência**: discursos ocultos. Lisboa: Letra Livre, 2013.

SEEMANN, J. O espaço da Memória e a Memória do Espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista Casa da Geografia de Sobral**, v. 4/5, p. 43-53, 2003.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2012.

TUAN, Y. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 01, n. 01, p. 4-15, 2011.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Eduel: Londrina, 2012.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Eduel: Londrina, 2013.

_____. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUM, Jean Lucas da Silva. Explorando memórias de lugar e lugares de memória através de histórias de vida de idosos residentes na Serra de Piabas, situada no Parque Estadual da Pedra Branca, Cidade do Rio de Janeiro -RJ. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 75-97, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 13/10/2021. Aceito em: 02/03/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

SEÇÃO ARTIGOS

MERLEAU-PONTY E O PRIMADO DO CORPO COMO EXPERIÊNCIA NASCENTE DA PAISAGEM

MERLEAU-PONTY AND THE PRE-EMINENCE OF THE BODY AS AN EARLY EXPERIENCE OF THE LANDSCAPE

MERLEAU-PONTY Y LA PRIMACIDAD DEL CUERPO COMO EXPERIENCIA CRECIENTE DEL PAISAJE

 [Lucas Kaliei Tavares de Souza e Souza](#)¹

Universidade da Amazônia (UNAMA),
Pará, Brasil
E-mail: lucaskaliel@protonmail.com

 [Romeu Bacelar de Souza Neto](#)²

Universidade da Amazônia (UNAMA),
Pará, Brasil
E-mail: rbacelar.souza@gmail.com

Resumo

Neste artigo investigamos a conaturalidade do corpo-paisagem através do rompimento de uma ontologia clássica para a compreensão de uma ontologia da experiência por intermédio das obras de Merleau-Ponty. Para a reflexão da paisagem propõe-se: a) discutir os pontos de partidas que compreendem uma ontologia da experiência e ser bruto, a Terra-corpo-ser-no-mundo serão relacionadas para um desdobramento do pensamento sobre a paisagem que envolve uma reflexão de um mundo pré-objetivo; b) restituir noções filosóficas que envolvem a conceituação de paisagem, mediante a relação do visível e aquele que vê, compreender o intermédio da relação que envolvem o corpo, espacialidade e ser-no-mundo; c) considerar uma breve discussão sobre a noção de carne que abre o corpo-coisa enquanto unidade através disso apreender os desdobramentos do campo da experiência da paisagem em possibilidade e latência enquanto sentido da presença. Em seus últimos escritos, Merleau-Ponty expressa uma harmonia originária que envolve a relação corpo-coisa, que compreende uma pré-posse antes de qualquer reflexão que possa determinar e fixar, o corpo sendo sensível para si que envolve as coisas em sua carne, fazendo-se assim mundo.

Palavras-chave

Experiência; Fenomenologia existencial; Fenomenologia geográfica; Paisagem.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Geografia (UNAMA – Universidade da Amazônia).

² Graduado em Licenciatura Plena em Geografia (UNAMA – Universidade da Amazônia).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliei Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

In this article we investigate the connaturality of the body-landscape through the rupture of a classical ontology for the understanding of an ontology of experience through the work of Merleau-Ponty. For a reflection on the landscape, we will: a) discuss the starting points that make up an ontology of the experience and of the brute being, the earth-body-being-in-the-world, will be related to an unfolding of the thought about the landscape which involves the reflection of a pre-objective world; b) rescue philosophical notions that involve the conceptualization of landscape, through the relationship between the visible and the one who sees, understanding the intermediary of the relationship that involves the body, spatiality and being-in-the-world; c) propose a brief discussion on the notion of flesh that opens the body-thing as a unit, through which the unfolding of the field of experience of the landscape in possibility and latency as a sense of presence is apprehended. In his latest writings, Merleau-Ponty expresses an original harmony that involves the body-thing relationship, which includes a pre-possession in the face of any reflection that can determine and set, the body being sensitive to itself that involves things in its flesh, thus making the world.

Keywords

Experience; Existential phenomenology; Geographic phenomenology; Landscape.

Resumen

En este artículo discutimos el cuerpo como conductor ontológico para despertar una dimensión preobjetiva del paisaje-experiencia, aportando un reflejo original de la percepción del paisaje frente a las múltiples formas de abrirse en diálogo con las obras de Merleau-Ponty. Para el autor, el fundamento a priori de aprehender el mundo sobre lo que vemos encierra una dificultad inherente desde el momento en que cuestionamos sobre el conocimiento de esta mirada, del mundo y de nosotros. El paisaje, por tanto, entendido como aspecto visible y perceptible del espacio, es un referente del fenómeno del estar-en-el-mundo, siendo el horizonte exterior el que me hace tener la indudable certeza de mí mismo como diferencia específica. Nuestro entendimiento, en principio, es desvelar este mundo circundante que acoge al hombre, cómo este momento vivido del paisaje se une como una forma de ser de presencia subrayada como un proceso de significado y realización.

Palabras-clave

Experiencia; Fenomenología existencial; Fenomenología geográfica; Paisaje.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Introdução

Este texto tem como fio condutor as implicações filosóficas das obras de Merleau-Ponty e a aproximação para o esclarecimento do conceito de paisagem, sendo necessário a compreensão e a relação do que são as dimensões do corpo próprio sobre o mundo perceptivo, visto que “no espaço ele mesmo e sem presença de um sujeito psicofísico não há nenhuma direção, nenhum dentro, nenhum fora” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 275).

Sendo assim, o conceito de paisagem e suas problemáticas fundamentais a respeito sobre o que é o olhar, o mundo percebido e o corpo próprio são insuficientemente relacionados ao âmbito filosófico, consistindo restritamente aos geógrafos a resolução epistemológica de suas aplicações científicas, o que recusa a uma abertura teórica sobre a totalidade que compõe a estrutura da paisagem (MARANDOLA JR., 2012).

Para Holzer (1998), a insuficiência de reflexões fenomenológicas acerca da temática paisagem e o erro em considerar o lugar com o mesmo aporte conceitual causam o encarecimento de uma base epistemológica evidente e sólida para a geografia. O esforço de trazer uma discussão acerca de uma geografia fenomenológica consiste em estabelecer o estudo das essências e, principalmente, a correlação do espaço, tempo e o mundo “vívido” incorporado na atitude descritiva sobre o espaço.

O que destacamos em nosso artigo e inclui em suas reflexões uma abertura do ser-paisagem é a geografia existencialista de Eric Dardel. Para o autor, a compreensão da paisagem move-se sobre a inserção do homem no mundo e a afirmação da consideração da experiência no sentido de síntese de totalidade sempre aberta, definido como a correspondência e sintonização com o espaço.

A paisagem se unifica em torno de um tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue (DARDEL, 2011, p. 31).

A paisagem, nesta condição, abre-se a possibilidade do pensar o mundo não como acabado em si mesmo, mas em constante desdobramento e horizonte ilimitado da existência, não sendo simplesmente ato estático, e sim, movimento constante que não cessa, e "verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar" (DARDEL, 2011, p. 31). Portanto, a geograficidade originária se dando nesses princípios de horizonte mesmo do cotidiano, a visão e o movimento expressam esses valores que manifestam a relação geográfica do homem com o mundo, nesta lógica é onde o homem se inscreve no solo e na paisagem como seu modo de ser, "sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo" (DARDEL, 2011, p. 31), pertencendo, assim, como expressão fundamental da presença³.

Maurice Merleau-Ponty nasceu a 4 de março de 1908 em Rochefort-sur-Mer. foi um filósofo fenomenológico francês que fez parte da chamada geração existencialista dos anos 40 e 50, produziu ensaios políticos de base marxista, especialmente o livro *As Aventuras da Dialética*, sendo crítica e análise de uma postura ultra bolchevista, que divergiu durante toda a sua vida com o pensamento e amizade de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Introduziu a questionabilidade da filosofia se constituir como um todo a priori, afastando a experiência como todo o acontecimento possível. Dessa maneira, os seus esforços se dirigiram para a base fenomenológica dos textos finais de Husserl, que considerava nesse tempo a precedência da gênese de um mundo pré-objetivo, a passagem de um transcendental está sempre situado de forma originário no fundo de mundo onde tudo é simultâneo, a abertura do vivido como postulações necessárias para a filosofia, a mediação entre o mundo da natureza e o mundo das pessoas se afirmam como uma questão. Em visto disso, em seus escritos sucede o retorno de

³ Em Inwood (2002), presença é a tradução da palavra em alemão chamada *Dasein*, em linhas gerais, o da significando o "lá vem eles" e "aí vem eles", e o sein sendo "ser aí, presente e existente", os poetas comumente o simbolizavam como a vida e o ser das pessoas. Neste sentido, Heidegger o utiliza sinteticamente como o ente que pertence o privilégio do ser, ou melhor, o ser propriamente dos humanos, este que está habitualmente no mundo e que é "aí" para o espaço que o abre para si mesmo e o ilumina, a condição de possibilidade par excellence de orientação do estar ali e lá.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

fato às origens da consciência constituinte, assim, principia o corpo, mundo, linguagem e intersubjetividade como seu campo de reflexões, dirigido para uma ontologia da experiência que considera o ser anterior a todas as identidades e fixações que os objetos podem suscitar no mundo objetivo.

Para os desdobramentos de nossas questões, o autor visa romper com a contradição dicotômica do sujeito-objeto e base do realismo ingênuo que estava presente na sensação e percepção. Na filosofia, a consciência ou o sujeito transcendental, compreende uma identidade consigo mesmo, logo, diferentemente do objeto com a sua interioridade absoluta em si, formam esse sistema de separação um com o outro, que durante algum momento algum se realiza no outro e vice-versa. A metafísica de Descartes, introduzido para Merleau-Ponty como pensamento de sobrevoo, investiga sempre buscar este limite a si mesmo e estender a dominação sobre a realidade exterior, o instante do ato de conhecimento procede nessa relação. Diante dessa separação absoluta, a cisão entre consciência-mundo, as coisas no visível se encerram apenas em representações empreendidas no sujeito, o pensamento de sobrevoo não habita o mundo, no qual o pólo oposto transforma-o em ideia ou conceito. Destarte, é nesse sentido que a ciência outorga como fim último a relação de causalidade, o que afeta nossa relação do corpo próprio e a sensação que se efetiva nesse meio. Ambos, subjetivismo e objetivismo, encaminham essa diferença que ora um se converte em idealismo, onde as coisas começam a perder totalmente seus estados reais se transformando em verdadeiras aparências, e o outro vai negando a realidade da presença em que o exterior se impõe como puro acontecimento observável e objetivo. Com essa contradição, encaminhamos o pensamento de Merleau-Ponty na relação dessas origens, em como estes mesmos conceitos estão sempre presentes na experiência e sobre a efetiva percepção de um sentido, isso quer dizer realizar um outro ponto de partida, mostrar que a consciência reflexiva não é a única via fundante sobre se referir ao mundo e a consciência, é nesta lógica que introduzimos o corpo como meio originário de suceder a experiência deste mundo.

Com isso, na primeira seção trataremos sobre a reflexão de uma abertura da paisagem a partir de uma ontologia do ser bruto, trazer necessariamente a diferenciação com a ontologia tradicional que circunscreve o mundo em si e acabado separado por um sujeito vazio que

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

determina apenas a essencialidade do objeto baseado na estrutura cognoscente em processo epistêmico, o esforço é advir um sentido de ser pré-objetivo que esteve sempre presente antes de qualquer manipulação objetiva do mundo, compreender então a paisagem nascente no sentido fenomenológico nesta correlação de Terra-corpo-ser-no-mundo onde a experiência torna possível as diversas facetas do ser. Na segunda seção, trazer de forma aprofundada as conceituações filosóficas de Merleau-Ponty a respeito do corpo, espaço e ser-no-mundo, além de partir de diversas reflexões de Heidegger que possam contribuir com a mesma temática. Por fim, envolver a paisagem com a determinação do autor sobre a carne do mundo e as conclusões a respeito dessa investigação.

A ontologia da experiência

Segundo Dardel, a geografia não é simplesmente um conhecimento dado na medida em que a realidade geográfica "não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido" (DARDEL, 2011, p. 33). A ciência geográfica, segundo ele, implica a relação próxima do homem com a Terra, sendo este o ser-no-mundo dotado de condições terrestres que chamam o homem a seu encontro, é neste sentido que o conhecimento geográfico se pressupõe. De certa forma, a geografia não se daria em termos solipsistas puramente isolados, referindo-se a Terra ela se trataria desse meio primordial de exprimir a partir disso "minha inquietação, minha preocupação, meu bem estar, meus projetos, minhas ligações" (DARDEL, 2011, p. 33). A realidade geográfica, portanto, é aquilo que está mais próximo de mim, os lugares que eu frequento, o meu bairro, os hábitos cotidianos e o meu trabalho formam em geral o pertencimento habitual da totalidade de meus horizontes. O sujeito nesta compreensão total do ser enquanto disposição de sua vida afetiva pode até se esquecer de si mesmo, mas este afastamento pode estar sempre oculto o seu descobrimento, o "exílio, a invasão tiram o ambiente do esquecimento e o fazem aparecer sob a forma de privação, de sofrimento e de ternura" (DARDEL, 2011, p. 34), o distanciamento demonstra o conflito geográfico entre horizonte interior, do passado, e o horizonte exterior posto no visível presente, é neste sentido que um país ausente pode designar um estranhamento e discordância profunda. Portanto, é no

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

vivido que se desperta a consciência geográfica, e onde se apresenta a exteriorização da relação fundamental com a Terra, sendo necessário afirmar que "não há uma essência, uma ideia que não se atenha a um domínio de história e geografia, não que esteja nele encerrada, e inacessível para os outros, mas porque o espaço ou o tempo da cultura, como o da natureza, não são sobrevoáveis" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 114).

Em Husserl⁴, a Terra afirma essa experiência originária, consistindo no mundo anterior das "puras coisas"⁵ em que o pensamento cartesiano relegada a um corpo qualquer dentre os outros, diferente da percepção originária que trata a Terra como a região selvagem que brota o sentido do ser. Dela não se retém a categoria de infinito e finito, portanto, não sendo determinado como objeto, mas sim o originário de todos eles, "a Terra não está móvel, nem em repouso, ela está aquém" (MERLEAU-PONTY, 2000a, p. 127). Desta maneira, ela é o ser que abrange toda a possibilidade em relação ao homem e lhe serve de berço. O mundo objetivo não conduz esses vínculos consigo, não habita a Terra como abertura e o horizonte universal. É desse encobrimento fundamental do fenômeno que é possível a realização da ciência do infinito.

Esquecemos a noção de *Boden*⁶, porque a generalizamos, situando a Terra entre os planetas. Mas, diz Husserl, imaginemos um pássaro capaz de sobrevoar um outro planeta: ele não teria um solo duplo. Pelo simples fato de que é o mesmo pássaro, ele une os dois planetas num único solo. Aonde quer que eu vá, daquele lugar faço um Boden. Ligo o novo solo ao antigo que habitei. Pensar duas Terras é pensar uma mesma Terra. Para o homem, ali não pode haver senão homens: os animais, diz Husserl, são apenas variantes da humanidade. O que há de mais universal para nós, nós o pensamos a partir do que temos de mais singular. O nosso solo amplia-se mas não se desdobra, e não podemos pensar sem referência a um solo de experiência desse gênero. A Terra é a raiz de nossa história. Da mesma forma que a arca de Noé continha tudo o que podia restar de vivente e de possível, também a Terra pode ser considerada como portadora de todo possível (MERLEAU-PONTY, 2000a, p. 127).

⁴ Husserl, em seus escritos, considera duas vertentes filosóficas que se encaminham contraditoriamente: "um lado, a ruptura com a atitude natural ou, de um outro lado, a compreensão desse fundamento pré-filosófico do homem" (MERLEAU-PONTY, 2000a, p. 118). Nesta condição, é presente em momentos na fenomenologia a exigência de considerar o irrefletido como o fundo da reflexão, não se conduzindo à exclusão de um com o outro, mas compreendendo o mundo pré-reflexivo como a forma originária.

⁵ Pura coisa é a Natureza concebida no cartesianismo e tal como o mundo objetivo se constitui para o olhar do cientista. Em Husserl, é nascente na estrutura da percepção este fundamento, tanto que é possível dizer que as coisas estão longe de serem uma qualidade de valor. O ego, ao invés de ser lançado no mundo, dentro da lógica do objeto em geral se torna indiferente para apreender as coisas como sujeito teórico. Portanto, neste Eu purificado, contém o cerne da concepção do em-si. (MERLEAU-PONTY, 2000a).

⁶ "Solo".

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, n°. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Nessa condição, a forma de "pura coisa" só se constitui dentro do fundo de mundo primordial, dessa maneira nada exclui a referência do vivente, o paradoxo aparente entre o sujeito-objeto do conhecimento só é existente com o "ego" que exclui o fenômeno de ser-no-mundo. Dessa maneira, o "meu ego (...) só pode ser aquele que tem a experiência do mundo e está em comunidade com outros egos, seus semelhantes" (HUSSERL, 2001, p. 152). Husserl, portanto, restitui o caráter de verdade comum entre os sujeitos que é assegurado pela Natureza, onde se encontra a totalidade dos objetos aparentes em sua condição originária, entre o ego e seus semelhantes a Terra é o meio de comunicação único para todo o mundo. Portanto, "a Natureza envolve tudo, a minha percepção e a dos outros, enquanto estas só podem ser para mim um afastamento do meu mundo" (MERLEAU-PONTY, 2000a, p. 129).

Segundo Husserl, os objetos só estão determinados como existentes em relação a uma consciência real ou possível, o ego transcendental representando unicamente os objetos intencionais situados. Como o ego familiariza-se com o mundo, estes objetos são, então, separados entre pólos distintos, consistindo nos primeiros em uma unidade sintética, e a segunda em uma polarização com uma diferente espécie de síntese, "que abrange as multiplicidades das *cogitationes*, do eu idêntico, que, ativo ou passivo, vive em todos os vividos da consciência" (HUSSERL, 2001, p. 82).

A Terra, como base, é o advento do sujeito, fundamento de toda a consciência a despertar a si mesma; anterior a toda objetivação, ela se mescla a toda tomada de consciência, ela é para o homem aquilo que ele surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras, o solo de seu hábitat, os materiais de sua casa, o objeto de seu pensar, aquilo a que ele adapta sua preocupação de construir e de erigir (DARDEL, 2011, p. 41).

É a Terra, segundo Heidegger, que o homem histórico dá o princípio para estabelecer o mundo, enquanto a forma institui uma instalação no mundo, produzindo terra, "a obra move a própria terra para o aberto de um mundo e nele se mantém" (HEIDEGGER, 1992, p. 36), é neste sentido que a criação da obra permite que a Terra seja ela mesma. As coisas postas na Terra impedem qualquer intromissão interior em si mesmo, se racho algum objeto "as partes nunca mostram algo de um interior e de um aberto" (HEIDEGGER, 1992, p. 37). O que quer dizer isto? Todas as coisas na Terra resultam em uma condição de harmonia na totalidade, ela só pode se tornar abertamente descoberta longe de um ato intelectualista rigoroso em que a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Terra está sobre a régua da medida técnico-científica da Natureza. Diferentemente disso, ela só se mantém como essência quando "recua perante toda a exploração" (HEIDEGGER, 1992, p. 37), sendo algo que se fecha a si mesmo, a produção a Terra tem o significado de "traze-la ao aberto como o que em si se fecha" (HEIDEGGER, 1992, p. 37), só se descobrindo enquanto ela mesma fechada não abrigando o idêntico a si mesmo, mas a plenitude possível de modos e formas simples de ser.

O mundo é a abertura que se abre dos vastos caminhos das decisões simples e decisivas no destino de um povo histórico. A Terra é o ressaír forçado a nada do que constantemente se fecha e, dessa forma, dá guarida. Mundo e Terra são essencialmente diferentes um do outro e, todavia, inseparáveis. O mundo funda-se na Terra e a Terra irrompe através do mundo. Mas a relação entre mundo e terra nunca degenera na vazia unidade dos opostos, que não têm que ver um com o outro. O mundo aspira, no seu repousar sobre a Terra, a sobrepujá-la. Como aquilo que se abre, ele nada tolera de fechado. A Terra, porém, como aquela que dá guarida, tende a relacionar-se e a conter em si o mundo (HEIDEGGER, 1992, p. 38).

Para Merleau-Ponty, o mundo objetivo manipula as coisas e se recusa a habitá-las, se constitui em modelos a priori que estão distantes propriamente do mundo real, "operando sobre esses índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição" (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 13). Este mundo trata-se sempre da primazia do objeto em geral, esquecendo da existência da subjetividade no processo epistemológico, sendo assim, "como se ele nada fosse para nós e estivesse no entanto predestinado aos nossos artifícios" (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 13). Mas a ciência clássica reconhecia, de certo modo, essa operação de opacidade do mundo, nessa lógica é que sempre através desse espanto se solicita o estatuto filosófico transcendental e transcendente que possa determinar o fundamento dessa relação. Nessas tentativas da filosofia da ciência, pensar é unicamente uma operação de "controle experimental em que intervêm apenas fenômenos altamente trabalhados" (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 13), os quais nossos sentidos estão unicamente em condição de função do que captar o fenômeno circundante. O pensamento torna-se apenas o instrumento de técnicas⁷, a prática de

⁷ Para Adorno e Horkheimer (1985), o mundo considerado através da técnica se desencanta substituindo a imaginação pelo saber, mas essa ruptura não se oferece de maneira simples, os fins se apresentam com base no poder e o saber, com vista sempre do progresso do conhecimento destituir o mundo de seus significados, o caos aparente do mesmo se tornando simplesmente determinado. Portanto, o que impera nesta relação patriarcal do conhecimento é "a técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

constituição do Para Si é considerada independente, deste que se considera a tomada de captação do mesmo. Essa determinação de operação pode se salvar de fracassos desde que se pergunte sobre a funcionalidade do instrumento, "contanto que essa ciência fluente compreenda a si mesma, se veja como construção sobre a base de um mundo bruto ou existente" (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 14).

É preciso que o pensamento de ciência - pensamento de sobrevôo - pensamento do objeto em geral, torne a se colocar um "há" prévio, na paisagem, no solo do mundo visível e do mundo trabalhado tais como são em nossa vida, por nosso corpo, não esse corpo possível que é lícito afirmar ser uma máquina de informação, mas esse corpo atual que chamo de meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. É preciso que com meu corpo despertem os corpos associados, os "outros", que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que frequentam, que frequento, com os quais frequento um único Ser atual, presente, como animal nenhum frequentou os de sua espécie, seu território ou seu meio. Nessa historicidade primordial, o pensamento alegre e improvisador da ciência aprenderá a ponderar sobre as coisas e sobre si mesmo, voltará a ser filosofia (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 14).

Diante disso, nunca temos perante nós o puro indivíduo com essências sem a condição do tempo e o espaço, visto que somos ontologicamente experiência e pensamentos que sustentam o "peso do espaço, do tempo, do próprio Ser que eles pensam, que, portanto, não têm sob seu olhar um espaço e um tempo serial, nem a pura ideia das séries, tendo, entretanto, em torno de si mesmos um tempo e um espaço de empilhamento, (...) essência bruta e existência bruta" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 114). Portanto, os fatos e essências são puramente abstrações, o que é de imediato dado é o mundo, ou melhor, ser-no-mundo, não a sistematização de ideias que se dariam alhures, e sim, a impossibilidade de um nada ontológico, o espaço e o tempo não são a justaposição de indivíduos locais e temporais, "mas a presença e a latência atrás de cada um deles, de todos os outros, e atrás destes, de outros ainda, que não sabemos o que são, mas ao menos são determináveis em princípio" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 115). O mundo não é contingência, mas o meio que habitamos, de nossa vida, nossa ciência e tão somente nossa filosofia.

discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital (...) o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Corpo e percepção: ser-no-mundo

Inicialmente, é necessário circunscrever a noção de sensação, que, no pensamento objetivo, foi velada a experiência perceptiva como parte do sujeito, tratando o mundo como meio simplesmente dado de todo acontecimento possível. Na análise clássica, a sensação é determinada como "a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 23), o sentir deixa de ser situado no mundo objetivo, envolvido como definição o estado de puro sentir despojada de qualquer experiência efetiva.

O que é admitir que deveríamos procurar a sensação aquém de qualquer conteúdo qualificado, já que o vermelho e o verde, para se distinguirem um do outro como duas cores, precisam estar diante de mim, mesmo sem localização precisa, e deixam portanto de ser eu mesmo. A sensação pura será a experiência de um "choque" indiferenciado, instantâneo e pontual (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 23).

Deste modo, Merleau-Ponty observa, a partir dessa condição, o que aparenta ser de imediato e dado como elemento da consciência, exige um desvelar sobre o que determina de direito a investir na experiência perceptiva uma camada de "impressões". Ao perceber uma mancha branca sobre um fundo homogêneo, a mancha se apresenta não apenas como algo isolado em si mesma, e sim no entanto, pelo interior de um conjunto enquanto "o algo perceptivo está sempre no meio de outra coisa" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24), logo, a mancha branca com a cor mais densa e resistente não são solidários ao fundo todavia contíguo, "a mancha parece colocada sobre o fundo e não o interrompe" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24). Dessa maneira, para se ter uma compreensão da experiência perceptiva, é evidente advir sobre que maneira a estrutura da percepção de fato se apresenta como figura-fundo, e o que se anuncia de sentido para a abertura do sensível como qualidades de significados que o habitam. Atingindo a estrutura da experiência em figura-fundo, o corpo próprio torna-se o terceiro termo para a clareza de percepção do espaço, "e toda figura se perfila sobre o duplo horizonte do espaço exterior e do espaço corporal" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 147), o espaço exterior investidos de intencionalidades que dispõe o corpo próprio potencializando significados "para nós". A existência da coisa se constitui no limiar do sujeito encarnado, sendo este o fundo de não-ser "diante da qual podem aparecer seres precisos, figuras e pontos" (MERLEAU-PONTY,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

1999, p. 146). É no corpo que deriva uma espacialidade de situação, diferente do espaço que se origina nas coisas que provém da posição, "a palavra "aqui", aplicada ao meu corpo, não designa uma posição determinada pela relação de outras posições" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 146), portanto, o corpo determina de uma maneira originária de ser situado, a forma pela qual me ancoro em objetos, o fundo do qual pelo o movimento do olhar perfaz a estrutura de ponto-horizonte.

Nossa percepção atinge objetos e este se constitui como uma síntese de todas as aparições da experiência que dele poderíamos ter. Tal como,

Vejo a casa vizinha sob um certo ângulo, ela seria vista de outra maneira da margem direita do Sena, de outra maneira do interior, de outra maneira ainda de um avião; a casa ela mesma não é nenhuma dessas aparições, ela é, como dizia Leibniz, o geometral dessas perspectivas e de todas as perspectivas possíveis, quer dizer, o termo sem perspectivas do qual se podem derivá-las todas, ela é a casa vista de lugar algum. Mas o que significam estas palavras? Ver não é sempre ver de algum lugar? Dizer que a casa ela mesma é vista de lugar algum não seria dizer que ela é invisível? Entretanto, quando digo que vejo a casa com meus olhos, certamente não digo nada de contestável: não entendo que minha retina e meu cristalino, que meus olhos enquanto órgãos materiais funcionam e fazem com que eu a veja; interrogando apenas a mim mesmo, não sei nada disso. Eu quero exprimir com isso uma certa maneira de ter acesso ao objeto, o "olhar", que é tão indubitável quanto meu próprio pensamento conhecido por mim. Precisamos compreender como a visão pode fazer-se de alguma parte sem estar encerrada em sua perspectiva (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 103).

Em tal caso, é necessário compreender a organização corporal que aparentemente é contingente na apreensão do objeto. Quando se olha para um objeto percebe-se uma capacidade mesmo de poder fixá-lo à margem do campo visual, ou ir de encontro a ele e coincidir em sua tentação. Neste momento, acontece um movimento do olhar determinando a diferença de minha circunvizinhança, uma condição de "parada" da minha retina, sendo possível me ancorar em objetos e poder fixá-lo, "continuo no interior de um objeto a exploração que, há pouco, sobrevoava-os a todos, com um único movimento fecho a paisagem e abro o objeto" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 104). Dessa forma, os objetos formam um sistema que, para se habitar neles, é primordial "perder em fundo o que se ganha em figura" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 104). O objeto se apruma em um perfil de horizonte através dos outros objetos circundantes presentes, onde me apoio em algum fragmento da paisagem e os restantes recuam para a margem adormecida. A visão, portanto, comporta esses dois movimentos ao perceber

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

algo, e "a perspectiva, não me perturba quando quero ver o objeto: se ela é o meio que os objetos têm de se dissimular, é também o meio que eles têm de se desvelar" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 105). Destarte, a estrutura ponto-horizonte⁸ é a razão do espaço, o horizonte ou o fundo tem o mesmo ser que a figura a partir de um movimento do olhar, e a presença de conversão de ambos é apenas disposto a partir de uma zona de corporeidade de onde é existente o vidente, a quantidade das circunstâncias vividas do "aqui" ou pontos na experiência é dado como uma constituição de que um só dentre eles permite a abertura do objeto, onde "se faz ela mesma no coração deste espaço" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 149), ou seja, não haveria espaço sem a minha singular corporeidade.

Segundo a psicologia clássica⁹, o corpo próprio é uma existência fenomênica diferente de um estatuto de objeto, em razão do corpo sempre estar constantemente ao meu lado como algo percebido, ao passo que o objeto possa situar-se a distância e tenho simplesmente o poder de me afastar dele. Assim sendo, o corpo é o movente que define "o hábito primordial, aquele que condiciona todos os outros e pelo qual eles se compreendem" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 134). Os objetos se oferecem em uma perspectiva particular, correspondendo essa a uma necessidade física, o corpo não é aprisionado no espetáculo visível posto, tendo potencial de ação para si mesmo, é dessa forma que posso manejar, escolher os lados escondidos e observar objetos exteriores. Nesta acepção, não é "objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele, ao mundo não mais como soma de objetos determinados, mas como horizonte latente de nossa experiência presente sem cessar" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 136).

⁸ O horizonte é aquilo que permite estabelecer o limite, onde situa minha visão inserida como atual, e outras demais coisas que ainda não foram vistas e estão aquém do meu campo. De certo modo, a visão é essa maneira de ser pensamento para um certo campo e é disso que brotam os sentidos. Em vista disso, podemos dizer que toda a sensação é realizada como um eu espacializado e que se efetiva como experiência que impede de ser um mundo fechado totalmente, "quando vejo um objeto, sinto sempre que ainda existe ser para além daquilo que atualmente vejo, não apenas ser visível mas ainda ser tangível ou apreensível pela audição, e não apenas ser sensível mas ainda uma profundidade do objeto que nenhuma antecipação sensorial esgotará" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 291).

⁹ "Ele tentava descrever os dados da consciência, mas sem colocar em questão a existência absoluta do mundo em torno dela. Com o cientista e com o senso comum, ele subentendia o mundo objetivo enquanto quadro lógico de todas as suas descrições e meio de pensamento" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 92).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O corpo pode distinguir- se distinguir dos objetos exteriores através de "um tipo de reflexão" inerente por uma experiência do tato, em meio de uma apreensão por si. Quando toco a minha mão esquerda com a minha mão direita sucede uma organização flutuante em que as duas mãos alternam-se entre "tocante" e "tocado". Essa variação de função permite dizer que sempre se trata da mesma mão enquanto se toca tocando, o corpo realiza "uma espécie de reflexão, de cogito" (MERLEAU-PONTY, 2000a, p. 123). Com isso, reconhece-se a si mesmo do exterior, o corpo torna-se um sujeito "que ocupa espaço, que se comunica interiormente, como se o espaço se pusesse a conhecer-se interiormente" (MERLEAU-PONTY, 2000a, p. 123).

Movo os objetos exteriores com o auxílio de meu próprio corpo que os pega em um lugar para conduzi-los a um outro. Mas ele, eu o movo diretamente, não o encontro em um ponto do espaço objetivo para levá-lo a um outro, não preciso procurá-lo, ele já está comigo — não preciso conduzi-lo em direção ao termo do movimento, ele o alcança desde o começo e é ele que se lança a este termo, relações entre minha decisão e meu corpo no movimento são relações mágicas (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 138).

De acordo com isso, o corpo operante e atual experimenta a coisa em função de movente com o fundo de movimento dado no visível, sendo assim, a percepção não é pensada como fatores objetivos, a consciência que tenho de meu corpo é uma consciência escorregadia, o sentimento de um poder" (MERLEAU-PONTY, 2000a, p. 122), logo, é uma potência sistemática de organizar o espetáculo visível que realiza uma "síntese de transição" para tal e tal aparência enquanto se encontra habitado no interior do tecido mundo, conduzindo sua existência na qualidade de coisa, "mas dado que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a seu redor (...), estão incrustadas em sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do estofado mesmo do corpo" (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 17).

O ser-no-mundo, base de entendimento a priori da presença, é a forma fundamental de ter-se uma abertura para uma análise de conhecimento em primeira pessoa, sendo conforme a determinação da presença como existência e enquanto o ente que simplesmente sou. É como advém o estatuto ontológico do ser e o ponto de partida para "a multiplicidade de momentos estruturais que compõe esta constituição" (HEIDEGGER, 2009, p. 90), mesmo que ser-no-mundo seja um fenômeno de unidade. O ser-no-mundo, antecipadamente concebido como um

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

fenômeno de totalidade, é dividido em três essenciais constituições: o "em-um-mundo", sendo a estrutura ontológica do mundo mesmo e a compreensão da mundanidade como tal; o ente que sempre é, o modo da cotidianidade mediana da presença; o ser-em como tal, concernente como constituição ontológica do próprio "em". A respeito do ser-em,

O ser-em, ao contrário, significa uma constituição ontológica da presença e é um existencial. Com ele, portanto, não se pode pensar em algo simplesmente dado de uma coisa corporal (o corpo humano) "dentro" de um ente simplesmente dado. O ser-em não pode indicar que uma coisa simplesmente dada está, espacialmente, "dentro de outra" porque, em sua origem, o "em" não significa de forma alguma uma relação espacial desta espécie, "em" deriva de *inmnan-*, morar, habitar, deter-se; "an" significa, estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa; possui o significado de colo, no sentido de habito e diligo (HEIDEGGER, 2009, p. 92).

O ser-em é diferente no tocante a dois entes extensos simplesmente dados como um estar "dentro de...", referindo-se a ambos em "caracteres ontológicos que chamamos de categorias" (HEIDEGGER, 2009, p. 92), e que são desprovidos dos modos de ser do ente da presença. O "ser-junto" ao mundo, compreendido como existencial, não é um "conjuntos de coisas que ocorrem" (HEIDEGGER, 2009, p. 93), o que se daria em relação de sobreposição entre o ente da presença e o mundo. O "eu sou" está sempre posto em vínculo a um "junto", o mundo sempre disposto a aquilo que me é familiar, dessa maneira, "o ser, entendido como infinito de "eu sou" (...), a expressão formal e existencial do ser da presença que possui a constituição essencial de ser-no-mundo" (HEIDEGGER, 2009, p. 92).

Por vezes, sem dúvida, costumamos exprimir com os recursos da língua o conjunto de dois entes simplesmente dados dizendo: "a mesa está junto à porta", "a cadeira 'toca' a parede". Rigorosamente, nunca se poderá falar aqui de um "tocar", não porque sempre se pode constatar, num exame preciso, um espaço entre a cadeira e a parede, mas porque, em princípio, a cadeira não pode tocar a parede mesmo que o espaço entre ambas fosse igual a zero. Para tanto, seria necessário pressupor que a parede viesse ao encontro "da" cadeira. Um ente só poderá tocar um outro ente simplesmente dado dentro do mundo se, por natureza, tiver o modo ser-em, se, com sua presença, já se lhe houver sido descoberto um mundo. Pois a partir do mundo o ente poderá, então, revelar-se no toque e, assim, tornar-se acessível em seu ser simplesmente dado. (HEIDEGGER, 2009, p. 93).

Portanto, o "tocar" é a maneira do ser de formar o mundo, sendo o que funda a separação entre um ente destituído de mundo e aquele que está sempre, de início, no modo de ser-em, e suas constituições se dão simplesmente "no" mundo. É com a facticidade que a presença alcança

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

o seu ser mais próximo, e onde ela simplesmente se dispersou em várias determinações de ser-em através da ocupação com "ter o que fazer com alguma coisa, produzir alguma coisa, tratar e cuidar de alguma coisa" (HEIDEGGER, 2009, p. 95). Deste modo, ao transpormos as condições de ser-em, compreendemos a particular forma da presença ter seus modos de lidar com aquilo que lhe vêm ao encontro. Desta maneira, teremos a abertura de compreender a qualidade como:

Existem duas maneiras de se enganar sobre a qualidade: uma é fazer dela um elemento da consciência, quando ela é objeto para a consciência, tratá-la como uma impressão muda quando ela tem sempre um sentido; a outra é acreditar que este sentido e esse objeto, no plano da qualidade, sejam plenos e determinados. E o segundo erro, assim como o primeiro, provém do prejuízo do mundo. Nós construímos, pela ótica e pela geometria, o fragmento do mundo cuja imagem pode formar-se a cada momento em nossa retina. Tudo aquilo que está fora desse perímetro, não se refletindo em nenhuma superfície sensível, não age sobre nossa visão mais do que a luz em nossos olhos fechados (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 26).

A qualidade encontra-se como um fenômeno indeterminado, isto é, no sentido de se apresentar como um valor expressivo que de "um quale, uma película de ser sem espessura" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 128), que se realizaria no visível como um mundo fechado em si. Efetivamente, o visível e o vidente estão profundamente em relação entre horizontes exteriores e interiores sempre transparentes, impelindo uma modulação existencial e temporal deste mundo, assim sendo, "menos cor ou coisa do que diferença entre as coisas e as cores, cristalização momentânea do ser colorido ou da visibilidade" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 129).

O que é dado na qualidade não é uma síntese intelectual rigorosamente dos diferentes sentidos distinguidos sistematicamente em campos do olfato, do tato e da visão, "do qual todas as qualidades são apenas diferentes manifestações" (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 19). Mas, longe dos sentidos estarem isolados um dos outros, o que permite o conjunto é a "significação afetiva que coloca em correspondência com a dos outros sentidos" (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 20). Portanto, através da experiência perceptiva, a significação emocional brotam as qualidades de um certo comportamento em relação a meu corpo e os objetos exteriores, é nesse sentido que "Cézanne dizia que devemos poder pintar o cheiro das árvores" (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 22), a unidade da coisa não posta entre uma relação de distância, "cada uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis" (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 23).

Sensação não é estado de consciência ou consciência de um estado, o meio em que se realiza não é o horizonte determinante de um mundo objetivo em que as qualidades se encerram. O intelectualismo compreende a sensação e percepção como algo dado e para si, em que é necessário se afastar do sentido e investi-lo de pensamento para dissipar o aparente que se mostra. O eu encarnado é dado como não-ser dentro do processo reflexivo, sendo que a consciência nascente é imanente a um fundo irrefletido. Pelo contrário, a qualidade expressa primordialmente uma potência de ser-no-mundo em que meu corpo vai de encontro e se perfaz. É a chegada submersa do sensível em que meu corpo é a unidade absoluta que lhe dá sentido, subitamente algo é dado em situação, o sujeito que sente e o sensível não se determinam em pólos distintos em que um invade o outro. Assim, se compreende que a sensação é intencional, um ir além de si mesma, "porque encontro no sensível a proposição de um certo ritmo de existência" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 288), no qual a experiência do sentir vai além da simples definições de objetos, mas corresponde a familiaridade do corpo, do vivido e que produz sua lei momentânea sempre latente. Além disso, a sensação é diferenciada de um ato pessoal que se sujeita ao ato de minha experiência individual, significa dizer que é existente um saber originário, modalidade de uma existência em geral em que se encontra uma determinada sensibilidade do mundo do qual não sou inteiramente o constituinte. Se estabelece, então, uma reflexão integral, onde o sentido dos múltiplos aspectos do ser se operam em uma conaturalidade de meu corpo, sem que se tenha dado pôr um pensamento causai e da reflexão seu verdadeiro significado. A questão sobre o que é a experiência e a sensação funda uma relação de sujeito-objeto em estado nascente, no qual o sujeito puro para si que tematiza a consciência e o objeto como absoluto encerrando cada acontecimento em síntese se ver tocado por um horizonte de experiência infinitamente aberto, o curso do tempo fazendo e refazendo o sujeito que se considera puro e distante do mundo. O meio da experiência, assim sendo o espaço, é o contato primordial do ser, sendo "cada uma delas uma maneira particular de ser no espaço e, de alguma maneira, de fazer espaço" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 299), é por essa condição que a particularidade é necessária ao todo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O espaço se precede a si mesmo. Essa proposição tem como efeito a questão de onde se encontra o nível primordial do espaço que condiciona todos os outros que aparecem sobre mim. Se um sujeito se defronta com um objeto ou espetáculo visível invertido e desorientado, o corpo se afasta de uma atitude natural do qual se encontrava e procura habitar este novo nível espacial lhe postulando um sentido, o ser-para-o-olhar tem a condição de poder se orientar sobre um determinado objeto em direção a movimentos, ordem e orientação que lhe sejam "preferidos", neste sentido a percepção nunca pode ser dada como tematizada, mas o processo de todas as nossas experiências vívidas respondem por uma espacialidade adquirida e que se opera constantemente no mundo. Este ser-aí, que reporta ao primeiro nível de um sujeito abaixo de mim e que funda o meu lugar, é o meu corpo, a comunicação com o mundo mais antiga que o próprio pensamento, "e ele que dá seu sentido a toda percepção ulterior do espaço, ele é recomeçado a cada momento" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 342), é assim que a paisagem aparece e se determina espacialmente.

O mostrar o que se vê: a carne como elemento comum da paisagem

Para Santos (1988), o conceito de paisagem é tudo aquilo que abarcamos com o olhar e pertence privilegiadamente ao domínio do visível, não sendo formado meramente sobre a extensão da coisa, e sim, "também de cores, movimentos, odores, sons e etc" (SANTOS, 1988, p. 21). Para ele, a dimensão da percepção é sempre um processo de risco em confundir a verdade com a aparência, consistindo a compreensão intelectual substancial na assimilação do fato, é nesse sentido que "pessoas apresentam diversas versões do mesmo fato" (SANTOS, 1988, p. 22). A visão, nessa perspectiva, é uma mera forma contingente de entendimento das coisas materiais, não tocante como aspecto essencial da estrutura da paisagem. No entanto, o corpo entre outros entes não é simplesmente coisa, mas é sensível para si, o que permite dizer não a existência de uma separação direta entre sujeito-objeto, "mas este paradoxo: o conjunto de cores e superfícies habitadas por um tato, uma visão, portanto, sensível exemplar, que capacita a quem o habita e o sente de sentir tudo o que de fora se assemelha" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 132). O corpo é significativamente essas duas camadas de ser, visto que é o sensível sentiente,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

pertencendo em seu sentido próprio algo que me une diretamente às coisas. Portanto, é fundamental saber a maneira que o visível habita o interior do olhar como uma "familiaridade tão estreita como a do mar e a praia" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 128).

Segundo Heidegger (2008), o ver, cujo o significado é o modo de experiência primordial do mundo grego, se contempla como "prover alguém com o olhar (...) no qual algo mostra e apresenta a si mesmo" (HEIDEGGER, 2008, p. 150), neste sentido, o olhar não se compreende como ego e sujeito, que a partir de suas representações Para Si apreende o ente enquanto objeto, e sim, aquele que vê se deixa ser encontrado no mundo pré-objetivo, coincidindo com o vislumbre daquilo que lhe vem ao encontro e "é aí" como posto em ser situado. O mostrar o que se vê, de acordo com Cauquelin (2007), é a forma de compreensão da paisagem, o limiar do vidente e o visível, a separação da "pura coisa" restrita ao ambiente lógico e onde é possível ter o potencial ato de significar.

Para a autora, a paisagem demonstra uma evidência inquestionável, "parece traduzir para nós uma relação estreita e privilegiada com o mundo" (CAUQUELIN, 2007, p. 28), como se estivesse em uma consonância anterior a nós mesmo, sucedendo a ser impossível questioná-la sem cometer equívocos a respeito, pois é dela tudo que deriva a compreensão do que está em torno de mim, meus limites e a aprendizagem da proporção deste mundo com os sentimentos habituais que estão inseridos em nossa presença, "intermediário obrigatório de uma conversação infinita, veículo de emoções cotidianas, invólucro de nossos humores" (CAUQUELIN, 2007, p. 28), este imperativo do que está a mostra é dado antes mesmo de qualquer consciência de reflexão.

Originária, a paisagem? Isso não seria confundi-la com aquilo que ela manifesta a seu modo, a Natureza? O originário sob a forma, entre outras, da Natureza permanece fora de alcance: a Natureza é "uma ideia que só aparece vestida", isto é, em perfis perspectivistas, cambiantes. Ela aparece sob a forma de "coisas" paisagísticas, por meio da linguagem e da constituição de formas específicas, elas próprias historicamente constituídas. Contudo, se podemos distinguir esses a priori "culturais" pela reflexão e pela análise, sua unidade se reforma permanentemente, as diferenças se apagam para suscitar em nós o sentimento de uma só e única presença: um dado de si (CAUQUELIN, 2007, p. 29).

Neste imperativo do "ver", se comporta sempre com mil estratos do tempo justapostos, é nessa lógica que podemos dizer que figura a existência do descobrimento da paisagem, a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliei Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, n°. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

sensibilidade do espaço podem ser historicamente datadas durante o nosso processo de realização, é neste significado que podemos dizer que a beleza se descobre, durante um momento que reconhecemos o deserto maléfico como realidade aterradora "eles entram na moda, primeiro para a elite da sociedade, depois entram no vocabulário das necessidades naturais, são um bem comum, disponível a todos" (CAUQUELIN, 2007, p. 92), dessa maneira, é possível dizer que as paisagens são suscetíveis de ser inventadas.

A paisagem contém essa realidade social, uma condição do ver enquanto se passa pela realização de ser-no-mundo, onde é possível traçar o filtro no tempo e dizer sobre nossa historicidade. O visível pode se apresentar como forma mista, tanto mais pregnante quanto mais finamente trançada, a ponto de não se ver seu início e de ela poder passar por original, como se não tivesse origem determinável" (CAUQUELIN, 2007, p. 96), o olhar diante dessa camada do ser comporta a paisagem como fala, diante de que é possível manifestar que "toda a paisagem é inundada pelas palavras como por uma invasão, a paisagem é, a meu ver, uma variedade da fala, e falar de seu estilo, é usar uma metáfora" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 149).

A arte vai de encontro com esse sentido de fabricação, a efetiva produção de poemas sobre montanhas ou litorais podem dizer que originaram o sentido da condição desse visível, no qual eles se tornaram presentes com efeito em significantes e significados, cobertos do estrato da linguagem em que posso me referir e dizer "eis a montanha". Dessa forma, poemas, meditações, relatos de viagem desvelam o caminho, a pintura o segundo momento onde "leva a partilhar a visão da imagem descrita pela língua" (CAUQUELIN, 2007, p. 93), apesar de que esses dois comportam caminhos diferentes, enquanto o oferecimento das palavras podem se tornar aparentes, a pintura simplesmente fixa o dado como imagem, dessa forma o visível se oferece como verdadeiro. Portanto, o "ver" comporta dobras no tempo, onde "parece que só se pode ver aquilo que já foi visto, isto é, contado, desenhado, pintado e realçado" (CAUQUELIN, 2007, p. 94).

Ver (...) é: oferecer o vislumbre¹⁰, ou seja, o vislumbre do ser dos entes, que são os próprios entes enquanto aqueles que vislumbram. Mediante um tal olhar o homem se

¹⁰ O vislumbre é propriedade do ser do homem que vê sempre o aberto, "de modo mais específico, o homem consegue, antes de tudo e na maioria dos casos, ter um vislumbre para o aberto" (HEIDEGGER, 2008, p. 227), sendo assim, essa relação de comportamento com o ente se emerge sempre como presente na qualidade de estar

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

distingue e pode se destacar somente através disso, porque esse vislumbrar que mostra o próprio ser não é algo humano, mas pertence à essência do próprio ser como pertencendo à aparência no descoberto (HEIDEGGER, 2008, p. 151).

O ver, sendo o modo no qual o homem se emerge enquanto vidente, não se funda na própria coisa do visível que se oferece a si mesma como idêntico e que se abre para um vazio de si como presença, mas o que se "emerge e vem à presença com outros entes, mas como homem na sua essência" (HEIDEGGER, 2008, p. 151), sendo próprio do envolvimento do olhar as vestir com sua carne.

Os elementos são representativos do todo, estão no individual e no universal como um emblema, um estilo de ser. A carne é elemento comum do sujeito e do mundo, corpo e mundo se constituem reciprocamente numa experiência tecida no fundo carnal. Ela é o ponto de partida, origem, antes do que nada é pensável. Como elemento originário, possibilidade e tecido invisível, a carne sustenta o visível que irradia um modo de ser, aparece como cristalização momentânea a partir da experiência no mundo que reúne sujeito e mundo, corpo e coisas, num horizonte comum. Ela liga aquilo que é visível coisa do mundo e aquele que vê – corpo, sendo estofo de que ambos são feitos, indicando uma relação de parentesco que dá àquele que vê uma familiaridade, por assim dizer, prévia com o visível. (ALVIM, 2011, p. 145).

A visão e tato se formam no visível como se fossem uma imagem posta diante do espelho, visto que o corpo está envolvido no âmago das coisas, logo essa dupla réplica evidencia um intercâmbio de uma visibilidade e tangibilidade em si que naturalmente "não pertence nem ao corpo como fato nem ao mundo como fato (...) ambas constituindo, portanto, um par mais real do que cada uma delas" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 135). Portanto, o vidente se situa preso ao mundo que vê e, ao mesmo tempo, consegue ver-se a si mesmo, neste sentido os dois seres se encontram encerrado neste mesmo processo, "se o apalpa e vê é unicamente porque, pertencendo à mesma família, sendo, ele próprio visível e tangível, utiliza o seu ser como meio para participar do deles, é porque cada um dos dois seres é para o outro o arquétipo" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 134). O elemento comum desse entrelaçamento é chamado de carne, não sendo matéria, espírito e nem substância, mas no sentido do uso verbal de "elemento" em que os gregos designavam a água, o ar, a terra e o fogo, deste modo, a forma de coisa em

habitado nesta abertura e no projeto aberto pelo ser. Somente o homem lhe pertence essa visão, sendo o guardião do ser, em diferença do "animal, ao contrário, não vê nem vislumbra o aberto no sentido do desencoberto do descoberto. (...) O sinal desta exclusão essencial é que nenhum animal ou planta "tem a palavra" (HEIDEGGER, 2008, p. 227).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

geral que pertence a todo o indivíduo espaço-temporal, sendo o princípio encarnado que está presente enquanto experiência na totalidade dos lugares.

Percebe-se rapidamente, todavia, que o domínio é ilimitado. Se pudermos mostrar que a carne é uma noção última, que não é união ou composição de duas substâncias, mas pensável de per si, se há uma relação do visível consigo mesmo que me atravessa e me transforma em vidente, este círculo que não faço mas que me faz, este enrolamento do visível no visível pode atravessar e animar os outros corpos como o meu. Se pude compreender como nasce em mim esta vaga, como o visível que está acolá é simultaneamente minha paisagem, com mais razão posso compreender que alhures ele também se fecha sobre si mesmo, e que haja outras paisagens além da minha. Se se deixou captar por um de seus fragmentos, o princípio da captação está assimilado, e o campo aberto para outros Narcisos, para uma "intercorporeidade" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 136).

A carne é esses dois lados do meu corpo que manifesta a mesma condição dos lados das coisas, é entre esses avessos de lados é que estou inserido na visibilidade, enquanto corpo que é matriz da coisa e as coisas modelo de meu corpo, o corpo é habitante no mundo "não como fato ou soma de fatos, mas como lugar de uma inscrição de verdade" (MERLEAU-PONTY, 2000b, p. 128), não sendo diferença entre ambos mas o meio que permite a comunicação. Consequentemente, naturalmente sou este vidente que posso me afastar das coisas, visto que o visível é destinado a encarar como existência o corpo que se destina conforme um fundo. É dessa maneira que a paisagem possibilita a admitir múltiplas maneiras de ser, portanto, a paisagem não se mostra como quando o sujeito-observador considera o dado como mero objeto, mas "um espaço percebido, por seu turno, supõe o próprio sujeito se engajando e vivenciando um fragmento do espaço, entrelaçando-se com ele" (LIMA, 2007, p. 81).

Levada a efeito como que num acontecer progressivo, se é que se pode tratar nesses termos, a experiência espacial fundante decorre de uma relação que nos suscita o recorte da paisagem, de sorte que essa relação acate a chancela de uma experiência perceptível. O discurso geográfico da relação homem-meio, transfigurada na relação sociedade-espaço, é mediada pela paisagem em suas variadas perspectivas: relação metabólica entre homem e natureza; gêneros de vida; meio geográfico; experiência sensível e outros (LIMA, 2007, p. 81).

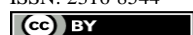
A deiscência, termo adquirido da botânica, significa o fenômeno quando algum órgão vegetal abre-se espontaneamente para atingir a maturação, segundo Alvim, é neste sentido que Merleau-Ponty compreende uma nova forma de filosofia, as contradições são o essencial para as suas respostas, e que dessa maneira surge a noção de carne como conformidade, "um fruto quando maduro, amolece e se abre, oferecendo-se ao mundo como alimento para outro ser, para

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

a terra, num ciclo de vida interminável que mantém viva a vida, renovando-se e transformando-se" (ALVIM, 2011, p. 146).

Considerações finais

A temática da experiência do ser-paisagem compreende diversas regiões do saber que é necessário descrever para ter-se um entendimento totalizante do conceito. Como vimos, a busca de entender uma geografia fenomenológica em diálogo com os filósofos sobre a sensação, Terra, ser-no-mundo e sujeito encarnado proporcionou determinadas respostas a respeito do olhar, o mundo percebido e sobre nós, que são essenciais para desvelar o que é propriamente a experiência da paisagem. A percepção do espaço não é um momento particular de “estados de consciência” ou atos, mas é o espaço originário primordial de um sujeito encarnado pré-lógico de onde brotam nossas experiências sobre o mesmo. Como demonstramos na exposição, a consciência é algo que possui um irrefletido em si mesma, um sentido primordial do corpo como fio intencional que se intercalam em nossa relação com o mundo brotando-o de significados, sendo assim, o que existente é uma situação que reivindica em si potenciais de ação, o que transparece uma atitude fenomenológica de habitar a paisagem.

O que destacamos em nosso texto é que o intelectualismo e o empirismo filosófico não encerram a questão do espaço único, a percepção como vimos é se realiza no cerne de fundo do mundo, o que inclui a paisagem enquanto categoria geográfica dentro deste horizonte subjetivo de realização. Assim sendo, se desvela a unidade entre "paisagem e espaço corporal ou percebido são uma a mesma coisa, contanto que o sujeito se-ia co-partícipe de seu movimento e reprodução" (LIMA, 2007, p. 82). O que devemos considerar é essa percepção vivida daquele que está presente na experiência com seu corpo e o mundo.

É necessário refletir sobre a questão que fizeram para Merleau-Ponty em razão do modo de pensar em ser preferível o sol do astrônomo ao sol do camponês. Ambos coabitam o mesmo fundo de mundo e as suas referências se constituem não em continuidade, mas trazem uma questão referente à experiência vívida, de algo de interesse para uma compreensão existencial do homem ôntico-ontológico. Sem dúvida, como diz Merleau-Ponty, ao citar Hegel que a Terra

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

é o centro metafísico do mundo, logo, percebe que o sol do astrônomo é uma necessidade para a liberdade, quanto mais se adquire conhecimento exato sobre a natureza. Não se trata de contradizer um com o outro, em termos de percepção ingênua e percepção científica, mas é não encerrar o homem e o mundo em uma imagem imóvel do universo. O universo da experiência e o sujeito desse processo de estar-no-mundo é um constante refazer do em si e para si. Assim como Milton Santos, a paisagem não pode ser confundida com o puro substrato material que é dotada de um em si no processo analítico, mas é existente o homem que põe o espaço em perspectiva, ou melhor dizendo, o ser-no-mundo que se abre e abriga uma pretensa materialidade congelada no tempo em história viva por fazer.

O esforço do texto está distante de abarcar totalmente a possibilidade da discussão das descrições estruturas do ser-no-mundo da paisagem, mas ele contém como um caminho a ser empreendido para a compreensão da totalidade do que está sempre em torno do homem, com o vínculo de uma geografia fenomenológica necessitamos abarcar pontos que possam dar o devido suporte teórico que esteja em vista perante uma epistemologia que abarque a vasta abertura do ser-paisagem. Como vimos, é o corpo que intercala o terceiro termo da mediação, considerando em vista que o mesmo é capaz de atravessar o mundo com seu sentido próprio de ser.

Referências bibliográfica

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALVIM, Monica Botelho. A ontologia da carne em Merleau-Ponty e a situação clínica na Gestalt-terapia: entrelaçamentos. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 143-151, dez. 2011.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliele Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, n.º. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da obra de arte**. Trad. de Maria da Conceição Costa, Lisboa: edições 70, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 4 ed, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Parmênides**. Tradução de Sérgio Mário Wrublewski. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HOLZER, Werther. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI. 1998. Tese (doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**: introdução à fenomenologia. Tradução Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Dicionários Filosóficos). Tradução de Luísa Buarque de Holanda; revisão técnica de Márcia Sá Cavalcante Schuback.

MARANDOLA JR, Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, v. 37, p. 81-94, 2012.

LIMA, E. L. DE. Do corpo ao espaço: Contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica. **GEOgraphia**, v. 9, n. 18, 22 fev. 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

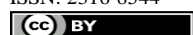
MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas-1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kalil Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Lucas Kaliel Tavares de Souza. NETO, Romeu Bacelar de Souza. Merleau-Ponty e o primado do corpo como experiência nascente da paisagem. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 98-123, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 16/11/2021. Aceito em: 06/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

SEÇÃO LEITURAS

POR QUE EU NÃO POSSO SER DOREEN MASSEY?

WHY CAN'T I BE DOREEN MASSEY?

¿POR QUÉ NO PUEDO SER DOREEN MASSEY?

 [João Carlos Nunes Ibanhez](#)¹

Universidade Federal de Grandes Dourados (UFGD),
Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: zamoms@hotmail.com

— Dagmar, Dagmar!

— “Qualé” bicho, para de frescura, mas que cara chato,
simplesmente você não pode ser Doreen Massey,
vai fazer poesia ou pedalar, não vem com essa!

— Mas eu quero ser essa esfera de encontro.

— Seria necessário perceber o espaço como produto das dificuldades e complexidades.

— Os indígenas tiveram suas terras violadas, os negros foram retirados de sua terra.

— É indispensável distinguir trajetórias relativamente autônomas.

— Vivo em barraco, leio romances, o governo vai taxar livros porque pobre não lê.

— Vislumbrar a coexistência de uma multiplicidade de estórias-até-agora.

— Simplesmente ele foi preso com tornozeleira falsa para impressionar.

— Pense em uma nova política da espacialidade.

— As facções dão rajadas para desaglomerar, mas é o papel do Estado,
o governo vai cair. Guerra civil e caos. Eles serão a nova política!

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

IBANHEZ, João Carlos Nunes. Por que não posso ser Doreen Massey?. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 125-126, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 07/05/2021. Aceito em: 21/07/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

- Tente refletir o que molda sua cosmologia.
- Matei uma cobra, era ela ou eu, mas é crime matar animais silvestres.
- Reconheça a coexistência da(s) diferença(s).
- A leoa não namora o mico-leão porque ele é primata.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

IBANHEZ, João Carlos Nunes. Por que não posso ser Doreen Massey?. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 125-126, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 07/05/2021. Aceito em: 21/07/2021.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

SEÇÃO LEITURAS

MEU CONTEXTO

MY CONTEXT

MI CONTEXTO

 [Thiago Borges](#)¹

Universidade Federal Fluminense (UFF),
Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: mpt.thiago@gmail.com

Meias palavras na cabeça que não querem ser ditas

Versos surgem como gota d'água no deserto

Depois de cair no sono, elas evaporam

Da janela do meu celular, vejo mundos em seus respectivos

Geograficidade

Os delírios dessa droga

Me fazem pensar em todas as relações que tive outra hora

Sentir a ansiedade correr pela minha respiração

E meu braços pesados demais pro meu corpo

Que não sabe o que fazer

¹ Graduando em Geografia pela UFF.

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Mesmo com tantas obrigações

Thêmis, ó santa

Seu governo está penoso

Uma porrada atrás da outra

Mano Brown falou pra ter fé em Deus

Já tentei, mas confesso, fraquejei

Se eu pudesse gritar e ser ouvido

Diria a Rousseau

Que esqueceram de passar o contrato aqui

Diria também

Que o império da violência nunca passou

E o mundo continua dividido entre nós e eles

Eles

Palmas a eles, eis os futuros mestres sociais de nossa sociedade

Que estudam com afinco na universidade

– Já descobriram que existe pobreza na sua cidade ?

Vamos à praça, enquanto você me conta sobre como descobriu a desigualdade

Tá bom, eu sei, já tô sabendo que eles não são os culpados

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BORGES, Thiago. Meu contexto. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, n°. 16, pp. 126-131, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 17/11/2021. Aceito em: 09/02/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Só é um pouco difícil pra mim diferenciar

Responsáveis de beneficiados

A verdade é que

Eu luto pra estrutura não me dominar

Mas, no fim de dias,

Minha força sempre vem acabar

E

Eu tento não ver racismo

Mas vocês não deixam !

Eu tento ouvir outras músicas

Mas vocês não deixam !

Eu tento não ser subalterno

Mas vocês não deixam, porra !

Eu tento esquecer as histórias demolidas

Que perseguem nossa sociedade. Mestiça ?

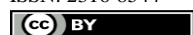
Mas suas atitudes não deixam !

Estou deixando de ser o gato encurralado

Para um leão esfomeado

Que não aceita mais apanhar

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
BORGES, Thiago. Meu contexto. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 126-131, janeiro-abril de 2022.
Submissão em: 17/11/2021. Aceito em: 09/02/2022.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Aquele que não compra suas mentiras de toque caviar

Esse é um grito de socorro

De quem não pediu para vir a este mundo

Mas desde que chegou só quer ser aceito sem esforço

Mais uma vez fui deitar com a cabeça

Tentando bolar estratégias para não deixar me afetar essas coisas

Que me atravessam que nem bala sutil e retardada

Vai, me digam mais uma vez,

Como a "energia" sempre está a um passo de nos ajudar

E como ela fez seu dia melhor

Diga isso, também, aos meus colega de infância

Que hoje veem o sol por tempos regulados, presos, foram atrás de suas ganância

Ou àqueles que nem mais veem

Se minha mãe não fosse quem fosse

E meu pai uma vez não fosse atropelado tentando alimentar uma casa

Aqueles eram eu

Entende ?

Talvez por isso as palavras me falem com você

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Meu fôlego vale demais pra tu entender

Da rima eu já abri mão

Usar palavras estou tentando

Mas não tá funcionando

Contraditório

A verdade é que rir com quem sabe de tudo

Sem precisar dizer nada

Por que também é seu contexto

É bem mais fácil que escrever esse texto

Ando pela cidade e vejo os meus sofrerem

Vejo suas almas cansadas e atribuladas

Aqueles que nem tempo de sofrer têm

Porque é isso o tempo todo

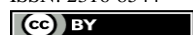
Será que temos todo o tempo do mundo ?

É só apanhando que se pode resistir, meu caro

Minha consciência de pobreza não foi um esforço

Tampouco uma escolha, se quero pensar nisso agora ou depois

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
BORGES, Thiago. Meu contexto. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 126-131, janeiro-abril de 2022.
Submissão em: 17/11/2021. Aceito em: 09/02/2022.
ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Desde cedo a gente aprende a não sofrer por pouco

Será que conseguimos mémo ?

Ou só suprimimos o que não se pode esconder

Pensando bem, nem depressão nós pode parar pra ter

Seus privilégios vão daí até muito mais

Sentar no sofá e não duvidar que nada essencial vai faltar

Ver todos os filmes em cartaz

Conhecer todos os cantores do Brasil, sensacionais

– Você não conhece essa música ? Esse filme ? Nunca veio aqui ? Ou viajou pra lá ? Qual mundo que você tá ?

Pois é, no seu é que nunca estive

Tá bem, deixa disso

Não dá pra viver com a cabeça nesse pleito

Vou dormir, logo logo eu recarrego pra te ouvir falar sobre preconceito.

SEÇÃO VISUALIDADES

A CAPTURA DO CAPTURADO CAPTURANTE NAS MARGENS DA ILHA DE DEUS, RECIFE/PE

THE CAPTURE OF THE CAPTURING CAPTURED ON THE MARGINS OF THE ILHA DE DEUS, RECIFE/PE

LA CAPTURA DEL CAPTURADO CAPTURANTE EN LOS MÁRGENES DE ILHA DE DEUS, RECIFE/PE

 [Luiz Carlos da Silva Filho](#)¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),
Rio Grande do Norte, Brasil
E-mail: luizcarloss246@gmail.com

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia — PPGE/UFRN, licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professor da Rede Municipal de Ensino de São Lourenço da Mata na Escola Municipal Cleto Campelo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA FILHO, Luiz Carlos da. A Captura do Capturado Capturante. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 133-135, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 11/10/2021. Aceito em: 25/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

JUSTIFICATIVA

Ao longo de 2021, eu realizava um trajeto de mais ou menos uma hora e meia entre São Lourenço da Mata (município no qual resido) até um território marginalizado e estigmatizado pela sociedade. Ia em direção à Zona Especial de Interesse Social Ilha de Deus — ZEIS-Ilha de Deus, localizada no bairro do Pina, na Região Metropolitana do Recife.

Lembro-me que ao chegar pela primeira vez, em 2019, eu era tomado e levado a percorrer com medo um mundo construído pelo meu preconceito que era resposta ao que era absorvido pela verticalidade burguesa do Recife. Em busca de vivenciar e submergir, a fim de desenvolver um *hódus-metá* intitulado “Cartografias antropofágicas das paisagens” junto aos movimentos dos corpos capturantes que expressavam naturalmente suas habilidades genealógicas, eu descobria as cores no desassombro com o outro ao longo dos anos. Formava-se ali, naquele breve instante, um elo entre o capturador (geofotógrafo), capturados e capturantes (moradores e a paisagem).

A bela e pequena Ilha de Deus é cenário cultural e econômico da cidade do Recife. A coleta e a venda de mariscos, sururus, camarões, caranguejos e pescados é essencial na rotatividade econômica e afetiva. É no tocar e limpar que as experiências são passadas entre gerações. É com as mãos e os pés desnudos tocando a lama que o ser-Ilha de Deus sente-se parte, pedaço, gente, sente-se humano. A vaidade, o cuidado com sua íntima beleza é deixado, por instante, em repouso, pois a lama torna-se parte única do seu corpo em todo processo mecanizado e humano.

O que existe na pequena Ilha de Deus é uma simbiose entre o homem-mulher-criança-mangue que relembra ao homem-caranguejo de Josué de Castro (1967), a poesia do maracatu frenético e psicodélico de Chico Science e Nação Zumbi em Risoflora (1994), na obra de Abelardo da Hora em suas gravuras existenciais, que por ventura são dignas de análises esquisoanalíticas em Meninos do Recife (1962).

Com suas mãos inocentes e com seus pés descalços em pleno meio-dia, uma criança curvava-se em direção ao chão em um ato de captura de um animal, o mimetismo da criança a tornava menino-caranguejo. Sua mão tornava-se pinça capturante, a pinça do animal deixava de pinçar, e ele então era capturado. Essas capturas formavam elos: “A captura do caranguejo

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA FILHO, Luiz Carlos da. A Captura do Capturado Capturante. *Revista Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 133-135, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 11/10/2021. Aceito em: 25/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

pelo garoto que tem sua pele contrastada com o cinza do chão, um caranguejo que tem sua ação de pinçar-defesa ‘roubada’ pelo garoto e ressignificada; e pelo geofotógrafo que captura as capturas dos capturados” (SILVA FILHO, 2021, p. 11).



O Capturado-capturante, Ilha de Deus, Recife, Pernambuco, Brasil.

REFERÊNCIAS

CASTRO, J. **Homens e Caranguejos**. São Paulo, Ed: Brasiliense, 1967.

HORA, A. **Meninos do Recife**. 1962.

SCIENCE, C. **Risoflora**. Recife: CHAOS, 1994. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BMHltpsyTzY>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

SILVA FILHO, L. C. Meeting of the multiplicity in supermodernity in the geo-photographies of the being-mangrove in the ZEIS — Ilha de Deus, Recife-PE. **Geopauta**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. e9756, 2021. DOI: 10.22481/rg.v5i4.e2021.e9756. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/9756>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA FILHO, Luiz Carlos da. A Captura do Capturado Capturante. **Revista Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 16, pp. 133-135, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 11/10/2021. Aceito em: 25/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

SEÇÃO VISUALIDADES

AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO

THE LANDSCAPE TRANSFORMATIONS AT RIO DE JANEIRO'S PORT AREA

TRANSFORMACIONES EN EL PAISAJE PORTUARIO DE RÍO DE JANEIRO

 [Rafael Alves de Freitas](#)¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ),

Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: uerj.raf@gmail.com

¹ Mestrando em Geografia, pelo PPGGEO - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Possui Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, n°. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/20121. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

JUSTIFICATIVA

A Zona Portuária (ou Porto Maravilha) da cidade do Rio de Janeiro faz parte da 1ª Região Administrativa da capital, compreendida pelos bairros do Centro, Caju, Gamboa, Santo Cristo e Saúde, com um total de 35,001 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). A história da zona portuária remonta ao período colonial, em que essa área exerceu importante papel econômico para a cidade e para o país. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, os investimentos nessa área da cidade deixam de existir, e aos poucos a zona portuária vai sofrendo um esvaziamento econômico de toda ordem, com o abandono de diversos armazéns e galpões. Por outro lado, percebeu-se o aumento de bairros adensados, formando o processo de favelização no entorno dessa área (FARIAS, 2019). A figura 01 representa a delimitação espacial da zona portuária do Rio de Janeiro / RJ.

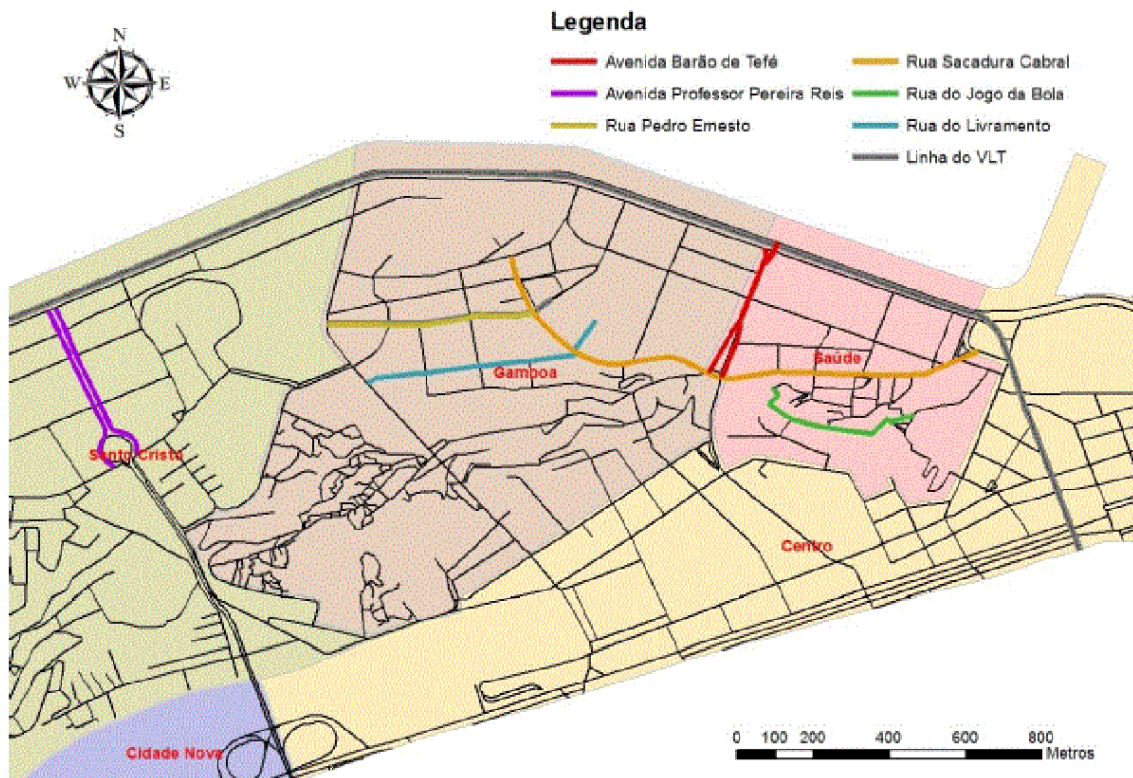


Figura 01: Recorte espacial da Zona Portuária / RJ, com indicação de bairros e logradouros principais.

Fonte: BaseGeo do site da prefeitura do Rio de Janeiro.

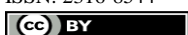
Elaborado pelo autor (2021).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/2021. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Vale ressaltar que o crescimento rodoviário da cidade também teve papel determinante na degradação espacial da zona portuária, pois transformou o antigo centro histórico e econômico em um local de passagem. Com a abertura da Avenida Presidente Vargas, entre o Centro e a zona portuária, houve um isolamento espacial desta última, que por sua vez perdeu as vantagens locacionais utilizadas economicamente até o início do século XX. A construção do Elevado da Perimetral sobre a Avenida Rodrigues Alves, na década de 1970, também acelerou o processo de degradação urbana na área portuária (FARIAS, 2019). Pela figura 02, vemos a Praça Mauá no início do século XX.



Figura 02: Vista aérea da Praça Mauá (1916)

Fonte: <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/acervodigital>

Acesso em: 07 de maio. 2021.

Já nos anos 2000, na entrada do século XXI, a gestão do prefeito César Maia buscou alternativas no que ele próprio chamou de "revitalização" da área portuária. Nesse sentido, algum tempo depois, tendo o Eduardo Paes como prefeito, a Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha propôs um novo paradigma para a zona portuária carioca. A intenção era trazer de volta investimentos econômicos e transformá-la em um modelo de empreendedorismo urbano, em que o setor público contaria com o apoio financeiro do setor privado para a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/2021. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

implantação das transformações urbanas da até então área degradada/abandonada (FARIAS, 2019).

Assim, de um passado esquecido pelo poder público, tornando-se palco de uma das áreas mais violentas/inseguras da cidade, sendo refúgio para moradores de rua, assaltantes e com construções antigas e abandonadas, mas também marcada por uma vida pulsante, a zona portuária e, mais precisamente a Praça Mauá “ressurgem” após uma intensa revitalização que acontece no momento em que a cidade passa a sediar a Copa do Mundo em 2014 e os jogos olímpicos Rio-2016.



Figura 03: Praça Mauá com a Perimetral (ponte), nos anos 2010, antes da revitalização

Fonte: O autor (2010).

Dentro desse contexto de revitalização, temos o Boulevard Olímpico que fica localizado na zona portuária (Praça Mauá), que foi projetado para ser um lugar de convivência/interação de cariocas e turistas ao longo da Olimpíada Rio-2016, já que a prefeitura à época disponibilizou telões para que as pessoas pudessem assistir e torcer pelos brasileiros nas diversas modalidades olímpicas. O sucesso foi tanto que este lugar até hoje recebe diariamente centenas de pessoas entre cariocas e turistas de outros estados e até internacionais, segundo informações da secretaria municipal de turismo da cidade do Rio de Janeiro (SETUR, 2021). Não podemos esquecer que a Praça Mauá passou a abrigar um dos maiores e mais conceituados museus do mundo moderno, que é o Museu do Amanhã.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/2021. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



Figura 04: Praça Mauá após as obras de revitalização, sem a Perimetral e com o Museu do Amanhã ao fundo (2016).

Fonte: <https://museudoamanha.org.br/> - Acesso em: 10 de maio. 2021

Portanto, com a realização dos jogos olímpicos, a cidade do Rio de Janeiro - como a zona portuária - passa a receber investimentos e diversas obras são realizadas. Uma dessas obras que mais impactou a cidade no contexto turístico foi realizada na zona portuária, tendo na Praça Mauá um símbolo máximo dessa revitalização.

A zona portuária por ter mais de 05 milhões de metros quadrados, apresenta hoje diversas opções turísticas, um verdadeiro complexo turístico inserido numa área em que a vida não parou, sendo resistência por parte de muitos que viveram e vivem nessa área da cidade. Dessa revitalização surge o nome – Porto Maravilha em alusão à cidade maravilhosa.

Dentro desse complexo encontramos os seguintes atrativos turísticos: **Praça Mauá, Museu do Amanhã, Museu de Arte do Rio (MAR), Largo de São Francisco da Prinha, Pedra do Sal, Morro da Conceição, Cais do Valongo, Jardim Suspenso do Valongo, AquaRio, Boulevard Olímpico (Orla Conde), Beco das Sardinhas, Angu do Gomes** e mais recentemente a maior **roda gigante da América Latina**. Podemos dizer então que a zona portuária guarda muitas histórias do Rio, e uma caminhada por suas ruas revela a riqueza material e imaterial contidas ali. Toda essa área, onde nasceu o samba, tem notória vocação

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/20121. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

cultural, com manifestações artísticas de todo tipo, marca da identidade desses bairros que compõem a zona portuária.



Figura 05: Museu do Amanhã

Fonte: <https://museudoamanha.org.br/> - Acesso em: 10 de maio. 2021

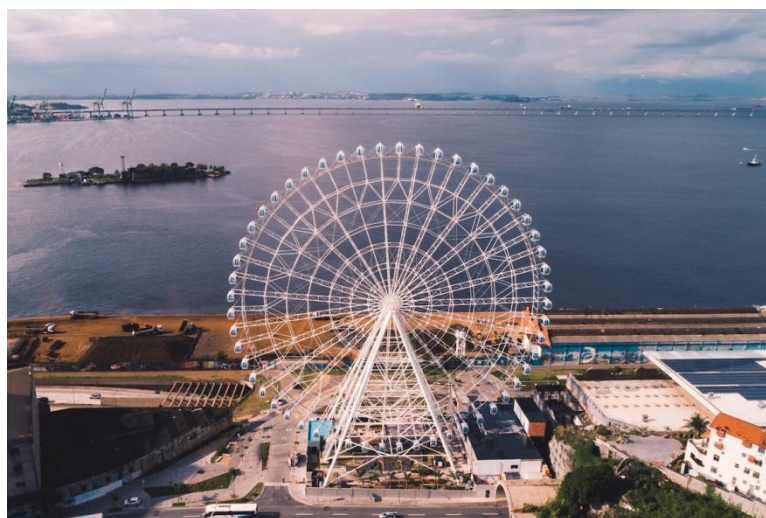


Figura 06: Roda Gigante do Rio de Janeiro – (Praça Mauá) Fonte: <https://riostar.tur.br/>- Acesso em: 10 de maio.

2021

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/20121. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF



Figura 07: Museu de Arte do Rio (MAR)

Fonte: <http://museudeartedorio.org.br/> - Acesso em: 10 de maio. 2021

Assim, percebemos que esses fixos (construções), conforme figuras 05, 06 e 07 – (Museu do Amanhã, Roda Gigante e Museu de Arte do Rio - MAR), entram no circuito carioca do turismo, complementando a vocação turística original de uma cidade que apresenta belas praias, e muitas famosas pelo mundo todo. Segundo Allis e Vargas (2015), a concepção tradicional de “turista” não parece dar conta de explicar o avanço do turismo urbano na dinâmica de grandes cidades, como da cidade do Rio de Janeiro, especialmente porque os comportamentos espaciais dos turistas e dos moradores (cariocas ou não) são, em grande medida, semelhantes e se confundem. A própria Praça Mauá é um lugar plural em que encontramos pessoas das mais diversas nacionalidades, e nesse sentido, morador e turista se confundem e se entrecruzam.

Logo, o Rio de Janeiro por meio da revitalização da zona portuária passa por um processo em que o turismo se diversifica, oferecendo opções para além das praias, e no contexto pandêmico de 2020 até agora, a praça passa por um esvaziamento em virtude do isolamento social.

E nesse contexto, a cidade do Rio por ser uma cidade extremamente desigual e segregada, é possível encontrarmos cariocas (e moradores) que não desfrutam desses eventos turísticos pelos mais variados motivos. Assim, podemos citar, por exemplo, a dificuldade de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/2021. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

acesso dos moradores que estão em áreas mais afastadas do centro do Rio e dos locais onde há oferta de serviços turísticos e que dependem de um sistema de transporte que seja eficaz, o que não acontece na cidade. Importante frisar que existe uma linha tênue entre o que é ser turista ou não, e assim concordamos com Allis e Vargas (2015, p. 501),

Por mais corriqueira que possa ser a paisagem urbana a seus moradores, os significados e as interações que se processam podem perfeitamente variar, de maneira que o residente, como sugerido por Walter Benjamin, pode se converter, se assim o desejar, no *flâneur*, “perambulando” pela cidade, muitas vezes com o mesmo grau de estranhamento e deslumbramento de um turista, ainda que considerá-los viajantes possa parecer um exagero.

Porém, para além dos fixos que encontramos nessa área da cidade, ainda temos lugares dotados de valor cultural para além daquilo que a visão abarca. Exemplo disso é o Cais do Valongo, outro atrativo turístico da zona portuária.

O tráfico Atlântico (pessoas escravizadas) e a escravização de africanos nas Américas entre os séculos XVI e XIX é um longo e trágico episódio de enorme relevância para a história da humanidade. Quase um quarto de todos os africanos escravizados nas Américas chegaram pelo Rio de Janeiro. Portanto, a cidade pode ser considerada o maior porto escravagista da história.

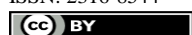
Revelado por escavações arqueológicas realizadas em 2011, em virtude das obras para as Olimpíadas, o Cais do Valongo assumiu o valor simbólico de testemunho material das raízes africanas nas Américas e constitui um desses espaços em que a materialidade se condensa em memória viva, exemplo da chegada e da fixação dos africanos neste lado do Atlântico, conforme figura 08. E, recentemente, o Cais do Valongo recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade, pela UNESCO.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, n°. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/20121. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF



Figura 08: Vista frontal do Sítio Arqueológico – Cais do Valongo Fonte: O autor (2019).

No primeiro plano, os vestígios do Cais da Imperatriz, seguidos do calçamento do Cais do Valongo. Ao fundo, no centro, a coluna alusiva do Cais da Imperatriz.

Assim, concordamos com Cifelli (2012, p. 119), e entendemos que,

Num cenário de acirramento da competição global entre cidades, os centros urbanos patrimonializados, por seus atributos materiais diferenciais e pelo forte simbolismo que carregam, constituem-se em elementos representativos para a criação e difusão de imagens dotadas de especificidades que distinguem e valorizam a cidade em que se localizam, tendo o patrimônio como sua principal referência identitária.

A zona portuária é, pela riqueza que apresenta, uma área repleta de atributos com valor turístico, permeado de histórias de resistências do passado, mas também resistências encontradas no presente. Isso se dá em virtude, por exemplo, de locais pobres no entorno dessa área que não foram “revitalizadas”, muito pelo contrário, criou-se um cenário/paisagem de contraste ainda maior entre locais pobres e áreas turísticas, a exemplo do Morro da Conceição, vizinho à Praça Mauá.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/20121. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF



Figura 09: Morro da Conceição – Zona Portuária / RJ Fonte: O autor (2019).

Por outro lado, temos, conforme figura 10, o Boulevard Olímpico (Orla Conde), em que é possível perceber que é uma área ampla, com paredões imensos, voltados ao grafite de diversos artistas, inclusive Eduardo Kobra e os Gêmeos. É possível vermos também, em primeiro plano, a presença do Veículo Leve sobre Trilhos – (VLT), que além de cumprir seu papel principal, ligando à rodoviária Novo Rio ao aeroporto do Rio de Janeiro – (Santos Dumont), exerce também um valor turístico, já que o VLT passa por todo circuito turístico em que a zona portuária se encontra.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/2021. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF



Figura 10: Boulevard Olímpico – (Orla Conde)

Fonte: <https://www.vlrio.com.br/#/> - Acesso em: 10 de maio. 2021.

É possível aproximarmos, a exemplo do que aconteceu em Havana Velha (Cuba), que a refuncionalização da zona portuária gerou um processo de acentuação das disparidades sociais.

Na América Latina tais intervenções, lidas aqui no contexto da revitalização da zona portuária, passa a ocorrer de forma mais acentuada nos centros urbanos e nos sítios antigos, voltados à recuperação destas áreas para o consumo cultural, do lazer e para o turismo, e não para o retorno das classes médias e das elites para fins residenciais, como ocorreu nos países centrais. Embora, aqui, vemos que na verdade a zona portuária passa a ser local de moradia precária devido ao seu abandono e das políticas higienistas promovidas por Pereira Passos, e hoje, essas mesmas construções contrastam com as edificações robustas e modernas que ocupam a mesma área (GONZÁLEZ; PAES, 2020).

Ainda, podemos perceber que de uma forma mais sutil, a presença de um arquétipo, em que o simulacro criado é o aquário do Rio – (AquaRio), que exerce para os seus visitantes/turistas uma experiência de contato “direto” com o mundo marinho.

Para Fernandes (2020, p. 175), “nesta viagem por lugares reais e irreais, mas vividos, nesta globalização que traz complexidade ao conceito de distância (e não a sua simples compressão), é comum a encenação do que está longe e do que parece inalcançável”.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/2021. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

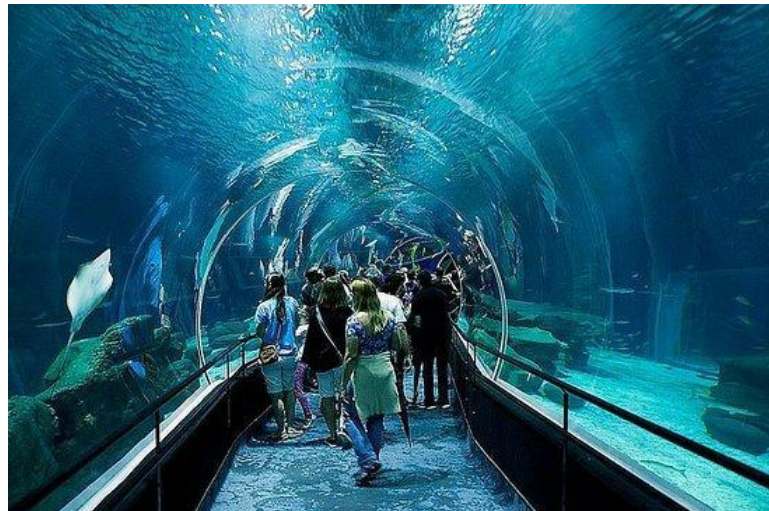


Figura 11: Aquário do Rio – (AquaRio)

Fonte: <https://www.aquariomarinhodorio.com.br/> - Acesso em: 10 de maio.

Segundo Milton Santos, os objetos fixos que compõem o espaço, entendidos como aqueles que são construídos pelo homem em determinado momento histórico, são de grande importância, pois funcionam como legado, por sua permanência no espaço geográfico ao qual esteja inserido, e isso ajuda a entender o espaço que temos hoje nessa região da zona portuária. Santos, afirma que,

O passado passou e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente, enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como tempo, não, porém como espaço; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social (SANTOS, 2007, p. 14).

Podemos concluir então, que a revitalização da zona portuária trouxe inúmeros avanços no meio turístico, valorizando uma área até então degradada, aquecendo a economia local e dando oportunidade de lazer e entretenimento, inclusive aos moradores do entorno, como do Morro da Conceição. Sem perder a crítica, ao olharmos para a dualidade da zona portuária com seus investimentos refletidos nas paisagens e em contraste com algumas localidades carentes,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/2021. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

percebemos que esses lugares ainda sofrem com problemas típicos da ausência do Estado, a começar pela falta de segurança pública.

Em suma, percebemos então as transformações da paisagem da zona portuária do Rio de Janeiro ao longo da sua história. E hoje, temos uma paisagem encenada, que cumpre com a finalidade de atender a um público que deseja usufruir de momentos de lazer e entretenimento. Contudo, essa mesma paisagem que agrega é a mesma que segrega. Ou será que todos têm acesso igualitário aos mesmos serviços ali oferecidos?

REFERÊNCIAS

ALLIS, T.; VARGAS, H, C. **Turismo Urbano em São Paulo: reflexões teóricas e apontamentos empíricos**. Turismo em Análise, V.26, N.3, p. 496 - 517, 2015.

CIFELLI, G. **Imagem, representação e dinâmica territorial do turismo em Ouro Preto e no Pelourinho – Salvador**. E cadernos CES [Online], n. 15, 2012, p. 118-141.

FARIAS, Bárbara Rosendo de. **Parcerias Público-Privadas na Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal Fluminense (UFF) - (Graduação em Geografia), Niterói – 2019. P. 55.

FERNANDES, José Luís Jesus. **Arquétipos e paisagens. Simulacros e anatopias geográficas nos territórios de consumo, lazer e turismo**. Revista Biblos. N. 06. 3ª. Edição. P. 169-191. 2021. https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-6_8

GONZÁLEZ, María Karla Hernández; PAES, Maria Tereza Duarte. **Refuncionalização turística do centro histórico de Havana Velha**. Mercator, Fortaleza, v.19, e 19020, 2020.

IBGE: **Aglomerados Subnormais no Censo, 2010**. Fonte: <https://censo2010.ibge.gov.br/agsn/> - Acesso: 10 de mai. 2021.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: EdUSP, 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DO RIO DE JANEIRO – (SETUR/RJ) – Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/setur> - Acesso: 09 de mai. 2021.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

FREITAS, Rafael Alves. As transformações na Paisagem Portuária do Rio de Janeiro. **Revista Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº. 16, pp. 135-147, janeiro-abril de 2022.

Submissão em: 21/12/2021. Aceito em: 07/04/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons